



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

ROMILA HOFFMAN DO AMARAL

**JORNALISMO HUMANIZADO: UMA ANÁLISE
DA PRODUÇÃO DA REPÓRTER ELIANE BRUM**

CAXIAS DO SUL

2021

ROMILA HOFFMAN DO AMARAL

**JORNALISMO HUMANIZADO: UMA ANÁLISE
DA PRODUÇÃO DA REPÓRTER ELIANE BRUM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof.º Me. Jacob Raul Hoffmann

CAXIAS DO SUL

2021

ROMILA HOFFMAN DO AMARAL

**JORNALISMO HUMANIZADO: UMA ANÁLISE
DA PRODUÇÃO DA REPÓRTER ELIANE BRUM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Aprovado em: ___/___/2021.

Banca Examinadora:

Prof.º Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul

Profª. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul

Profª. Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho àqueles que, como eu, acreditam que antes de ser jornalista, é necessário ser humano. Nenhuma pauta é melhor do que a outra, toda história precisa ser respeitada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a poesia, foram eles que me apresentaram ao jornalismo. Sou declamadora e em todas as minhas apresentações sempre procurei sair de mim para entrar na história que eu estava recitando, o que eu não sabia é que no processo das reportagens fazemos isso, mergulhando no mundo dos entrevistados. Jornalismo é poesia!

Aos meus pais, Vilson e Lenira, que são o meu porto seguro, deles herdei o senso de justiça e a sensibilidade que carrego no olhar. Me apoiaram as cinco vezes em que troquei de curso, me deram a oportunidade de estudar por um ano em Buenos Aires, e nos momentos de indecisões que eu buscava ficar no escuro, eles foram sol fazendo com que eu não desistisse de nada.

A minha avó, Maria Cândida, um ser muito especial que me criou, sendo uma parceira de vida, por isso a chamo de alma gêmea.

Gratidão a minha irmã, Dara Hoffman, pelo apoio, compreensão, embora sejamos diferentes, isso é o que torna o nosso laço cada vez mais forte.

A minha amiga de quatro patas, Pandora, que durante todo o período de estudos ficou sentada ao meu lado como uma guardiã.

Agradeço a minha madrinha, Lucia Simione Machado, por tudo o que me ensinou. Assim como Ailce de Oliveira Souza, personagem de uma das reportagens analisadas nesta pesquisa, ela também morreu de câncer, mas respirou esperança até o fim.

Agradeço ao meu orientador Jacob Raul Hoffmann, por todo o aprendizado, paciência, pela forma gentil de apontar os meus erros e mostrar o caminho para que este trabalho fosse realizado.

A Eliane Brum, ela não sabe, mas mudou a minha visão no jornalismo cobrindo o meu olhar de empatia.

Aos personagens reais das reportagens analisadas, com eles aprendi a enxergar além, a não separar mundos e a valorizar e respeitar a história de cada ser humano.

Gratidão a todos os meus amigos e familiares.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso dedicou-se a analisar *como se caracteriza a produção jornalística de Eliane Brum em suas reportagens* e a importância do Jornalismo Humanizado. Para compreender as características do trabalho da repórter, foram analisadas três grandes reportagens e, nelas, realizou-se um estudo mapeando a estrada que a jornalista percorre para tocar a alma do leitor e fazer com que ele mergulhe nas histórias dos entrevistados. Os aspectos metodológicos utilizados se fundamentam na pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, baseada nos estudos de Laurence Bardin. O trabalho tem como objetivos: *refletir sobre a importância do jornalismo humanizado na sociedade; analisar o trabalho da jornalista Eliane Brum, nas perspectivas do jornalismo humanizado e mostrar que as reportagens humanizadas são como uma ponte de aproximação com o leitor*. Como fundamentação teórica, a pesquisa traz características do jornalismo, do jornalismo humanizado, e a maneira sensível com que Eliane Brum costura as narrativas. O objeto de estudo deste trabalho, sobre o qual é desenvolvida a análise, é constituído por três reportagens: *Mães vivas de uma geração morta*, *A mulher que alimentava* e *Mães yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês*. Para compreender e destacar a importância do jornalismo humanizado, a pesquisa recorre a autores que o caracterizam como uma forma transformadora e humana de produzir narrativas, mostrando que é possível ter um olhar sensível frente aos acontecimentos. A pesquisa proporciona conhecer um pouco mais sobre o trabalho da repórter Eliane Brum, ressaltando que seus textos conversam com o íntimo, que é preciso ter respeito com as histórias dos entrevistados, fugindo de um jornalismo raso e se aprofundando nos relatos. Revela ainda que, antes de ser jornalista, é necessário ser humano.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Humanizado; Jornalismo Literário; Eliane Brum; Reportagens.

ABSTRACT

This course conclusion work was dedicated to analyzing how Eliane Brum's journalistic production is characterized in her reports and the importance of Humanized Journalism. To understand the characteristics of the reporter's work, three major reports were analyzed and, in them, a study was carried out mapping the road that the journalist takes to touch the reader's soul and make him immerse himself in the interviewees' stories. The methodological aspects used are based on qualitative research, bibliographical research and content analysis, based on studies by Laurence Bardin. The work aims to: reflect on the importance of humanized journalism in society; analyze the work of journalist Eliane Brum, from the perspectives of humanized journalism and show that humanized reports are like a bridge to bring the reader closer. As a theoretical foundation, the research brings characteristics of journalism, humanized journalism, and the sensitive way in which Eliane Brum sews narratives. The object of study of this work, on which the analysis is developed, consists of three reports: Living mothers from a dead generation, The woman who fed and Yanomami mothers beg for the bodies of their babies. To understand and highlight the importance of humanized journalism, the research uses authors who characterize it as a transforming and human way of producing narratives, showing that it is possible to have a sensitive look at the events. The research provides knowledge of a little more about the work of reporter Eliane Brum, emphasizing that her texts speak intimately, that it is necessary to have respect for the interviewees' stories, escaping from shallow journalism and going deeper into the reports. It also reveals that, before being a journalist, it is necessary to be human.

Keywords: Journalism; Humanized Journalism; Literary Journalism; Eliane Brum; Reports.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenvolvimento de uma análise	15
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	12
2.1 PESQUISA QUALITATIVA	12
2.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO	13
2.3.1 Organização da análise.....	13
2.3.2 Pré-análise	13
2.3.3 Exploração do material.....	14
2.3.4 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação	15
2.4 CODIFICAÇÃO.....	16
2.5 CATEGORIZAÇÃO.....	16
2.6 INFERÊNCIA.....	17
2.7 TRATAMENTO INFORMÁTICO	17
3 JORNALISMO	19
4 JORNALISMO HUMANIZADO	28
4.1 JORNALISMO HUMANIZADO ALÉM DA ESCRITA	33
4.2 A POESIA DA VIDA REAL.....	35
4.3 JORNALISMO HUMANIZADO NA SOCIEDADE	37
5 ELIANE BRUM	40
5.1 O OLHAR SENSÍVEL DA JORNALISTA ELIANE BRUM NO JORNALISMO HUMANIZADO.....	41
5.2 A RELAÇÃO DA REPÓRTER COM O ENTREVISTADO	44
6 ANÁLISE	52
6.2 MÃES VIVAS DE UMA GERAÇÃO MORTA.....	53
6.3 A MULHER QUE ALIMENTAVA.....	59
6.4 MÃES YANOMAMI IMPLORAM PELOS CORPOS DOS SEUS BEBÊS	66

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	75
ANEXOS	81

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo humanizado é um construtor de pontes de aproximação do leitor com uma realidade recheada de histórias distintas, é feito de forma aprofundada, na qual, além de noticiar, emprega recursos literários repletos de sensibilidade. Esse não é um estilo predominante na imprensa, mas ganha destaque por ser um recurso que através das palavras toca o coração das pessoas, buscando envolver a sociedade nos relatos, mergulhando no mar interior dos que se alimentam da leitura.

A escolha do tema para este trabalho, que é jornalismo humanizado, justifica-se pela transformação/impacto/sensibilização que esta forma de fazer jornalismo pode causar na sociedade. Nessa perspectiva, não basta escrever e noticiar se não for para fazer a diferença, buscando sensibilizar os leitores e instigá-los a retirar as cortinas da janela dos olhos para enxergar o outro livre de preconceitos.

Para a construção da pesquisa, foi estabelecida a questão norteadora *Como se caracteriza a produção jornalística de Eliane Brum em suas reportagens?* Foram elaboradas quatro hipóteses como possíveis respostas: *caracteriza-se pela forma de como Eliane Brum conta as histórias nas reportagens; define-se pelo contato, pela relação que a repórter tem com as fontes; destaca-se pela atenção que dá aos assuntos, não deixando os detalhes passarem despercebidos e pela simplicidade como os descreve. A jornalista não espera por pautas que sejam “obras faraônicas”, “simplesmente” transforma o invisível em visível.* Os objetivos da presente pesquisa são: *refletir sobre a importância do jornalismo humanizado na sociedade; analisar o trabalho da jornalista Eliane Brum, nas perspectivas do jornalismo humanizado; e mostrar que as reportagens humanizadas são como uma ponte de aproximação com o leitor.*

O segundo capítulo deste trabalho traz a metodologia, onde utilizamos a pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo baseada nos estudos de Laurence Bardin.

No terceiro capítulo, são apresentadas características do jornalismo clássico, mostrando como se desenvolve o trabalho dos jornalistas, a intensidade e habilidades que necessitam para realizar o ofício, a construção das notícias desde o surgimento da pauta, levantamento de dados, contato com as fontes, até a sua finalização, também o papel do profissional na sociedade sendo um colaborador na prestação de serviços. É destacado o pensamento de autores enfatizando os recursos utilizados para a produção das notícias buscando a verdade para manter a credibilidade.

O quarto capítulo trata do jornalismo humanizado e, dentro dele, *o jornalismo humanizado além da escrita; a poesia da vida real; e o jornalismo humanizado na sociedade*. Neste conteúdo, é apresentada a sensibilidade no fazer jornalístico, o funcionamento do processo de entrega do jornalista com a pauta. É frisado que o desenvolvimento para a construção da reportagem vai além de escrever, mostra que esta forma de fazer jornalismo se difere nos recursos que são empregados. Para compreendê-lo, a pesquisa recorre a vários autores que o defendem como uma forma humana de sensibilizar os textos.

No quinto capítulo é apresentada uma breve biografia da repórter, também como subcapítulos: *o olhar sensível da jornalista Eliane Brum no jornalismo humanizado e a relação da repórter com o entrevistado*. O conteúdo contém citações da jornalista nas quais ela narra o processo de “esvaziamento e preenchimento”, para realizar o seu trabalho.

O sexto capítulo contém a análise das reportagens: *Mães vivas de uma geração morta, A mulher que alimentava e Mães yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês*, tratam-se de histórias reais costuradas com linhas de literatura, poesia e humanidade. A repórter eternizou essas mulheres em palavras e, todos que entrarem no mundo delas, correm o risco de saírem transformados.

O sétimo e último capítulo apresenta as considerações finais referentes a análise desta pesquisa. Buscou-se mostrar a importância de olhar para uma pauta com mais sensibilidade, não que o jornalismo humanizado se resuma a isso, mas trabalhar com os sentidos é essencial. Para a realização da análise, o aprofundamento no trabalho de Eliane Brum foi a tarefa fundamental.

As características que vamos estudar nesta pesquisa ajudam a compreender o valor de humanizar os textos jornalísticos sem negar o jornalismo clássico. Nas três reportagens analisadas, o leitor é convidado para um passeio em um mundo desconhecido, mas real e cotidiano, que, contudo, pode estar alheio ao olhar. A correria do dia a dia acaba fechando horizontes. O preconceito grita, a fome cala, a violência desfila pelas ruas, as oportunidades são afogadas; é uma realidade que não está distante de nós, basta termos sensibilidade para ver.

2 METODOLOGIA

Para desenvolver o trabalho, optamos por utilizar a pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. Dessa forma, o assunto abordado terá uma maior e melhor compreensão. Além disso, será comprovado através de estudos de pesquisadores.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA

O tema central do TCC se refere às características da escrita humanizada da repórter Eliane Brum no jornalismo. De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 269), “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano.” Nesse método de pesquisa, o pesquisador precisa apresentar algumas capacidades, como a interatividade, a de ouvir e a de observar, não necessitando do uso de métodos e técnicas estatísticas. Essa metodologia preocupa-se com o ambiente natural e trabalha com a essência.

2.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se a partir de fontes, livros, artigos científicos, materiais disponibilizados na internet, entre outros, e tem o objetivo de ampliar o conhecimento tendo como base um estudo através do trabalho de pesquisadores.

a) para ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa; b) para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipóteses; c) para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema. (KOCHE, 1997, p. 122)

Essa forma de pesquisa objetiva explorar determinado tema através de dados fundamentados contribuindo teoricamente com o assunto. Sendo assim, é imprescindível para este trabalho.

2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Laurence Bardin (1979, p. 9), “a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a <<discursos>> (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.” Tendo em vista a proposta da autora, esse é o método mais apropriado para desenvolver o estudo.

Descrever a história da análise de conteúdo, é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações; é seguir passo a passo, o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século. Mas também é pôr em questão as suas condições de aparecimento e de extensão em diversos setores das ciências humanas, e tentar clarificar as relações que a análise de conteúdo mantém ou não com disciplinas vizinhas pelo seu objeto ou pelos seus métodos. (BARDIN, 1979, p. 13)

Esse método de análise, estruturado por Bardin, é constituído de cinco etapas: a organização da análise, a codificação, a categorização, a inferência e o tratamento informático.

2.3.1 Organização da análise

A autora organiza a análise em torno de três polos cronológicos. A primeira parte é a da pré-análise e possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

2.3.2 Pré-análise

É a fase da organização, das intuições, é o momento de colocar as ideias em prática para depois desenvolvê-las. O ciclo possui três missões que necessariamente não seguem uma ordem cronológica, mas que se ligam entre si. A leitura dos documentos é imprescindível. Dessa forma, é possível fazer uma análise mais aprofundada. É preciso reunir o máximo de informações possíveis que depois vão sendo peneiradas até encontrar uma solução para o problema.

De acordo com Bardin, é importante constituir um *corpus*. Esse é o nome dado ao conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. Deste acervo surgiram algumas regras:

Regra da exaustividade: uma vez definido o campo do corpus (entrevistas de um inquérito, respostas a um questionário, editoriais de um quotidiano de Paris, entre tal e tal data, emissões de televisão sobre determinado assunto, etc.), é preciso ter-se em conta todos os elementos desse corpus. [...] Regra da representatividade: A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. [...] Regra da homogeneidade: os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, devem obedecer a critérios precisos de escolha a não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha. [...] Regra de pertinência: os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise. (BARDIN, 1979, p. 97-98)

A hipótese trata-se de uma suposição, intuição que somente depois de ser submetida à prova de dados fundamentados é que pode se considerar verdadeira. A finalidade deste trabalho é analisar o trabalho da jornalista Eliane Brum nas perspectivas do jornalismo humanizado, e também o quanto as reportagens humanizadas podem fazer a diferença na vida das pessoas. Neste estudo, as hipóteses vêm ao encontro dos objetivos em questão e são fundamentais para dar vida e compreender melhor o sentido da pesquisa.

A elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final, deve ser precisa e segura. Desde a pré-análise devem ser feitos procedimentos. Conforme Bardin, (1979, p. 100), “de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados.”

2.3.3 Exploração do material

Nesta segunda parte, é o momento em que o conteúdo do ciclo anterior será aplicado. De acordo com Bardin, (1979, p. 101), “esta fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.” Aqui é possível mencionar o material que servirá como fonte inesgotável de conhecimento. Este estudo gira em torno de três grandes reportagens da jornalista Eliane Brum. Duas delas estão no livro *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)*, *Mães vivas de uma geração morta* e *A mulher que alimentava*. A outra é uma reportagem que foi publicada

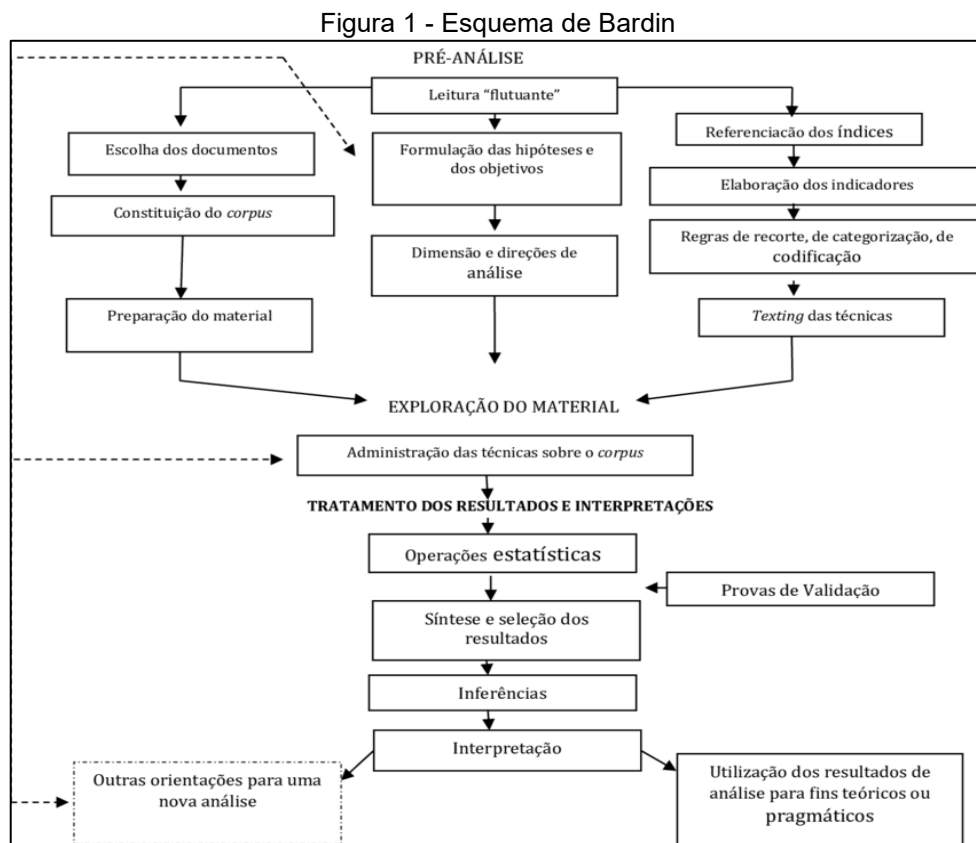
em 2020, na plataforma do *Jornal El País*, intitulada: *Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*. São três trabalhos diferentes, mas com uma visão humana, carregada de sensibilidade.

2.3.4 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Já na terceira e última etapa, os resultados brutos começam a ganhar um significado dentro da pesquisa.

Para um maior rigor, estes resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como testes de validação. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 1979, p. 101)

É a fase de prova dos resultados, onde os objetivos aparecem com mais clareza. A análise proposta por Bardin resume em poucas palavras todo o caminho que será percorrido para a realização da pesquisa. A Figura 1 apresenta o Esquema de Bardin.



Fonte: Bardin (1979, p. 102)

2.4 CODIFICAÇÃO

A autora explica que tratar o material é codificá-lo. De acordo com Bardin (1979),

A codificação corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que pode servir de índices. (BARDIN, 1979, p. 103)

Para direcionar o estudo e comprová-lo, foram retiradas de livros e reportagens trechos de codificações escritas pelos autores. Dessa forma, o conteúdo vai incorporando o trabalho e o alimentando para que o objetivo da pesquisa seja atingido.

2.5 CATEGORIZAÇÃO

Depois de codificar o material, é necessário produzir um sistema de categorias. Segundo Bardin (1979, p. 119), “a categorização tem como primeiro objetivo, fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.” A categorização não é uma etapa obrigatória dentro da análise de conteúdo, mas é importante montar um roteiro organizado para que o material possa ter uma ordem dentro da proposta, ou seja, que os assuntos fiquem costurados um no outro. Bardin aponta que existem categorias boas e más, e as categorias boas devem possuir as seguintes qualidades:

A exclusão mútua: Esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão.[...] A homogeneidade: O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias.[...] A pertinência: Uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido.[...] A objetividade e a fidelidade: Estes princípios, tidos como muito importantes no início da história da análise de conteúdo, continuam a ser válidos. As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. [...] A produtividade: [...] um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de interferências, em hipóteses novas e dados exatos. [...] (BARDIN, 1979, p.120-121)

2.6 INFERÊNCIA

Esta etapa do conteúdo é abordada seguindo possíveis polos de atração. Conforme Bardin (1979, p. 133), “pode reenviar ou apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor, enquanto polos de inferência propriamente ditos.”

O emissor ou produtor da mensagem pode ser apenas um indivíduo ou um grupo de pessoas. “Neste caso, insiste na função expressiva ou representativa da comunicação. Com efeito, pode avançar-se a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor.” (BARDIN, 1979, p. 133-134).

O receptor pode ser um indivíduo, um grupo ou uma massa de indivíduos. “Nesta óptica, insiste-se no fato da mensagem se dirigir a este indivíduo (ou conjunto), com a finalidade de agir ou de adaptar-se a ele ou a eles.” (BARDIN, 1979, p. 134).

A mensagem é o material, o ponto de partida. “De fato, existem duas possibilidades, correspondentes a dois níveis de análise: o continente e o conteúdo; ou ainda os significantes e os significados; ou ainda o código e a significação...com uma possível passagem de informações entre os dois planos.” (BARDIN, 1979, p. 134).

Já o código é visto “[...] como um indicador capaz de revelar realidades subjacentes”. (BARDIN, 1979, p. 135).

A significação mostra que a passagem sistematizada pelo estudo formal do código nem sempre é indispensável. “A análise de conteúdo, pode realizar-se a partir das significações que a mensagem fornece.” (BARDIN, 1979, p. 135).

2.7 TRATAMENTO INFORMÁTICO

Nesta etapa, a autora fala sobre a utilidade do computador na análise de conteúdo.

[...] O ordenador não pode fazer tudo, necessitando de operações prévias (transcrição do texto para cartões perfurados por exemplo) geralmente uma preparação do material verbal e uma grande previsão das regras de codificação. A análise pode ser automatizada em diversos graus: Algumas são automatizadas na quase totalidade e outras somente nalgumas operações, fazendo-se o resto manualmente. (BARDIN, 1979, p. 144)

O tratamento informático auxilia na busca pelo conteúdo desenvolvido na pesquisa. Com o acesso à internet, torna-se mais fácil encontrar artigos, livros, reportagens, conteúdos fundamentais para agregar no trabalho.

3 JORNALISMO

O trabalho dos jornalistas é intenso e exige certas habilidades como uma boa escuta, observação e atenção. Nos bastidores da notícia, tudo acontece muito rápido sendo essencial a presença de olhos certos aos detalhes.

Entre a ocorrência de um fato e a sua veiculação, seja por jornais ou revistas, seja pela televisão, percorre-se um caminho relativamente rápido, se medido em horas, mas bastante tortuoso e complexo. A começar do fato de que a imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas também da discussão, do debate e da análise de acontecimentos ou situações intemporais - ou seja, que estão acontecendo, e não simplesmente que aconteceram. (ROSSI, 1980, p. 6)

O jornalismo desempenha um papel importante na sociedade, sendo o responsável por garantir que a população tenha acesso às informações apuradas e verdadeiras. É uma profissão necessária que dá voz às palavras.

Existem profissões especiais? Até que ponto o jornalismo é diferente das outras atividades da sociedade moderna? O jornalismo é mesmo uma profissão ou um estado de espírito? Mesmo numa empresa de comunicação, os jornalistas são considerados como privilegiados. Aqueles que procuram o poder os en Deusam. Aqueles que chegaram ao poder os abominam. O público os vê mitologicamente. Que é, pois, o jornalista? É o intermediário da sociedade, tem dito o sociólogo americano Paul Lazarsfeld. (DINES, 1986, p. 118)

Conforme Silveira (2018, p. 25), “o elemento noticioso e os critérios de noticiabilidade, ambos fundamentais à prática do jornalismo, têm sua gênese na Antiguidade Clássica.” Dessa forma, e neste tempo presente, vamos conhecer a arte que o jornalista faz através da escrita. Para produzir uma notícia, é necessário ter uma pauta, para começar o processo de produção com o levantamento de fontes, informações verdadeiras, dados que possam sustentar o trabalho.

A pauta é uma das fases mais importantes da produção da notícia, pois é a partir de sua definição que os demais elementos são inseridos. Uma pauta mal escolhida pode resultar em uma notícia imprecisa e despropositada. Elementos como as fontes são indispensáveis para a construção da notícia e devem ser escolhidas de acordo com a necessidade. As fontes podem ser oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, terciárias, testemunhais e experts. O jornalista saberá qual fonte utilizar quando definir a pauta. (SILVEIRA, 2018, p. 128)

Escrever uma notícia é como harmonizar uma orquestra. As informações não

podem ser simplesmente jogadas no papel, já que isso causaria confusão ao leitor. O jornalista segue o *lead* (ou lide), termo esse que é como uma oração na profissão, uma forma objetiva de noticiar. É uma resenha que vai no início do texto respondendo às perguntas essenciais do leitor: O quê? Quem? Como? Onde? Quando? E por quê?

Uma singularidade muito forte do lide é o tratamento estilístico que recebe: os dados são apresentados numa articulação tal que ao leitor resta ir até o fim, sem qualquer convite à pausa. Ele funciona como uma espécie de “rede” que envolve e segura o receptor daquela informação (a ideia tradicional de que o lide seja uma “isca” tem uma carga muito negativa, sugere engodo.) É possível compará-lo a um “jorro”; para alcançar tal efeito, o lide “clássico” costuma ter um só ponto final, que é também o ponto delimitador do parágrafo. Em síntese, pode-se afirmar que o lide exerce uma série de funções no relato. Elas são as seguintes: apontar a singularidade da história, informar o que se sabe de mais novo sobre um acontecimento, apresentar lugares e pessoas de importância para entendimento dos fatos, oferecer o contexto em que ocorreu o evento, provocar no leitor o desejo de ler o restante da matéria, articular de forma racional os diversos elementos construtivos do acontecimento e resumir à história, de forma mais compacta possível, sem perder a articulação. (PENA, 2005, p. 44)

As seis perguntas do *lead* são importantes, porém, o porquê é fundamental, como se colocássemos as outras indagações dentro dele. Ele resume tudo, afinal de contas, toda ação tem um porquê, um motivo. É preciso que o jornalista seja curioso, inquieto e questione.

Com ou sem padronização, é muito provável que um jornalista que consiga responder, com exatidão e o maior número possível de detalhes relevantes, às seis questões fundamentais de cada acontecimento (o quê, quem, onde, como, quando, por quê) produzirá um trabalho jornalístico no mínimo aceitável. Mas, no universo informativo atual, uma dessas seis perguntas deveria merecer prioridade sobre as outras: por quê. O porquê de um determinado fato envolve uma investigação profunda sobre seus antecedentes e consequências e uma razoável soma de conhecimentos sobre o tema que está sendo tratado. E é imperioso que a imprensa se debruce sobre os porquês, na medida em que rádio e televisão têm limitações congênicas para invadir esse terreno. (ROSSI, 1980, p. 13)

Depois de compreender o *lead*, fica mais fácil desenvolver o trabalho, já que ele nos mostra um ponto de partida. Ao ler uma notícia, o leitor busca por respostas às suas perguntas. O *lead* faz este compilado reunindo, de uma maneira objetiva e didática, as informações. De acordo com Pena (2005, p. 50), “o conceito de objetividade é um dos mais discutidos em jornalismo.”

Essa concepção contempla as informações fundamentais enfatizando a parte mais recente de um fato. Para Lage (1998, p. 16), “o conceito de objetividade na construção da notícia é definido no jornalismo moderno [...] como o relato de uma série de

fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do fato mais interessante ou importante [...]” Silveira (2018, p. 138), segue no mesmo pensamento, quando afirma que

[...] o jornalismo propriamente dito prioriza a informação básica, essencial ao entendimento do que se quer noticiar. Aspectos como prazo e espaço disponível forçam o jornalista (e o próprio veículo de comunicação) a enxugar o texto para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar. (SILVEIRA, 2018, p. 138)

De acordo com o raciocínio dos autores, o jornalismo parece caminhar em um terreno fértil, mas aproveita dele aquilo que é pertinente, a ideia central sem mergulhar, de uma forma mais profunda, no início da notícia, e tudo isso sem perder a credibilidade. Por outro lado, a apuração das informações é feita de forma precisa, abrindo portas para a realização de um trabalho investigativo.

A apuração da notícia pode ser feita: pela observação direta; pela simples coleta (via telefone, mediante testemunha); pelo levantamento das circunstâncias, indícios e outros elementos; pela investigação (que é uma forma especializada de observação direta); pelo despistamento (com o emprego de formas indiscretas ou incomuns que não contrariem a ética profissional); pela comparação (método usual entre os que recolhem certas informações confidenciais ou reservadas que, para serem publicadas, exigem uma prévia confirmação de alguma fonte envolvida no assunto); pela análise (quando a notícia deve passar por um processo crítico ou por uma confrontação de dados relativos que permitam uma perspectiva do acontecimento). (BAHIA, 1990, p. 41)

O foco do jornalismo é trabalhar com a verdade para manter a credibilidade. Para isso é necessário mergulhar nos assuntos.

Embora a batalha da informação tenha lances vitais vividos dentro de uma redação, como já se viu, ela também ocorre fora dela. A coleta de informações precisas, acuradas e, dentro do possível, aprofundadas, é - ou, ao menos, deveria ser o foco central do jornalismo. (ROSSI, 1980, p. 17)

O jornalismo é feito de histórias que precisam ser contadas. Podemos afirmar que jornalistas são contadores de histórias da vida real. Por mais extensos que sejam os relatos, é necessário que se cumpra o papel de encontrar formas de transformá-los em notícias, ou até mesmo em grandes reportagens.

É preciso que o repórter/jornalista enxergue além dos números oficiais. Os pareceres e informações provenientes de fontes oficiais devem vigorar como

ponto de partida. Não como pauta e textos prontos. Cabe ao repórter aprofundar a apuração. Muitas vezes informações aparentemente irrelevantes podem até não resultar em nada, mas também não raro, podem revelar dados preciosos e passíveis de investigação pormenorizada. Ir além, antes de ser um tiro no escuro, tem grandes chances de revelar notícias de peso. (SILVEIRA, 2016, p. 145)

A função primordial do jornalismo é informar. De acordo com Bonner (2009),

Quando uma equipe de reportagem é designada para sair às ruas apenas em busca da comprovação de uma tese, o trabalho jornalístico de investigação está em risco. O ideal (e o que devemos buscar é sempre o ideal) é que uma reportagem seja aberta à investigação, à descoberta, à constatação – e que contemple uma pluralidade de opiniões, de pontos de vista. (BONNER, 2009, p. 119)

Ainda segundo Bonner (2009, p. 119), “[...] as pautas boas, de verdade, são as que afetam a vida das pessoas [...]”. A pauta é o eixo central, a partir das informações construídas ao redor dela, o assunto sai da “caixa de formatação” do jornalista e vira notícia. É como um pássaro que, ao ver a liberdade, voa para o mundo.

As principais características da notícia que fazem com que o conteúdo retrate a realidade devem evidenciar aspectos como: atualidade, veracidade, regularidade, interesse público, proximidade, importância, curiosidade, conflito, sentimento e consequência. Vale lembrar que esses aspectos são denominados valor-notícia, ou critérios que indicam o grau de noticiabilidade de um acontecimento. É certo que a notícia nem sempre vai reunir todas essas características. Porém, a apresentação do maior número delas irá facilitar a veiculação. (SILVEIRA, 2018, p. 180)

O jornalista não pode ser prisioneiro de uma pauta. Além da técnica, é necessário ter sensibilidade, tendo em vista que a notícia é uma informação, embora nem toda informação tenha relevância para ser noticiada.

A pauta não é uma camisa de força que aprisiona e sufoca o trabalho de execução do repórter. Se o repórter no momento em que estiver realizando a matéria perceber que a realidade não é bem descrita na pauta, ele pode, sim, mudar o gancho e fazer a matéria de acordo com o que ele está percebendo na rua. Ele deve apenas comunicar à chefia de redação ou ao editor-chefe do telejornal para o qual vai enviar a matéria, uma vez que o diretor tem que estar ciente de como a matéria está sendo executada. (CRUZ NETO, 2008, p. 25)

Um passo importante para escrever uma boa matéria é realizar entrevistas pessoalmente. Por telefone, o horizonte do jornalista se torna limitado, e o campo da visão se resume na imaginação sem ter a percepção de estar em contato com os sentidos da fonte. Hoje existem mais recursos, porém, isso distancia os profissionais

do entrevistado.

O objetivo de qualquer jornalista é fazer entrevistas pessoalmente, porque é o tipo de conversa que oferece recursos únicos ao repórter: a possibilidade de observar e fazer perguntas-surpresa. E ninguém duvida de que a reportagem se torna muito mais rica quando o jornalista consegue relatar a reação do entrevistado durante a conversa, como gestos e fisionomia. Esse tipo de informação enriquece o texto e ainda permite que o repórter elabore novas perguntas ao perceber determinada aprovação ou reprovação da pessoa. E caberá a ele insistir para conseguir as respostas que deseja. A mesma situação por telefone tem outro tipo de desdobramento. Ao se sentir incomodado com alguma pergunta, o entrevistado tem a opção de dizer que não quer falar sobre o assunto e desligar o telefone, pode dizer que a ligação está ruim ou que caiu, que seu celular ficou sem bateria etc. Enfim, ele tem várias maneiras de deixar de lado as questões que o incomodam. E, na maior parte das vezes, o repórter fica sem a resposta. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 78-79)

A escolha das fontes é fundamental. Elas podem ser oficiais ou não, mas a relação precisa ser de confiança, sem que o profissional influencie no processo da conversa.

Toda pessoa, em tese, pode ser uma fonte de informação: o contínuo de uma repartição pública ou o ministro de Estado, chefe da mesma repartição; o secretário-geral de um partido político ou um simples militante de base da mesma agremiação; o presidente de um clube de futebol ou o roupeiro - e assim por diante. A diferença essencial entre uns e outros é que, no geral, o ministro, o secretário-geral e o presidente do clube são fontes mais autorizadas do que o contínuo, o militante e o roupeiro. Resta saber se são, também, mais confiáveis -o que só o próprio repórter, com a sua experiência pessoal ou por informações de companheiros conhecedores do assunto, pode decidir. (ROSSI, 1980, p. 19)

O jornalista não pode deixar o “lado amigo” falar mais forte que o profissional quando está entrevistando algum conhecido. A entrevista é a alma de uma boa reportagem, por isso o trabalho precisa ser feito com total seriedade. Ainda conforme a visão de Rossi (1980),

A necessidade de cultivar fontes, somada à já referida impossível neutralidade do jornalista diante dos fatos que ocorrem, abre caminho para um outro tipo de risco nesse relacionamento, um risco sutil que, às vezes, se apresenta imperceptivelmente: é distorção pela amizade. Ocorre, muitas vezes, que um jornalista, de tanto manter contatos com uma determinada fonte e por se identificar, política ou pessoalmente, com ela, acaba confundindo as coisas e transforma a fonte em amigo. Claro está que o jornalista não está proibido de ter amigos, ainda que este: sejam, simultaneamente, fontes de informação. O problema é não perder, diante deles, o senso crítico - outra característica central do jornalismo. Às vezes, é necessário, por ser honesto e correto, criticar o amigo ou publicar uma informação que o desagrade. E, se o amigo for digno

desse nome, nada ocorrerá. Mas a proporção de vezes em que ocorre o rompimento da amizade, reconheça-se, é ainda maior. (ROSSI, 1980, p. 19)

Redigir é uma forma de manifestar a arte da escrita timbrada no papel, mas também é desafiador. O texto jornalístico tem particularidades, e a função primordial é informar elaborando a matéria de maneira precisa e compreensível para que todos os leitores possam compreender e fazer suas reflexões.

Escrever é um desafio diário dentro das redações. São vários os fatores que determinam a qualidade de um texto jornalístico, que vão da apuração à capacidade do repórter conectar ideias. A familiaridade do jornalista com o tema sobre o qual vai escrever também fica evidente na forma como o texto é elaborado, assim como a pesquisa que ele fez antes de colocar a história no papel. Um texto bem embasado traz detalhes dos acontecimentos, relaciona assuntos, e isso proporciona uma leitura rápida e agradável. Mesmo que, ao contrário da leitura, o mais importante em um texto jornalístico seja a informação, é fácil identificar um texto bem escrito por sua fluidez. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 113)

O bom repórter é aquele que tem na alma a inquietude como se nunca se contentasse com a quantidade de informações que consegue, sendo quem almeja conquistar mais. É um eterno inconformado. “O jornalista não pode contentar-se com a primeira informação, impressão ou inferência, nem se acomodar ao primeiro obstáculo. Quantas vezes a notícia é uma excelente notícia? Basta trabalhá-la.” (DINES, 2001, p. 120).

A profissão prima pelos questionamentos e indagações. Talvez o profissional nunca esteja contente com as respostas que consegue. Assim como as águas de um rio que sempre mudam, o olhar do jornalista segue este curso, ou seja, o da mudança. O espírito agitado é o combustível do ofício.

Pejorativamente, diz-se que o jornalista é um cavador. Diríamos melhor que o jornalista é um permanente buscador. Jornalista conformado não é jornalista. O profissional de imprensa, pessimista ou cínico prejulga, não acredita no que pode acontecer, pois já sabe o que vai acontecer. Quem não acredita na notícia não a persegue e não a encontra. Há um componente otimista dentro da profissão que a torna vulnerável às tendências, aguça sua percepção, espicaça sua criatividade. Essa inquietação gera ou é gerada por uma permanente sensibilização. (DINES, 2001, p. 120)

Tomar decisões é indispensável na profissão. Desde a escolha da pauta, o jornalista já está determinado a decidir. Depois que uma palavra é escrita e lançada pelos veículos, ela pode ser pena ou punhal, por isso, na hora de escrever um texto, é necessário fazê-lo com seriedade.

O jornalista entrosa-se com responsabilidade muito mais facilmente que com a punição e o arbítrio. Especialmente se essa responsabilidade for um padrão de toda a sociedade que ele representa. Lei especial é regalia, e o jornalista não pode gozar de regalias. O jornalista sabe que, ao redigir uma nota de três linhas, pode estar destruindo uma reputação e uma vida. Trabalhando nos bastidores da informação, avalia a força que possui. Para ele, um limite, desde que não seja arbitrário, é mais confortável e protetor que a impunidade. (DINES, 2001, p. 121)

Se comunicar é um direito necessário do ser humano. O jornalismo desempenha um papel importante na sociedade, sendo a ferramenta para que essa comunicação seja precisa e verdadeira. O mundo é imenso, mas os profissionais da área vivem na ânsia de descobri-lo, e é dessa inquietude que o ofício se alimenta. Uma população sem comunicação vive alheia a tudo tentando resistir ao que lhe é imposto.

A expressão cães famintos dá a entender que os jornalistas fuçam a carniça da sociedade e a expõem ao mundo - alguém sempre vai precisar fazer isso. Porém, em oposição a essa conotação negativa, tais profissionais são comparados a cães de guarda, sendo considerados guardiões daquilo que é correto em uma sociedade democrática. Não à toa que, quando do estabelecimento de governos ditatoriais, a primeira ação é a censura dos meios de comunicação, porque quem está fazendo algo contra o povo não quer que a informação se espalhe. (BONNA, 2017, p. 40)

Ao jornalista também cabe o papel de investigador. Por ter acesso às informações, os profissionais podem fazer denúncias colaborando com a sociedade na prestação de serviços públicos.

Pense com franqueza: se não houvesse um grupo de profissionais voltados à busca e à divulgação de notícias, como ficaríamos sabendo do que acontece no mundo? Mais do que isso: Como a sociedade poderia olhar para si e ter subsídios suficientes para se desenvolver? As pessoas poderiam contar umas às outras os fatos e, assim, espalhar a notícia, certo? Mas qual é a diferença entre um relato despreocupado sobre um acidente e uma notícia publicada no jornal? Bem, a notícia faz parte do processo de construção deste relato. O caminho a ser percorrido inclui desde a busca por informações adequadas e importantes para a comunidade até a checagem de sua veracidade. (BONA, 2017, p. 42)

O jornalismo é empolgante e é impossível não se apaixonar por uma profissão cheia de desafios que, com fatos, fontes e informações, possibilita construir um enredo da vida real.

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso

da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social. [...] entrar no universo do jornalismo significa ver essa batalha por dentro, desvendar o mito da objetividade, saber quais são as fontes, discutir a liberdade de imprensa no Brasil. (ROSSI, 1980, p. 7)

Fazer jornalismo é muito mais do que informar, é conquistar pequenas mudanças no cotidiano através das matérias estabelecendo a diferença na vida das pessoas. É uma profissão humana e necessária.

O jornalista, como já se disse, não é pior que o seu patrão, nem melhor que os seus governantes. Temos todos bem presente que sociologicamente não há segmentos diferentes numa população. O aristocrata escorreito do país subdesenvolvido provém da mesma forma que gerou o vendedor de calçados. (DINES, 2001, p. 123)

A missão do jornalista é ressaltar a verdade, não importa o local de trabalho, e o telhado da credibilidade é o profissional que constrói.

É bom que reflita permanentemente sobre a função social de seu trabalho para que a atividade jornalística possa ser feita com qualidade e respeito ao público. O profissional deve ser sobretudo sensível, construtivo e didático. Não esquecer que, seja qual for o tipo de imprensa em que trabalha, os princípios éticos são os mesmos. Aliás, nunca é demais lembrar que credibilidade é um conceito cada vez mais caro aos produtos jornalísticos populares. (AMARAL, 2009, p. 129)

Antes de ser jornalista, é preciso ser humano, honesto, ter muito claro qual a verdadeira missão da profissão para que o profissional não se perca e não se venda. O compromisso com a sociedade é primordial. É ela que alimenta as pautas, sendo uma relação recíproca.

Parece romantismo, utopia, até moralismo barato. Ainda mais se se contrapuser a tantas exigências os salários achatados dos jornalistas, achatados com o foram todos os salários nos últimos anos. Mas é o fundo da questão, se se entende o jornalismo não como um ofício técnico, mas como uma função social relevante. É verdade que os salários da maior parte dos jornalistas são relativamente baixos. E é verdade que boa parte deles é obrigada a trabalhar muito além das horas previstas na legislação que regula a profissão. É verdade que a maior parte das empresas não oferece as condições essenciais para o bom desempenho da atividade jornalística. E é com base nessas verdades que muitos jornalistas se eximem de suas responsabilidades, do cumprimento do seu dever, o que, na minha opinião, é uma atitude vesga. O dever fundamental do jornalista não é para com o seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve. (ROSSI, 1980, p. 27)

4 JORNALISMO HUMANIZADO

Este trabalho acadêmico também tem como objetivo fazer uma reflexão e mostrar que o encontro do jornalismo com a literatura é transformador. As reportagens humanizadas são como uma ponte de aproximação com o leitor. O jornalismo literário ou humanizado se difere nos recursos, na melodia do texto, sendo capaz de transportar os leitores para dentro dele. Se torna redundante falar jornalismo humanizado, visto que este conceito está no cerne da profissão. O jornalista é um contador de histórias da vida real, por isso é primordial que, antes de ser profissional, seja humano.

Há uma cegueira ética na humanidade, cujos valores mais básicos estão sendo esquecidos ou substituídos pelos ideais da sociedade de consumo. No meio desse limbo está o jornalismo. O que deveria ser uma profissão ligada às causas da coletividade vem se transformando, salvo raras e boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização. Revistas de fofocas, tabloides e até a chamada grande mídia estão entorpecidas pela busca da audiência e dos patrocinadores. (PENA, 2006, p. 13)

O jornalista, diante da fonte, é um desconhecido, mas não pode ser alheio aos fatos. A dor do outro é como um punhal cravado no peito, sangra. O profissional desempenha a difícil tarefa de unir o ofício ao próprio ser.

O fazer jornalístico busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades - subjetividades (IJUIM, 2013, p. 8-9)

Humanizar uma reportagem é torná-la mais humana, e isso parece exagero ou redundante, visto que, se estamos falando de seres humanos, a notícia tende a ser humanizada, porém, vivemos em um mundo no qual a maioria das pessoas não permite que a flor da humanidade desabroche. Nem todos enxergam o mendigo dormindo na calçada, o artista de rua que faz malabarismo, o vendedor de pães, a moça que

vende chips de operadoras de celular, ou até mesmo os coletores de lixo. Cada pessoa carrega um mar dentro de si, que pode ser de águas mansas ou revoltas. Não cabe a ninguém julgar, é o comportamento das “ondas” que determina suas ações. Toda pessoa é humana, porém a desumanidade está nas atitudes. Neste processo de unir literatura e jornalismo, é indispensável se colocar no lugar dos personagens e valorizá-los. Usar os sentidos e a sensibilidade como ferramentas são imprescindíveis no trabalho.

O fazer jornalístico como processo de significação e ressignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia” para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 2)

As reportagens humanizadas são necessárias, pois fazem o leitor refletir. O conteúdo não é raso, o repórter descreve movimentos capazes de fazer o receptor viajar, como se, no momento da leitura, as cenas estivessem passando diante dos seus olhos. Para Medina (2003, p. 99), “quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem.” Nos textos humanizados, o profissional não esquece daquilo que aprendeu com o jornalismo clássico.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 13-14)

É necessário ter a sensibilidade aguçada para humanizar um texto jornalístico. Em geral, se segue um padrão. Os jornalistas parecem estar presos nas amarras do *lead*, o que não é um problema, mas o trabalho pode se tornar limitado quando se trilha por paradigmas. No momento em que falamos em sociedade, imaginamos diversos tipos de pessoas, mas, na maioria dos veículos, existe uma lacuna que separa esses perfis.

Muitos jovens egressos da universidade, idealistas à partida, cedo denotam sintomas de infelicidade com a profissão. Quase sempre quem sente a maior

frustração é o repórter, elo da cadeia produtiva que menos poder detém, mas está em contato com o mundo vivo e vivido. Ele percebe demandas na rua, no cotidiano, nos depoimentos do sujeito anônimo que, se não fossem sufocadas ou desqualificadas, dariam outro ritmo aos novos projetos de comunicação social. Mas ao chegar da rua nas redações, esbarra com editores que, em grande parte, não estão disponíveis para “a alma encantadora das ruas”, que João do Rio consagrou. (MEDINA, 2003, p. 99)

Em concordância com Pena (2006, p. 14), “o jornalista literário rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: periodicidade e atualidade.” Uma pauta não envelhece, e existem diferentes maneiras de apresentar um mesmo assunto à sociedade. A maioria das histórias têm mais de um personagem, e não precisa mudar o foco, mas o jeito de olhar e contar. O óbvio nem sempre é percebido e é aí que mora o erro.

Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora do fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade, que é a terceira característica sugerida. [...] A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Por isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p. 14)

O jornalismo humanizado aproxima, retrata a alma das ruas sem preconceitos. O profissional não trabalha ressaltando diferenças, mas a essência do entrevistado. Segundo Pena (2006, p. 15), “os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, os pontos de vista que nunca foram abordados.”

Para escrever textos humanizados, o jornalista precisa se despir de si, da visão de mundo e vestir-se de empatia, se livrar de tudo que possa interferir no processo de construção das matérias. Por sermos humanos, carregamos preconceitos, e é deles que precisamos nos libertar. No momento da entrevista, é necessário sair da plateia e entrar na história da fonte, não para fazer modificações, mas para sentir na pele o que o entrevistado está sentindo. Assim a reportagem vai ganhar vida. Segundo Pena (2006, p. 25), “a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.”

Conforme Ijuim (2013, p. 12), “seu trabalho – enquanto processo e enquanto consequência – pode constituir em contribuição ao processo de pessoalização – ser

vasos comunicantes de solidariedade, compaixão e humanização.” Essa forma de fazer jornalismo dá voz àqueles que fazem parte da sociedade, mas que são invisíveis aos olhos da maioria dos habitantes. Humanizar um texto é uma forma altruísta de cumprir a missão como jornalista, salientando o coletivo, sem visar benefício próprio.

O presente se tece na ação coletiva da primeira realidade e se emaranha e retece na realidade simbólica das narrativas. Por que o relato científico ou jornalístico tem medo da metáfora, da polifonia e da polissemia? Por que rejeita a ambiguidade poética? (MEDINA, 2003, p. 136)

Os poemas surgem do imaginário daquele que nasceu com o dom de transformar as palavras em versos. O repórter precisa ir além. Trata-se da poesia da vida real. O profissional pode seguir o *lead* e tudo o que o jornalismo clássico prega, porém se aprofundar nas histórias é indispensável, sendo uma forma de mostrar para a sociedade as diversas faces que fazem parte dela.

Uma narrativa que recia movimento e, para isso, se integra na ação social, colide com as lógicas cristalizadas da produção intelectual. Entre essas lógicas, a do discurso opinativo é hegemônica. As rotinas técnicas do jornalismo, por exemplo, embora estabeleçam fronteiras estritas entre opinião e reportagem, quase nunca logram na cobertura dos fatos sociais a narrativa viva. [...] Uma narrativa se humaniza na contaminação intuitivo-sintética com a subjetivação. Estar afeto aos protagonistas e à cena que eles tomam demanda um exercício constante de despoluição da consciência racionalista que tudo instrumentaliza. É preciso restaurar a respiração profunda da interação social criadora. (MEDINA, 2003, p. 141)

Para escrever uma matéria, é necessário usar os sentidos. Por isso o contato pessoal é primordial.

Quando o homem fala, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção. Ao ouvir alguém em uma praça pública, por exemplo, não estamos só usando a audição. Estamos vendo seus gestos, usando o tato para nos apoiar em algum banco ou ficar de pé, sentindo o cheiro no ar e o paladar de nossa última refeição ou da fome que se aproxima. Todos esses componentes influenciam a mensagem. São parte dela. (PENNA, 2006, p. 26)

De acordo com Martinez (2009), “o jornalismo literário pede acesso fácil e constante à fonte para gerar a familiarização necessária, daí os eventos rotineiros serem um campo fértil e inesgotável para boas pautas.” Diante de todas essas peculiaridades, fica claro o quanto o jornalismo humanizado é aprofundado e indispensável, como se a reportagem fosse um filme passando na tela da vida. Cada lugar tem um cheiro, um gosto e formas diferentes que movimentam um texto.

A emoção é própria do ser humano e, como tal, faz parte da realidade que o jornalismo pretende garimpar. Dona Arminda, o motorista de táxi,, são tão importantes como ministros, políticos, cientistas, artistas ou mesmo jornalistas. Eles, afinal, compõem esse imenso quadro que se quer chamar de humanidade. Alguns mais hábeis e treinados para representar seu papel, outros naturalmente forjados para ser a realidade. Estabelecer um contato é agir como pontes, e não paredes. (LEANDRO, 2003, p. 150)

Apesar de o jornalismo ser visto como a poesia da vida real, existe uma diferença entre jornalistas e poetas.

O jornalista é um fingidor. Ele finge não sentir a dor de seu próprio fingimento. Diferentemente do poeta, ele acredita no compromisso com a realidade, embora estejam ao seu alcance os elementos para perceber que o máximo que pode oferecer é um efeito real. Espremido pelos deadlines e pelos chefes de reportagem, talvez ele não tenha tempo para refletir sobre esses elementos. Ou talvez não tenha formação adequada para entendê-los. Quem sabe não tenha interesse. Afinal, é muito mais fácil oferecer uma suposta realidade (estável, coerente e totalizadora) do que preocupar-se com a complexa rede de conexões e indeterminações que se manifestam nesse admirável mundo contemporâneo. (PENA, 2006, p. 71)

De acordo com o crítico literário Antônio Candido de Mello e Souza (1995), a literatura nos torna mais compreensivos e humanos.

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reparamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180)

A literatura tem um papel importante na vida dos seres humanos, uma vez que ela sensibiliza, educa e liberta. Conforme Candido (1995, p. 186), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, liberta-nos do caos e, portanto, nos humaniza.”

Convidar o leitor para mergulhar em uma reportagem não é uma tarefa fácil. É necessário muito estudo. A alma do repórter precisa tocar a alma do entrevistado e de tudo o que está ao seu redor.

A repórter especial Eliane Brum, da revista *Época*, lembra uma vez em que estava cobrindo o enterro de uma pessoa empobrecida. O calor era intenso e sobre o muro do modesto cemitério um sabiá parou de cantar justamente na hora em que o caixão foi colocado na cova. O fato foi registrado pela jornalista não porque complementava com perfeição a cena, mas por ter acontecido. Para registrá-lo, a repórter teve de estar presente no local, acompanhar o funeral, ter sensibilidade para notar as tramas paralelas e, claro, ter bagagem cultural que permitisse identificar a espécie que estava a silenciar. (MARTINEZ, 2009, [s./p.])

O poeta e escritor Fernando Pessoa (1987) também falou sobre a união do jornalismo e literatura.

O jornalismo, sendo literatura, dirige-se, todavia, ao homem imediato e ao dia que passa. Tem a força direta das artes inferiores, mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuais; tem a força mental da literatura, por de fato ser literatura. (PESSOA, 1987, [s./p.])

4.1 JORNALISMO HUMANIZADO ALÉM DA ESCRITA

O processo de fazer um texto jornalístico vai muito além de escrever: é ser, estar e sentir. Toda palavra que é lançada alça voo e pode fazer grandes modificações na vida do coletivo, não somente do entrevistado, por ter despejado algo que talvez estivesse lhe causando sufocamento. Toda vez que uma pessoa abre as portas da sua casa para que um repórter entre, é um momento mágico, mas que exige respeito, porque cada história é única.

Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir. Tenho pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas predeterminadas. Donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros. Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter. (Essa é a graça maior de ser gente.) (BRUM, 2006, p. 192-193)

O que o jornalista escreve vem através do olhar, dos gestos, da escuta, dos cheiros e dos gostos. É necessário ter a sensibilidade aflorada. O repórter entra na vida alheia, desbravando um mundo desconhecido. A melhor pauta pode vir do inesperado, mas para escrevê-la, depende da visão e da atenção que o profissional dá a ela. A curiosidade pode ser um prato cheio e até ganhar destaque na capa de um jornal.

Numa manhã de abril de 1993, bem cedo, o chefe de reportagem da Zero Hora, onde eu trabalhava na época, me mandou cobrir uma coletiva de imprensa na prefeitura de Porto Alegre. A pauta era tão fascinante que nem lembro do que se tratava. O carro me deixou em algum ponto do centro e eu precisava andar em um ou dois quarteirões para chegar à prefeitura. No caminho, eu vi uma rodinha. Perguntando e empurrando um e outro cheguei lá na frente. Diante dos meus olhos espantadíssimos emergiu de um bueiro um menino, em seguida outro. Esqueci completamente da coletiva que nunca virou notícia. Os garotos haviam dormido demais e, ao subir à superfície bem depois de o sol nascer, surpreenderam a população ao revelar a natureza de sua moradia. Os meninos vivendo em esgotos ganharam a capa do jornal do dia seguinte e viraram matéria internacional. Se eu fosse uma burocrata da notícia - e não uma repórter -, eu teria ignorado a rodinha porque estava atrasada e teria voltado para a redação com uma nota de pé de página sobre algo como o último projeto da Secretaria de Obras do município. Se eu tivesse preferido recuperar a coletiva por telefone então... (BRUM, 2006, p. 193)

O compromisso do comunicador com a sociedade deve ter como base a seriedade e a sensibilidade. É preciso respeitar a história de vida do entrevistado, estar atento aos detalhes, até mesmo na respiração da fonte ou um olhar surpreso pode conter uma informação. A observação e a escuta são indispensáveis neste processo de entrar no mundo do outro, porque é isso que o jornalista faz ao entrar na vida das pessoas: dar voz a elas sem contaminar a história pura que está sendo contada e sem colocar a visão de mundo do profissional no texto. Para Restrepo (1998, p. 37), “os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas.”

O jornalismo humanizado se alimenta de descobrir as pessoas como se cada uma delas fosse um mundo a ser descoberto, dando voz à subjetividade, pouco vista nos textos jornalísticos, e abrindo portas para que os personagens, que passam despercebidos possam contar suas histórias, sejam elas de superação, de vitórias ou de tragédias. Ele desmistifica os lugares em que residem as pessoas de baixa renda, como se aquele ambiente fosse um local que somente prolifera a violência.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, p. 28)

A sensibilidade no fazer jornalístico exige um processo de entrega, já que ninguém entra no mundo do outro apenas por curiosidade. É preciso respeitar a história de cada um, porque nelas há sentimentos. Escutar, observar, compreender a literatura

dos lugares, das pessoas, da fala, do silêncio, esse é o caminho. A emoção pode ser o combustível, ou seja, a vida de um texto jornalístico. Uma escrita rasa não tem o mesmo impacto que uma escrita aprofundada, poesia noticiada. Conforme Brum (2013),

Escrevo porque a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita. Mas não é só dor o que vejo no mundo. É também delicadeza, uma abissal delicadeza, e é com ela que alimento a minha fome. Desde pequena sou uma “olhadeira” e uma “escutadeira”, raramente uma “faladeira”, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais. Foi isso o que fez de mim repórter, que é muito mais do que uma profissão, é um ser/estar no mundo. (BRUM, 2013, p. 13)

4.2 A POESIA DA VIDA REAL

O jornalista precisa ter delicadeza para compreender o que está sendo dito, fazendo com que o entrevistado não se sinta constrangido ao falar sobre determinado tema ou até mesmo de alguma passagem da sua vida. Apuração e checagem devem ser rigorosas, e o ponto de vista do profissional não vem ao caso, apenas a escuta sensível procurando escrever fielmente o que escutou.

Fazer silêncio, criando um clima de tensão, ou mudar rapidamente de assunto para voltar a um tema delicado depois, quando a situação exige, são técnicas que, infelizmente, não se podem ensinar. Só a prática constante e a sensibilidade do repórter bem treinado vão fazer com que ele perceba o momento de usar esses ou outros dos muitos truques possíveis. (BELO, 2006, p. 104)

Todo ser humano carrega dentro de si um universo. Quando o repórter sai para uma entrevista, embora saiba a pauta, ele não tem noção do que lhe aguarda. É necessário manter o equilíbrio porque certamente ele vai entrar em um mundo no qual poderá sair totalmente diferente de quando chegou. Para Brum (2008, p. 360), “testemunhei como eram mastigados dia a dia pela doença e também por uma fome que já nem era uma fome, mas uma vida.”

Em uma de suas tantas entrevistas, Eliane Brum conheceu Sonia, uma menina de 11 anos, que tinha “olhos de velho”. Conforme Brum (2008, p. 361), “quando um repórter encontra uma dessas crianças, sabe que ali aconteceu um crime. Porque crianças não podem ter olhos mais velhos que os nossos. E essas crianças têm. No caso de Sonia, porque convivia minuto após minuto com a certeza da morte.” (ANEXO A).

O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de

aspas em série. Especialmente se só pode contar com palavras transmitidas por telefone ou por e-mail. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, aprender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, 2006, p. 191)

Quando falamos da poesia da vida real dentro do jornalismo, o profissional incorpora o poeta, porém ele não busca rimas na imaginação para formular os seus versos. É na rua, dentro das casas, na sociedade que cada ser humano escreve a sua história conforme vai vivendo. O que o jornalista pode fazer é o trabalho de mostrar para a comunidade os personagens que estão inseridos nela e que, na maioria das vezes, passam despercebidos. O papel do repórter é importante, e deixar a objetividade tomar conta pode tornar o texto monótono. Tudo o que é repetitivo chega a um ponto que fica sem graça. O encanto da vida está em vivê-la, e é isso que o jornalista precisa descrever, ou seja, a realidade.

A ideia (iluminista) de que basta 'explicar tudo bem direitinho' ao receptor definitivamente não dá resultados. A experiência comunicacional precisa ser, antes de tudo, dialógica. O discurso persuasivo, baseado na razão, não basta para mudar comportamentos e atitudes. Corremos o risco de produzir materiais excelentes, perfeitos do ponto de vista da informação, mas não atingem nem o coração nem a mente do público. É preciso fugir à tentação do modelo da agulha hipodérmica. Informação (especialmente aquela que pretende mudar hábitos e comportamentos) não se transfunde como se fosse uma droga injetável. (MEDINA, 2006, p. 145)

A emoção é algo que vem das profundezas da alma. Cada pessoa tem uma forma de sentir e de se expressar. Para Medina (2006), a sensibilidade é importante para a formação e atuação dos jornalistas, afinal de contas, ela interfere nos sentidos do ser humano.

Talvez os jornalistas, para se tornarem dignos de serem eles próprios autores-mediadores, tenham de percorrer os subterrâneos da sensibilidade coletiva. Como repórteres ressensibilizados por personagens da poética, renovam a competência para compreender os protagonistas da trama social contemporânea. (MEDINA, 2006, p. 87)

O jornalista tem responsabilidade social, sendo responsável por tudo o que escreve. Escrever se torna uma arte quando o repórter se entrega ao trabalho, não o encarando apenas como mais uma matéria. O jornalista entra na vida das pessoas e cada uma delas é única.

Você pode olhar para o infinito, como Carl Sagan, e descobrir que é feito da poeira das estrelas. E pode olhar para o chão e acreditar que é um cocô de cachorro. É o mesmo homem que tem diante de si o infinito e o chão. Mas é nessa decisão que cada um se define. Como olhar para você mesmo é uma escolha. Um exercício da liberdade, da autodeterminação, do livre-arbítrio. Seja generoso. Arrisque. Ouse. Olhe. (BRUM, 2006, p. 196)

4.3 JORNALISMO HUMANIZADO NA SOCIEDADE

Jornalismo e literatura se completam dando voz à sociedade. Algumas passagens da vida têm um ar de ficção, mas somente quem sente na pele sabe o peso da realidade. De acordo com Candido (2011, p. 177), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo à possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

Podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é o fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 2011, p. 177)

O jornalismo humanizado utiliza recursos que dão vida aos personagens, ou seja, aos entrevistados. Para Nascimento (2009, p. 46), a expressão jornalismo literário “[...] é utilizada para identificar iniciativas marcadamente subjetivas e interpretativas na produção jornalística, em que a construção do relato privilegia o traço do autor e sua criatividade ao compor o texto.”

Em 1998, Eliane Brum trabalhava no jornal Zero Hora, quando recebeu do jornalista Marcelo Rech, uma proposta: extrair crônicas reais de pessoas anônimas, o que deu origem à coluna chamada *A Vida que Ninguém Vê*. Ela lapidou o diamante bruto invisível às vistas da sociedade lançando ao mundo histórias da vida real.

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração de foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. Um exemplo. O mendigo da Rua da Praia, estatelado no chão, barriga sobre a laje, havia 30 anos. Não sei quantas vezes passei por ele com pena e culpa. A vida que ninguém vê me impôs - e não foi fácil - curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima. [...] O mendigo que, quando reduzido apenas a miséria por uma retina viciada, em

que a culpa é apenas a indiferença justificada, deixa de ser um igual. Em ambos os casos, ao romper com essa primeira camada enganadora, o que se encontra é não o herói, mas o homem - não o mendigo, mas o homem. Um milhão de vezes mais interessante e libertador. (BRUM, 2008, p. 189-190)

Textos humanizados são muito mais do que uma forma de fazer jornalismo. É colocar o dedo na ferida e sentir a dor, ou até mesmo a alegria das conquistas do outro. É mostrar para a sociedade que ninguém é invisível, o que falta é sensibilidade no olhar daqueles que não se vestem de empatia.

Cada história tem um jeito, uma forma de começar e de terminar. Complicado é quando algumas vidas são mais importantes que outras, ou até mesmo mortes. Cada ser humano tem seu papel no livro da sociedade e, embora não tenha importância aos olhos daqueles que somente enxergam magnitudes, toda vivência é única e toda morte também. Eliane Brum tem a sensibilidade de mostrar o quanto podemos aprender com “a vida que ninguém vê.”

“Sinal fechado para Camila”, era algo que eu sempre sonhei fazer. Eu fazia eventualmente plantão de polícia, e no plantão tu tinha que ligar para todas as delegacias, todos os postos policiais, hospitais, IML, para ver o que que tinha acontecido. E sempre ficava muito incomodada, indignada, com a ideia do “crime importante”. Ligava para o policial e cansava de ouvir: “Não, não aconteceu nada, só morreu um chibungo”. Então, tinha gente que podia morrer e tinha gente que não podia morrer. Tinha morte que era mais importante que outra. Isso me incomodava muito. Aí, quando tive esse espaço, em que eu podia contar a história que queria, ampliei uma dessas mortes que, no máximo, se fosse publicada, seria uma nota, que foi a da Camila. Uma menina que estava sob a guarda do Estado, na Febem, fugiu da Febem com as amiguinhas para tomar banho de rio e se afogou no Guaíba. Então eu fui atrás da história da Camila, da Camila nos sinais, a casa da Camila, fui no enterro da Camila e pude contar uma história de quem era essa Camila. Pude ampliar para uma página o que talvez nunca fosse publicado.” (BRUM, 2011, [s./p.])

Um repórter nunca é a mesma pessoa, e em cada reportagem ele se transforma. É algo fascinante: se esvaziar de si para se preencher do outro, e o profissional vai se descobrindo também. Toda história tem uma carga emocional e pode deixar marcas não somente no entrevistado e no jornalista, mas também em todos aqueles que fazem a leitura das narrativas. Eliane transforma as marcas, as dores em palavras escritas. Confessa que tem implicância com a palavra “sobreviventes”, porque ela parece que é uma sobrevivida, o que implica acreditar que é uma vida menor. Diz que é como viver apesar do vivido, acha que somente podemos viver por causa do vivido. “Sou o que eu sou por causa de todas as marcas do que eu vivi. Eu só sou porque eu sou em cacos, então eu não acredito em sobreviventes, eu acredito em viventes”.

(BRUM, 2013, [s./p.])

O jornalismo é transformador, sendo a peça fundamental na construção da democracia e da cidadania.

É preciso exercitar a cidadania. Um conceito tão gasto que parece esquecido. Tão mal utilizado por quem não tem qualquer compromisso com ele que caiu em descrédito. Mas você não pode ignorá-lo. É seu dever, seu compromisso com a sociedade. Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público. E é um artigo em falta no mundo contemporâneo. (PENA, 2006, p. 14)

A escrita humanizada é profunda, não que as outras não sejam, mas no jornalismo humanizado os repórteres mergulham nas histórias fazendo com que elas não caiam no esquecimento pelo fato de tocar a alma do leitor.

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2006, p. 15)

5 ELIANE BRUM

Eliane Brum é natural de Ijuí, cidade localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul (RS). Nasceu em 1966, filha de Vanyr Brum e Argemiro Jacob Brum, ambos professores. É jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e 10 anos como repórter especial da Revista Época, em São Paulo. De 2009 a 2013 foi colunista do site da revista Época. Tem uma coluna em português e espanhol, no *El País Brasil* e no *El País Espanha*, sendo também colaboradora do jornal *The Guardian*. Por sua atuação como jornalista, Eliane recebeu mais de 40 prêmios e distinções ao longo de mais de 30 anos de trajetória profissional.

Como autora, escreveu *Coluna Prestes – O Averso da Lenda* (1994), *A Vida que Ninguém Vê* (2006), *O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), *Uma Duas* (2011), *A Menina Quebrada* (2013), *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras* (2014), *Brasil, construtor de ruínas* (2019). Como diretora e roteirista codirigiu *Uma História Severina* (2005), *Gretchen Filme Estrada* (2010), *Laerte-se* (2017) e *Eu+1: uma jornada de saúde mental na Amazônia* (2017).

A jornalista já foi agraciada com prêmios nacionais e internacionais. Em 2021, a repórter foi a única brasileira finalista do *Prêmio Ryszard Kapuscinski de Reportagem Literária*. Está entre as cinco melhores da distinção europeia com o livro *O colecionador das almas sobradas*.

Na infância, Eliane escreveu um romance intitulado *Autobiografia de uma Barata*, para diminuir a culpa por ter assassinado um filhote de barata. Em uma entrevista no site *Eliane Brum Desacontecimentos - Morte sem Tabu* (2015), a repórter diz, "com nove anos, comecei a escrever para suportar/elaborar a dor de viver. E ia deixando os pedaços de papel pela casa, como uma espécie de pistas que meu pai ia recolhendo. Aí, um dia, ele veio com esta notícia de que ia publicar." Foi dessa forma que Eliane entrou no mundo da literatura com o livro *Gotas da Infância*.

Quando era adolescente, sonhava em ser astrônoma, mas fez o primeiro vestibular para Biologia, já que queria estudar os insetos. O segundo vestibular foi para Informática. No terceiro, optou por Jornalismo na PUC-RS, e História, na UFRGS. Coursou os dois e somente no último semestre da faculdade de Jornalismo foi que ela se apaixonou pela profissão, quando conheceu o Prof. Marques Leonan, um repórter

que dava aula de Redação. Para Brum (2006, p. 179 e 180), “Eu só sou jornalista por causa dele. São os acasos que mudam tudo na tua vida, detalhes que acontecem e poderiam não acontecer.” Em 1988, iniciou seu estágio na Zero Hora, e foi assim que a repórter de escuta sensível e olhar atento começou sua carreira no jornalismo.

Desde pequena, Eliane gostava de ficar num canto escutando e olhando, como repórter também. Escutar com todos os sentidos a textura das coisas, as conversas, os silêncios. Como escritora, ela se sente uma “escutadeira”, tanto na ficção quanto na não ficção. Diz que não escreve para apaziguar o leitor, mas para perturbar, com o desejo de deslocar as pessoas do lugar. Em cada texto que escreve, ela se desloca e se perturba.

A carne da minha reportagem são os ‘desacontecimentos’, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desacontecimentos. (BRUM, 2013, p. 14)

5.1 O OLHAR SENSÍVEL DA JORNALISTA ELIANE BRUM NO JORNALISMO HUMANIZADO

Eliane revela que sempre teve problemas com as classificações dentro do jornalismo. Se sente honrada por a colocarem no jornalismo literário, pela tradição e também porque é nele que estão os livros de jornalismo que ela mais gosta. Para a repórter, existe o bom e o mau jornalismo. Ressalta que faz o melhor possível e dedica seu tempo para fazer um bom trabalho dentro da profissão. Conforme Brum (2021), “Quando eu estava na Zero Hora, nos primeiros anos, as pessoas diziam que quando eram histórias humanas, dá para a Eliane. Só que eu ficava pensando, mas existe história desumana? Existe história de não humanos.”

A jornalista diz que não se encaixa nas classificações do jornalismo, muito menos no jornalismo humanizado. Ela escreve porque escuta e afirma que o principal instrumento da reportagem é a escuta.

É importante que as pessoas distingam isso, o jornalista se ele não tiver uma boa apuração que se faz com uma boa escuta, muito trabalho, checagem, ele não vai conseguir escrever, nem um Prêmio Nobel da Literatura vai conseguir fazer uma boa reportagem sem isso. (BRUM, 2021, [s./p.])

A repórter segue falando que a apuração é determinante para escrever uma boa reportagem. É o resultado direto de um bom texto e afirma ter certeza disso.

Nos 115 dias que eu acompanhei a vida de Ailce, 115 dias que eu falava todos os dias com ela, eu nunca pronunciei a palavra câncer que é a doença que a mataria, porque se eu tivesse chegado para a Ailce e dito: como tu lida com o teu câncer, ou como tu lida com a tua morte, eu nunca saberia que a Ailce morreu sem pronunciar a palavra câncer. Se eu não soubesse disso, não entenderia a vida de Ailce. Então a minha escuta é uma escuta muito delicada, é uma escuta que eu só vou puxando pequenos fios porque eu preciso entender o meu ponto de partida, eu preciso entender o que é aquilo para aquela pessoa, para aquela comunidade. Posso olhar no dicionário o que é sofrimento e vai ter uma descrição especialmente a partir de um determinado modo de ver o mundo. Eu preciso entender o que é sofrimento. (BRUM, 2021, [s./p.])

Desde 2011, Eliane acompanha famílias de refugiados de Belo Monte, precisa entender o que é sofrimento para outras pessoas, e ressalta que isso somente se consegue fazer pela escuta.

Todo o meu trabalho vem de uma escuta muito atenta em que a minha interferência é a minha capacidade de escutar e de escutar com todos os meus sentidos. Não escutar só palavras, mas escutar o silêncio, escutar como aquela pessoa colocou os móveis na sua casa, ou se não tem móveis, que tipo de casa ela fez, quais são os quadros, como as coisas vão evoluindo, como ela gesticula com as mãos. Eu, por exemplo, sou uma pessoa que falo muito com as mãos. Tudo isso é escuta porque é assim que alguém se conta. (BRUM, 2021, [s./p.])

Ela procura nunca fazer a primeira pergunta porque acha que a pergunta vai contar muito mais dela do que do entrevistado, e já vai direcionar para aquilo que a jornalista quer escutar. Enfatiza que ela não sabe o que quer escutar e não pode saber. Em geral, diz: “Me conta!” Conforme Brum (2021), “[...] e aí é sempre muito surpreendente por onde as pessoas começam a contar a sua história. É tão surpreendente que eu jamais saberia se não dissesse: ‘me conta’.”

A repórter se vê como “escutadeira”, se esvazia para deixar a literatura das pessoas entrar nela. Diz que, antes de chegar em qualquer mundo, pede licença, e a forma de fazer isso é passar por um processo de entrega no qual ela se esvazia. Se estiver cheia, não se preenche de nada. Ressalta que passar pelo esvaziamento não é fácil, porque é preciso ir para o mundo do outro com generosidade, sem preconceitos, dogmas, com coragem e respeito para se arriscar em uma realidade que é de uma outra pessoa.

Eu sempre aprendi na minha vida com as pessoas que entrevistei como repórter. Um dia eu conheci o Vanderlei, que é um cara, que todo ano ele vai para uma feira agropecuária no Rio Grande do Sul com um cabo de vassoura e jurando que o cabo de vassoura é o seu cavalo de raça. Ele era conhecido como o louquinho dessa exposição. Um dia eu emparelhei o meu cavalo com o dele e perguntei: Vanderlei, você é louco? E o Vanderlei olhou para mim como se eu fosse a louca. Ele disse, 'tu acha que eu não sei que o meu cavalo é um cabo de vassoura? mas tu não acha que é muito melhor eu acreditar que o meu cabo de vassoura é um cavalo já que eu jamais vou ter um cavalo?' E aí eu aprendi com o Vanderlei o que é a vida, o que é a vida pra mim, que foi o que o Vanderlei me ensinou. Eu acho que na vida todos nós temos um cabo de vassoura e queremos ter um cavalo de raça. A vida é essa travessia entre o cabo de vassoura que é o que efetivamente a gente tem e o cavalo de raça que a gente busca e nunca alcança. (BRUM, 2012, [s./p.])

Quando sai para uma entrevista, não chega de forma invasiva ou fazendo perguntas. Fica em um canto escutando até compreender a história. Eliane morou um tempo na Brasilândia, bairro localizado na Zona Norte de São Paulo, e queria mostrar o que as pessoas faziam, o que dava sentido à vida daqueles moradores em uma determinada esquina do lugar. Fala que contavam histórias de amor de cachorros e de pessoas. Em lugares como esse, a imprensa se limita, na maioria das vezes, e só enxerga a violência. Para Brum (2010, [s./p.]), "quando tu só enxergas violência tu deixas de enxergar todo o resto. Eu queria entender qual era a delicadeza porque se não houvesse delicadeza na vida todo mundo se mataria." Eliane diz que o jornalista precisa escutar para não impor a sua realidade. Se define como repórter de desacontecimentos. O jornalismo geral se interessa pela quebra da rotina. Já ela se interessa pelo que acontece sempre.

Não só escutar as palavras e o silêncio, quando as pessoas param de falar elas continuam dizendo com gestos, por exemplo, com a forma das mãos. A realidade tem cheiro, tem textura, a realidade nos chega pela escuta. O espanto diante da vida vem pela escuta. Quando chego para entrevistar alguém pela conversa, eu falo assim: me conta. Só isso. E aí eu vou entender o que a pessoa vai contar, é muito interessante porque o que ela conta primeiro não é o que eu tinha pensado que ela ia contar e nem a forma como eu achava que ela ia contar. A escuta é algo que eu acho que a gente precisa resgatar muito na reportagem e é pela escuta que nos chega o mundo. (BRUM, 2010, [s./p.])

A jornalista salienta que cada matéria tem suas exigências e procura ir na casa do entrevistado e, de preferência, sozinha. A casa faz parte da história da pessoa.

Acho que a casa é muito o que a gente é. A casa me dá muita informação sobre aquela pessoa. Como ela fez a casa dela, como ela vive, como ela lida com a casa, que lugares ela escolhe, qual é o sofá em que ela vai sentar, as coisas que podem acontecer na casa dela durante a entrevista. E tento fazer

sozinha, porque eu gosto de sossego e gosto de tempo. As minhas entrevistas, em geral, demoram horas. Eu sou o terror dos fotógrafos e motoristas. (Risos) Todo mundo sabe que eu vou levar umas 4h. Gosto de estar só com o entrevistado e, de preferência, sem o fotógrafo e o motorista. Eu me sinto mais à vontade. Acho que a entrevista é sempre uma relação de confiança. Acontece alguma coisa ali ou ela não acontece. (BRUM, 2011, [s./p.]

5.2 A RELAÇÃO DA REPÓRTER COM O ENTREVISTADO

Em uma entrevista para o canal *Sempre um Papo* (2013), Eliane revela que se sente Terra habitada, e que foi habitada por todas as pessoas que escutou e que abriram a porta das suas casas para contar suas histórias a ela. Diz que todo repórter tem uma pergunta que o move, que o carrega pela vida. O questionamento dela, desde sempre, foi como cada pessoa dá sentido para a vida, como criam um propósito ou até mesmo o inventam. Essa é a pergunta que move o seu viver, e é ao buscar decifrar o sentido que cada um dá para a vida que ela dá sentido à vida dela. Isso porque todas essas pessoas moraram nela, algumas mais na superfície, outras mais profundamente. Segundo Marcelo Rech (2006),

Sim, aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia enigmática que ela estabelece com as suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. Era graças a esta combinação rara que a vida de quem milhares iriam conhecer no sábado seguinte rasgava-se diante do bloco de anotações da repórter. (RECH, 2006, p. 14-15)

A jornalista tem, na reportagem, grande consideração, uma vez que começou a fazer menos questionamentos para os entrevistados, já que percebeu que, se ela fizesse uma primeira pergunta, já estaria impondo uma realidade a sua própria busca e, dessa forma, não iria compreender a busca daquela pessoa. Então, ela diz duas palavras: “Me conta!”

Eu entrevistei um casal de psicanalistas, duas mulheres que foram as primeiras que conseguiram registrar os filhos no seu nome, não adoção, mas os filhos eram de uma delas por inseminação e a outra disse “não, eu não estou adotando os meus filhos, esses filhos são meus. Então eu quero registrar eles no meu nome.” Fui entrevistar as duas e falei: me conta. Uma começou a contar e a outra, olhou pra ela e disse: “nossa eu nunca imaginei que tu ia contar isso ou tu ia começar a história por isso.” Já é uma informação muito importante pra mim. É a partir dessa primeira informação, do que a pessoa escolheu pra contar, de como ela conta, que eu vou começar a entender a história dela. (BRUM, 2010, [s./p.]

Eliane diz que não existe nenhuma técnica que ela usa para fazer com que um entrevistado abra o livro da vida e comece a relatar sua história. Ressalta que é um encontro, um escutar com os sentidos, até mesmo o que não é dito.

Para ser capaz de fazer essa escuta, precisa fazer um movimento interno antes de sair de casa, esse movimento exige muita entrega, e o desejo de se entregar é uma escolha, cada um escolhe o jeito de fazer e vai se aprimorando ao longo da vida. [...] É claro que há sempre uma mediação, mas é esse movimento que nos garante e nos protege de não falhar nessa escuta. Isso não é fácil, porque depois você precisa fazer o caminho de volta. Quando experimenta ser o outro, tu já não és mais o mesmo. Se vou fazer uma reportagem, aquela que foi não volta mais, porque eu sou habitada em outra experiência diversa, que transforma e me enriquece. Eu tenho muita dificuldade nessa volta, pelo tamanho da entrega. Escrever uma reportagem ou a história de outro é uma gravidez. Meu parto é quando eu escrevo. De novo, só é possível viver quando transformo aquilo tudo que está dentro de mim em palavra escrita. (BRUM, [s./d.], [s./p.]

Entrevistar é como sair de casa para fazer uma viagem em um lugar desconhecido, no qual não sabemos o idioma nem os costumes. É renascer em um outro local e aprender com a fala, os gestos e os olhares. O jornalista é um ser humano como qualquer outro, porém, em cada reportagem, recebe a dádiva de mergulhar em uma outra vida.

Para um repórter, o principal instrumento é a escuta. Mas o fundamental, no processo de reportagem, é estar aberto para o espanto. E isso não só na reportagem. Tu não podes saber o que vai acontecer quando virar a esquina – essa é a graça. Quando pretendes fazer uma reportagem, tu estudas muito sobre o que já foi feito, sobre o que já foi tema. É obrigatório estudar muito! Exatamente para se perder. O contrário disso é ter uma tese feita dentro da redação, dentro do seu umbigo e ir para a rua comprovar tua tese. A melhor reportagem ocorre quando dá tudo errado, quando vais para a rua esperando uma coisa e surpreendentemente ser capaz de enxergar a realidade que descobres ser outra história – aí é que chega o novo. Reportagem sempre começa pelo espanto, pela coragem de se perder e de se movimentar pelas dúvidas. É um processo de ficar quebrando as tuas certezas, por isso a posição do repórter é de imensa fragilidade. (BRUM, [s./d.], [s./p.]

A repórter revela que, embora saia pautada, não chega falando ou abordando as pessoas. Eliane anda na contramão, é do avesso e não abre mão de ir para a rua observar e escutar.

Sou muito mais “olhadeira” e “escutadeira” que “faladeira”, “perguntadeira”. Eu sempre olho muito e fico escutando, tentando ver o que está acontecendo. E foi assim que eu encontrei o comedor de vidro, que foi a primeira “A vida que ninguém vê” que eu fiz. Estava cheio de rodinhas no centro de Porto Alegre e ele estava sem nenhum público. Ele estava com um fio de sangue escorrendo no canto da boca e tinha lágrima nos olhos. Eu vi aquela cena,

aquele homem solitário, e fui conversar com ele. É aí que ele me conta a história dele: a arte dele era comer vidro, mas o que perfurava ele era a invisibilidade, porque ele não tinha público. Isso machucava ele. (BRUM, 2011, [s./p.])

O jornalista precisa abrir os horizontes, e isso ajuda a não viciar o olhar. Os detalhes e as pautas podem estar onde menos imaginamos. É possível abordar um assunto centenas de vezes, e nele encontrar formas de mostrar uma outra face.

A gente não tem o direito de ter um olhar viciado sobre as coisas. Ser jornalista é ser capaz de tirar essa catarata do cotidiano que botam nos nossos olhos, ser capaz de se deslocar do nosso lugar e enxergar as coisas a partir de outros pontos de vista. Porque se é para contar o que qualquer um pode olhar, então não precisa da gente, né? (BRUM, 2014, [s./p.])

Em *A vida que Ninguém Vê (2006)*, a repórter contou a *História de um Olhar*, e mostrou que os olhos são capazes de abraçar e de falar. Nessa reportagem, Eliane fala sobre a história de Israel, que foi salvo através do olhar da professora, e ela também se encontrou quando olhou para ele (ANEXO B).

Eliane Brum sempre fala da importância da escuta. No momento em que deixamos de escutar e começamos a falar, a entrevista pode tomar um outro rumo, e muitas informações podem ser ocultadas pelo fato de ter tido interferência do repórter.

Escutar é muito mais do que tu ouvir. Escutar é tu não interromper quando a pessoa está falando. É tu não esperar que ela fale uma coisa quando ela não fala o que tu quer e então tu acha que não está bom. Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir. Eu acho que cada reportagem, cada entrevista te exige isso: é tu te despir daquilo que tu é, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo e chegar o mais vazia para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo. Então, eu tenho todo o tempo do mundo, sempre, mesmo que depois tenha que virar a noite escrevendo, se for o caso. Eu escuto com todo o tempo que for, porque cada pessoa também tem o seu tempo de falar. (BRUM, 2011, [s./p.])

Também salienta sobre as pessoas confundirem falar com dizer. Mesmo que alguém termine de falar, continua dizendo. Podemos dizer por gestos, olhares e pela própria respiração.

Outra confusão que eu acho que se faz, hoje, no jornalismo, é que as pessoas confundem falar com dizer. Em geral, como se faz muita matéria por telefone, por e-mail, a reportagem acaba virando uma sequência de aspas. E não é isso. Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela con-

tinua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. O nosso trabalho é escutar mesmo. (BRUM,2011, [s./p.]

A repórter não acredita em sinônimos. Cada palavra tem um valor, sendo única e insubstituível. Quando o entrevistado pronuncia, não é por acaso; ele não fica escolhendo o que vai dizer, e a entrevista faz um percurso natural.

Eu sempre anoto. Sempre anoto, porque eu não anoto só as palavras. Anoto as palavras exatas, porque eu não acredito muito em sinônimos. Acho que o sinônimo não é igual, ele é semelhante. E a gente sabe, pelo menos desde o Freud, que a forma como as pessoas dizem o que dizem, as palavras que elas escolhem ou que deixam escapar dizem muito do que elas estão querendo dizer, dizem muito do que elas estão dizendo. Então, tem que ser as palavras exatas, a gente tem que ter esse cuidado. Isso é uma coisa. Mas eu anoto assim: “quando ela me disse tal coisa, ela olhou para cima” ou “a respiração dela ficou entrecortada”. Ou “nesse momento bateram na porta. Ou “ela mexeu no cabelo. Ou “ela ficou de boca aberta”. Eu vou anotando tudo o que vai acontecendo, que eu acho que são informações e fazem parte dessa escuta. Mas eu tenho gravado também por causa da questão das palavras exatas. (BRUM, 2011, [s./p.]

A relação da repórter com o entrevistado é de confiança. Ela entra em um outro mundo e depois que retorna, sai dele transformada. Essa é a graça de ser repórter, ou seja, viver de metamorfoses. Se habitarmos um determinado local e não acontecer nenhum tipo de mudança, é porque não houve entrega de corpo e alma.

Sempre que eu tenho alguma dúvida, eu volto. Ligo mil vezes ou volto na casa da pessoa antes de ser publicado. Não mostro o texto. Acho que é uma relação de confiança. Nunca pedi para ver também. E sempre mando a revista. A pessoa que eu entrevisto recebe a revista em casa, junto com os assinantes. Esse é um cuidado que eu sempre tenho. Eu escrevo sobre isso no livro. Eu conto um pouco no capítulo quinto. É a história do “homem-estatística” e da relação que eu tive com ele. Muita gente me pergunta: “Tu te envolve com as suas fontes?”. Eu digo: “Claro que eu me envolvo” E se eu não me envolvesse, não ia ter graça, ia fazer outra coisa. Acho que ninguém entra na vida dos outros impunemente. Para mim, o jornalismo vale a pena por várias razões, mas também porque eu sou transformada por aquilo que faço. Eu nunca vou para um lugar e volto igual. Nunca vou para uma vida e volto igual. Eu sou transformada por aquilo que eu conheço, que acontece, que eu faço. Eu me recrio a cada reportagem. E disso fazem parte as relações. (BRUM, 2011, [s./p.]

Depois que o entrevistado abre as portas da casa e também do coração para falar, é preciso ter responsabilidade na hora de publicar e também respeito com cada história.

Acho que tem uma coisa importante para quem é jornalista: as pessoas sabem que a história delas vai ser publicada, que aquilo que estão dizendo vai ser publicado. Elas sabem, mas elas não sabem. E essa é a nossa responsabilidade. Uma responsabilidade enorme, porque nenhuma matéria é mais importante do que uma pessoa. E tu tem a obrigação de, por mais extraordinária que seja aquela história, aquela informação, de dizer para a pessoa o que realmente pode e provavelmente vai acontecer quando ela contar a sua história e ela for publicada no dia seguinte e milhões de pessoas lerem. Isso é mais fácil saber quando tem uma informação: tu fez uma matéria muito delicada e aquela pessoa pode morrer com aquela informação, corre risco de vida. Isso é fácil saber, qualquer um sabe. E também é fácil saber que tu tem que ter cuidado. Então, tu perde a informação e protege a vida daquela pessoa, óbvio. Mas tem coisas que são menos óbvias de saber. (BRUM, 2011, [s./p.])

Além de fazer todo o processo de entrevista e escuta, uma fase importante é quando o entrevistado lê a matéria. É indispensável que ele se encontre nela, sem sinônimos ou sem alguém que, em determinado momento, colocou palavras na boca dele. No momento que inventamos uma fala, o texto corre o risco de perder o sentido.

O maior elogio que podem me fazer, quando eu fico feliz, que eu sei que fiz bem o meu trabalho, é quando as pessoas dizem: “Quando eu li a tua matéria, parece que eu tava lá naquele lugar”. “Quando eu li a tua matéria, parecia que eu conhecia aquela pessoa e tava conversando com ela”. Acho que é um pouco isso. Porque é esse mesmo exercício que a gente faz. A gente vai despida para o mundo do outro, para a realidade outra e tu volta de lá preenchido por aquilo, faz o caminho de volta, transforma aquilo em texto e aquilo vai para o leitor. E tu tens que dar tanta informação para o leitor... Tu tiveste o privilégio de ir para um mundo que ele não foi, seja esse mundo uma pessoa ou uma realidade. Informação, eu considero textura, cheiro, gesto, silêncio, tudo que ele consiga ver. E um ver amplo - tudo aquilo que tu viste – e escutar tudo o que tu escutaste. E, aí, ele faz suas próprias escolhas e não as tuas. Tu não estás dizendo para ele: “Você tem que ver isso”. Não. Então ele pode ir por vários caminhos, os caminhos dele. A matéria, assim como a entrevista, acontece no meio, entre você e aquela pessoa. Acho que a leitura também tem que acontecer em algum lugar no meio. É claro que são pessoas, que eu estou naquele texto e o leitor também vai estar naquele texto. Ele também vai fazer a sua leitura a partir do seu mundo. Na verdade, são várias... É a mesma história, mas são várias. Elas vão se recriando também na leitura. (BRUM, 2011, [s./p.])

Para entrar no universo do outro, é interessante estudar até para saber a realidade daquele lugar. Cada história é diferente, e podem ocorrer mudanças no percurso. Entretanto, é preciso que o repórter faça o dever de casa, e mesmo que não saiba o que vai encontrar, é necessário saber para onde está indo.

Eu tento ler tudo o que for possível sobre a realidade em que eu vou entrar. E fico pensando algumas coisas... Quando eu vou entrevistar alguém, às vezes faço uma listinha do que não pode faltar. Isso em determinadas entrevistas. Cada história exige coisas diferentes. Eu não tenho uma fórmula para tudo. Mas acho importante tu saber muito sobre aquela realidade, até para

saber para onde é mais legal tu olhar e para não ser enganada por uma coisa que parece ser e não é. Eu acho que a gente tem que ir aberta. É muito importante tu ir aberto. O antijornalismo é aquele cara que vai com a sua tese pronta e encaixota a realidade dentro da sua tese. Para isso não precisa ir para rua. Isso é invenção. Isso, sim, é ficção. Tem que ir aberta para se espantar, para ouvir. O melhor é quando tu te espantas. Quando a tua pauta vira, quando o imprevisível acontece e tu acolhes o imprevisto. Isso, para mim, é quando eu fico mais feliz. Eu tenho que saber muito para poder me espantar, não é? Senão, qualquer coisa vai me espantar. E não devia. Então, o bom é quando tudo vira. Eu vou muito aberta. Eu gosto muito também de trabalhar sem pauta. É mais raro, mas já tive algumas oportunidades de ir para uma realidade e tipo: “Vai e vê o que faz. Vai e vê que história conta”. (BRUM, 2011, [s./p.])

Para a repórter, é indispensável viver a história plenamente, destaca que se sente habitada por todas as vozes que escutou durante a sua caminhada no jornalismo. Salienta que as vozes moram dentro dela.

O que é apurar, para mim? Entendo a escuta como o instrumento mais importante da reportagem. Essa escuta que a gente faz não só com os ouvidos, mas com todos os sentidos, em que a gente ouve também os silêncios, escuta as hesitações das pessoas, aquilo que elas silenciaram, o ambiente. Para mim, fazer uma apuração, fazer uma reportagem, é ir em direção a um mundo do outro. Isso me exige uma preparação interna muito grande. Sempre fiz minhas apurações na rua, mesmo que essa rua seja na floresta. E agora, na Covid-19, estou vivendo uma experiência que nunca vivi antes como jornalista, de ter que fazer entrevistas pela internet. Mas, para ir para essa rua, preciso atravessar a rua de mim mesmo, que é fazer o exercício de me desabitar, no sentido de me desabitar dos meus preconceitos, das minhas visões de mundo, das minhas crenças, para ir em direção do mundo do outro o mais vazia possível. Se não faço esse exercício, não consigo. Posso ir para o outro lado do planeta e continuar no mesmo lugar, porque não vou ter saído de mim. Preciso ter esse cuidado para ser capaz de escutar essa vida que é outro jeito de ser e estar nesse mundo. Depois, preciso fazer o caminho de volta, que também não é fácil. Não tenho a pretensão de ir totalmente vazia e sei que vou tomar todas essas precauções, mas que essa escuta está atravessada — vou voltar com o que eu escutei atravessada pelo meu corpo. E aí, então, preciso escrever. (BRUM, 2020, [s./p.])

Quando o repórter se entrega e abre o coração para escutar o entrevistado, é como se ele passasse por um processo que envolve uma troca de energias. Eliane diz que se sente estranha ao voltar das reportagens, já que passa por uma transformação, se entregando de corpo e alma.

Volto muito grávida. Para mim, a reportagem é feita com o corpo, não tenho essa separação cartesiana. Estou falando muito de algo subjetivo, que para mim é extremamente importante, e, falando da parte objetiva, tenho um imenso cuidado nessa escuta. Tenho os meus jeitos de fazer as entrevistas. Gravo todas com dois gravadores — que hoje são dois celulares — porque já perdi gravação e isso é uma coisa horrível, e transcrevo porque preciso da palavra exata; como tem o gravador que está registrando aquilo que está sendo dito, no meu bloco vou anotando o que vou vendo, o que vou apurando. A forma como a pessoa diz, do jeito que ela diz, dos gestos dela, qual foi a

palavra que ela trancou, qual foi a palavra que ela fez silêncio, qual momento ela acelerou a voz, o que tem na casa dela, que som entrou... Um carro? Um macaco? Se leio um bloquinho meu, consigo revisitar aquele momento. Então, com todo esse material, consigo chegar o mais perto possível da verdade daquela escuta. Para mim, o jornalismo também é uma experiência do corpo. Vivo, de certa maneira, a vida dos outros e trago essa vida para o leitor. E essa vida é também a minha —todas essas somas e o que faço com aquilo que vivi. Sou imensamente grata a todas as experiências e lugares que o jornalismo me levou. (BRUM, 2020, [s./p.])

Toda história tem um ritmo, e um dos desafios para a jornalista está na linguagem. Eliane ressalta que os brasileiros fazem literatura pela boca, e ela respeita isso. Não encontra sinônimos para as palavras dos entrevistados, sendo fiel à diversidade do vocabulário.

Cada história tem uma narrativa própria que não é dada por mim, mas pelas pessoas que fazem parte da história. Sempre tenho o desafio de encontrar a linguagem das pessoas. A linguagem é mais do que a língua, é o jeito de falar, além das palavras. A coisa mais fascinante de fazer jornalismo no Brasil é que são brasis, e as pessoas inventam palavras, é maravilhoso como os brasileiros fazem literatura pela boca. Tenho que respeitar essa literatura. Se eu fizer uma reportagem que é, por exemplo, na Brasilândia, e o pessoal falar igual ao pessoal da Amazônia é porque estou escrevendo sobre mim, porque eles não falam igual. Não só as palavras, mas o ritmo — e é esse ritmo que busco reproduzir nos meus textos. As palavras no texto às vezes são mais rápidas, mas porque as pessoas falam mais rápido. É um pouco que nem música. Penso muito sobre o que estou fazendo e sobre o que aconteceu comigo. (BRUM, 2020, [s./p.])

Eliane é uma “escutadeira”, uma artista que tem o dom de tocar o coração das pessoas através das reportagens. Seus textos são carregados de sentimentos, e eles contam as histórias de diversos brasileiros.

Eu devo ter escolhido ser repórter em algum momento, mas não foi um processo consciente. Eu sempre gostei de escrever e sempre me incomodei com as tristezas e injustiças do mundo. Desde criança, a miséria humana, em todas as suas formas, e não apenas a financeira, me pegavam. Era para onde eu olhava. Eu enxergava e sentia a dor do outro. E sempre gostei de imaginar a vida das pessoas por trás das luzes acesas das casas que eu só via de longe. O jornalismo me deu uma desculpa para bater, entrar e tentar entender a vida dos outros. (BRUM, 2020, [s./p.])

Em 2011, nos 40 anos da Organização Humanitária Médicos sem Fronteiras, foram convidados nove escritores de diferentes partes do mundo para conhecer os projetos da organização. No Brasil, Eliane foi a única brasileira convidada para participar desta experiência e escrever um capítulo do livro que marcaria os 40 anos da MSF. Embarcou para a Bolívia, e o projeto que havia sido destinado a ela era acompanhar o trabalho da organização em uma região chamada Aiquile, em Cochabamba,

lugar onde o Mal de Chagas havia tomado conta. Conforme Brum (2008, p. 358), “a patologia é elencada como uma das doenças negligenciadas neste mundo, assim chamadas porque, como afeta pobres de países pobres, recebe pouca atenção e pouca pesquisa.”

Sobre a doença, Eliane sabia o básico, então, pesquisou sobre e não encontrou muito material em sua investigação. Ela ressalta que nada poderia prepará-la para a realidade que iria encontrar. Naquela região, o barbeiro é chamado de “vinchuca” pelos camponeses. A palavra é, em quéchua, a língua falada por eles. Vinchuca significa “deixar-se cair”. Brum (2008, p. 359), afirma que “o nome se origina numa rotina: à noite, centenas desses insetos despencavam dos telhados de palha e das paredes de barro sobre os corpos de adultos e crianças.” A jornalista reproduz a narrativa de uma das camponesas que entrevistou, Cristina:

Dois dos meus irmãos morreram de Chagas ainda crianças”, ela disse. E eu duvidei: mas como, se Chagas leva muitos anos, décadas, para chegar a matar? Cristina, então, com uma voz serena como uma faca cortando o pão sem pressa, explicou que os meninos morreram asfixiados. Os bichos enfiaram-se pela garganta dos pequenos em tal quantidade que não puderam mais respirar. Cristina contou a seguir que ela e o irmão mais velho pegaram suas chinelas e começaram a matar e a matar as vinchucas. E as paredes da casa ganharam a cor do seu sangue. Sepultaram os bichos num buraco no quintal e atearam fogo. Mas, na noite seguinte, nas palavras de Cristina, “as vinchucas renasceram”. Cristina e o irmão então souberam que a vinchuca era uma espécie de divindade, porque onipresente, e ali estaria para sempre, como antes esteve com seus pais, e antes deles com seus avós, até o fio se perder num pretérito circular”. (BRUM, 2008, p. 360)

A repórter acredita no poder da narrativa, da história contada como instrumento da transformação do mundo, ou seja, de aproximar a realidade das pessoas e os mundos que cada um carrega dentro de si. No dia em que o Papa Bento XVI renunciou, a Cristina morreu. “As pessoas morrem porque a gente silencia, eu sou repórter para fazer um pouquinho só, que é às vezes quebrar o silêncio, transformar o silêncio em voz, a ausência em presença, é por isso também que eu estou aqui hoje.” (BRUM, 2013, [s./p.]

6 ANÁLISE

Para realizar o estudo das reportagens, foi utilizado o método de análise proposto por Laurence Bardin (1979), desde a escolha até a interpretação final mostrando como se caracteriza a produção jornalística de Eliane Brum em três de suas reportagens: *Mães vivas de uma geração morta* e *A mulher que alimentava*, ambas estão no livro *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), cuja obra traz dez grandes reportagens escritas por Eliane, começando pelo nascimento e finalizando com a morte. Já *Mães Yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês*, foi publicada no *Jornal El País*, em 2020.

As reportagens abrem os horizontes do leitor mostrando um viés humanizado nas narrativas. Somos convidados a refletir sobre três histórias diferentes contadas por cidadãos comuns, mas que têm o mesmo desfecho, algo que é a única certeza que o ser humano tem, ou seja, a chegada da morte. A jornalista mergulha de corpo e alma no universo dos entrevistados, transportando o leitor para uma vivência diferente dando asas não à imaginação, mas à realidade, muitas vezes dura e cruel. Uma realidade que não estamos acostumados a ver nos noticiários, pelo menos não de uma forma tão aprofundada e sensível.

Conforme Medina (2003, p. 141), “Estar afeto aos protagonistas e à cena que eles tomam demanda um exercício constante de despoluição da consciência racionalista que tudo instrumentaliza. É preciso restaurar a respiração profunda da interação social criadora.” O autor destaca a questão da “despoluição da consciência racionalista”, o que vai ao encontro ao ato de esvaziar-se, que Eliane ressaltou em várias entrevistas como sendo um processo que ela faz para chegar vazia, livre de preconceitos, para se preencher dos relatos que vai escutar. A forma como a repórter conta as histórias, a relação com as fontes, a atenção e a generosidade com a reportagem, a simplicidade encontrada nas narrativas, tudo isso está presente no TCC e será apresentado durante a análise de trechos de cada uma delas.

Em conformidade com Pena (2006, p. 25), “a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.” A repórter faz justamente isso que o autor diz, no momento em que ela atravessa a rua de si mesma e desbrava o Brasil atrás de histórias e, dessa forma, o leitor também vence os seus medos podendo se transformar ao ler as narra-

tivas que exalam humanidade. O medo do desconhecido é o que deixa muitos jornalistas acomodados, mas Eliane não. Ir além também faz parte do ofício.

6.1 OBJETO DE ANÁLISE

Dentro de um universo repleto de reportagens feitas pela repórter Eliane Brum, é difícil fazer escolhas. Cada história é diferente, tem sua melodia e suas particularidades. As narrativas escolhidas tecem palavras como fios entrelaçados relatando a vida e a morte de uma forma que prende o leitor, que o deixa com fome de saber mais sobre o assunto, mergulhando em uma experiência desconhecida. Todas elas têm algo em comum e abrem a visão para um jornalismo humanizado e sensível.

São três reportagens diferentes ressaltando realidades distintas, histórias tristes, mas transformadoras. Para Brum (2008, p. 365), “a mim, como repórter, cabia escutá-los com todos os sentidos e buscar traduzi-los em palavra escrita - sem traí-los.” A seguir, através de fragmentos das reportagens vamos conhecer as *Mães Vivas de uma Geração Morta*, mulheres que viram seus filhos nascer e morrer. Depois entraremos na vida de Ailce Oliveira Souza, *A Mulher que alimentava*, que quando pensou que tinha tempo, percebeu que seu tempo havia acabado. Para finalizar, será feita a análise de *Mães Yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês*, um drama das mães que tiveram os filhos arrancados dos seus braços, lugar para onde eles não voltaram.

6.2 MÃES VIVAS DE UMA GERAÇÃO MORTA

Nesta reportagem conhecemos o lado dolorido de ser mãe, o qual a angústia vai consumindo, os dias se arrastam, a verdade está timbrada na razão, mas o coração clama por esperança, mesmo que ela morra aos poucos. As entrevistas foram feitas em 2006, mas hoje, em 2021, no Brasil, ainda existem muitas Selvinas, Franciscas, Evas, Graças, Enildas, Josefas, Helenas e Marias. Mulheres honestas que possuem algo em comum: enterram seus filhos mortos pelo tráfico. A reportagem está no livro *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)*, nela, nos deparamos com a história de sete mães que abrem o coração para Eliane. Vamos analisar fragmentos da história de três mães.

Por um real. A jornalista apresenta Maria Fátima da Silva Souza cujo filho

começou no tráfico com 12 anos e, aos 16, se tornou dependente. Morreu aos 25 anos, se desentendeu com um traficante por conta do valor de uma pedra de crack. Foi morto por um real. Nas palavras de Maria, “Se você perde o pai e a mãe, é uma dor muito grande, mas você supera. Se perde um filho, a ferida não sara nunca. Meu filho saiu das minhas entranhas, eu carreguei nove meses, eu amamenteei. Eu enterrei.” Ainda,

Um dia eu não suportei. Só tinha eu e meu filho dentro de casa. Ele tinha 14 anos. E eu não sabia mais o que fazer. Decidi botar fogo em nós dois. Saí de casa pra comprar álcool. A dona da mercearia viu como eu tava e não quis me vender. Então fui bater na outra mercearia, mas tava fechada. Voltei pra casa, me deitei na cama e não lembro de mais nada. Os vizinhos disseram que eu comecei a gritar. Eu sabia que meu filho ia acabar morrendo. Era insuportável. Aconteceu anos depois. Foi assassinado pelo traficante. Eu juntei o corpo do meu filho do chão. Lembrei que o sonho dele era doar órgãos. Só prestaram os rins e as córneas. O resto a pólvora estragou. Era daquelas balas que explodem por dentro. (BRUM, 2008, p. 189)

É muito comum encontrar, nos jornais, notícias de jovens que tiveram suas vidas ceifadas pelo tráfico, quando o ponto final são tiros e um corpo jogado no asfalto. Nesse trecho, Eliane passou a palavra para o coração de Maria, sendo a voz dele que pulsa na história. Para Restrepo (1998, p. 37), “os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas.” Segundo o autor, o terreno dos sentimentos é fértil e a emoção não pode ser apenas uma sombra. A verdade precisa ser dita, mas com empatia.

O que Eliane faz é lançar a semente para germinar através da escrita, ou seja, no trecho acima, é o coração da mãe que fala. Por trás do garoto morto, existe esta mulher que sobreviveu ao caos. Se a repórter não tivesse dado voz à Maria, seria difícil encontrar palavras para descrever o sofrimento dela. Usar a razão é preciso, mas o jornalista, antes de ser profissional, é humano, e a sensibilidade é necessária. As histórias são diferentes, mas em todas percebemos que o sentimento transborda.

O Segundo Caixão. Eliane apresenta outra protagonista, dando voz à Enilda Rodrigues da Silva, que pagou o caixão do seu filho quando ele ainda estava vivo. Ele tinha 15 anos quando ela começou a quitar a morte do garoto. Duas semanas antes do natal, ele morreu, aos 20 anos. No dia seguinte, ela começou a comprar o caixão do outro filho, com 19 anos. Enilda viu os filhos seguirem um caminho torto no qual ela sabia o fim. Velou os filhos vivos e lutou para que morressem com dignidade. Nas

suas palavras: “Eu não queria que meu filho morresse desse jeito horrível, mas eu pedi muito a Deus que ele dormisse e não acordasse mais.”

Quando meu filho apareceu em casa com o primeiro tiro no peito, eu comecei a pagar o caixão. Não queria ter de pedir esmola pra enterrar meu menino como vejo tantas mães por aí. No dia em que ele foi morto pela polícia, eu tava com duas prestações atrasadas. O pai dele tinha ganhado um dinheirinho fazendo pão e eu mandei o irmão dele pagar o carnê de manhã bem cedo. Meu filho pôde morrer honestamente. Agora, pago o caixão do meu segundo filho. (BRUM, 2008, p. 195)

A narrativa segue de uma forma humanizada. Eliane é fiel à forma como a entrevistada fala, e a literatura que sai pela boca de Enilda convida o leitor a entrar em um mundo sofrido. A visão de quem está fazendo a leitura da reportagem não alcança a entrevistada, mas os sentidos dão asas à imaginação e nos colocam frente a frente com Enilda e com seu discurso triste.

A cada narrativa busquei contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações dos silêncios. Como Eva da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase e dizia, chorando, que não sentia mais dor. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos do seu inferno pessoal e também todas as nuances do que as fazia sobreviver. (BRUM, 2008, p. 209)

Mãe Mutilada. A jornalista conta, de uma forma detalhada e poética, a história de Selvina Francisca da Silva.

Nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua. Aos 74 anos, Selvina respira no cômodo sem janelas onde dormem sete. Dá tosse, ânsia de vômito. Seria um ar impossível não fossem os pulmões de Selvina adaptados ao impossível. Ao longo da vida a que tanto se agarra, ela foi perdendo primeiro as unhas, depois os dedos das mãos e dos pés. Queimaduras, acidentes, doenças. Só restam tocos a Selvina. É com eles que ela resiste. Selvina olha para os membros mutilados e diz: “Eu não queria que a vida tivesse me aleijado. Estou acabada. Foi-se tudo”. (BRUM, 2008, p. 176)

Tenho muita lágrima. Choro de dia, choro de noite quando alembro que não tenho mais meta. Quatro filhos matados, um sumido. Quando morreu o terceiro, eu achei que fosse morrer também. Encomendei uma mortalha de tergal branco, muito bem costurada. Quem morreu, numa rixa de traficantes, foi minha filha. Botei nela a minha mortalha. Agora mandei costurar outra, mas azul. Agora eu quero ir de azul. Mortalha azul, caixão azul. Sou apaixonada pelo tempo. Esse mundão que Deus tem pra cima. Azul. Acabou tudo. Esse mundo foi ilusão. (BRUM, 2008, p. 197)

Aqui a repórter inicia descrevendo a personagem de uma forma que envolve o leitor, e o que chama a atenção é a seguinte frase: “Só restam tocos a Selvina”. Ela

é uma mãe mutilada por dentro e por fora, já que perdeu partes do corpo, perdeu os filhos e perdeu o colorido da vida. Sem conhecê-la, é possível imaginar esta mulher, pois Eliane a escreve de uma forma carregada de sensibilidade e respeito, sendo olhos e ouvidos.

Ao ouvir alguém em uma praça pública, por exemplo, não estamos só usando a audição. Estamos vendo seus gestos, usando o tato para nos apoiar em algum banco ou ficar de pé, sentindo o cheiro no ar e o paladar de nossa última refeição ou da fome que se aproxima. Todos esses componentes influenciam a mensagem. São parte dela. (PENA, 2006, p. 26)

O que o autor expõe é notável na escrita de Eliane. O uso dos sentidos é indispensável, e é através da fala, dos gestos, gostos, cheiros, que o jornalista consegue dar vida ao personagem na cena. As palavras também têm voz, e é isso que a repórter faz. O texto conversa com o leitor buscando causar transformação. Na frase: “Seria um ar impossível não fossem os pulmões de Selvina adaptados ao impossível” Eliane ressalta a força de Selvina. Mesmo com todos os problemas, ela ainda respira, vive. Se não fosse a sensibilidade da repórter, esses detalhes passariam despercebidos. “No cômodo sem janelas onde dormem sete.” Para conhecer Selvina, precisamos saber sobre o lugar que ela mora, que mundo habita. Algo banal pode ser a informação-chave para uma boa reportagem, por isso é preciso usar os sentidos durante todos os momentos, desde o fazer até o nascimento da matéria.

Quando Selvina diz “Tenho muita lágrima. Choro de dia, choro de noite quando alembro que não tenho mais meta. Quatro filhos matados, um sumido”, ela confirma o que Eliane escreveu: “Só restam tocos a Selvina”. Para ela, o mundo foi ilusão.

No livro, depois da reportagem, Eliane fala sobre o processo, os objetivos e os desafios que passou.

Não há como visitar o país dessas mulheres sem se queimar. Mas com o tempo a ardência vira uma marca cada vez mais tênue. Para nós, sempre é possível partir. Para elas, não. No lado do Brasil em que vivem, não há saída de emergência. Ao tocá-las escutar a sua dor, sentar em suas cadeiras de pregos, percebemos que somos mais semelhantes do que diferentes. O que nos torna desiguais é o que as condena e o que nos envergonha: para os nossos filhos há futuro, e para o delas há caixão. (BRUM, 2008, p. 209)

A jornalista esteve cara a cara com essas mulheres, sentiu a dor dessas mães no momento em que elas abriram a porta das suas casas e a deixaram entrar. “Não há como visitar o país dessas mulheres sem se queimar.” Essa frase é tocante, porque essas mães carregarão para sempre a cicatriz do sofrimento. Quem entra em contato

com elas, quem habita o mundo delas também se queima, pelo fato de sermos humanos. O processo de humanização nos faz refletir, nos despir para nos vestirmos do outro.

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180)

Conforme o autor, as sensações são necessárias. Sentir, ser, estar e humanizar-se faz parte da evolução dos seres humanos. Penetrar nos problemas, encontrar a beleza nos detalhes, olhar para o próximo sem preconceitos, tudo isso é indispensável no jornalismo. “O que nos torna desiguais é o que as condena e o que nos envergonha: para os nossos filhos há futuro, e para o delas há caixão.” Essa frase é chocante. Percebe-se que vivemos em um país desigual e que nem todos têm oportunidades. Eliane mergulhou no universo dessas mães que perderam o que de mais precioso elas tinham, os filhos.

A vida desses meninos e o legado que deixam dão asas a um ciclo vicioso. Na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), o autor procura formas para sustentar a sua tese que costura toda a história. Uma delas é como o meio determina o homem e o leva ao fundo do poço. Diante disso, é perceptível que, na vida dos meninos mortos pelo tráfico, o meio os influenciou.

Em outra periferia do Brasil, outro neto, criado por outra avó, mãe de outro filho assassinado, também espera. “To ficando grande, to ficando grandinho”, diz o menino ao voltar da escola.” Meu pai morreu por covardia, o cara que matou ele tem hoje 16 anos. Sinto falta do meu pai. Eu queria ele vivo.” O menino tem sete anos. E quer crescer não para ser bombeiro, médico ou jogador de futebol. Quer crescer para matar outro garoto. (BRUM, 2008, p. 186)

Enquanto esse ciclo vai se repetindo, outras mães vão enterrando seus filhos. “To ficando grande, to ficando grandinho.” Nessa fala do menino, é notável a pressa que ele tem em crescer, não porque sonha com um futuro melhor, mas porque quer vingar a morte do pai; o garoto quer matar. Abaixo temos alguns relatos das mulheres que abriram o coração na reportagem *Mães Vivas de uma Geração Morta*:

“Quando morreu o terceiro, achei que eu fosse morrer também e comprei uma

mortalha de tergal branco. Quem morreu foi minha filha. Vesti nela a mortalha que era pra mim.” Selvina Francisca da Silva

“Saber que meu filho acabaria assassinado era insuportável. Decidi então botar fogo em nós dois.” Maria Fátima da Silva Souza

“Quando meu filho apareceu em casa vivo, mas com um tiro no peito, comecei a pagar o caixão. Agora pago as prestações do caixão do meu segundo filho. Ele ainda está vivo, mas sei que vai morrer.” Enilda Rodrigues da Silva

“Meu filho levou um tiro na barriga que atravessou. A polícia disse que o único trabalho da família era enterrar.” Josefa Inacio Farias

“Meu terceiro filho foi assassinado na boca de fumo com um tiro no peito. Tinha 22 anos. Eu já tinha perdido os outros dois. Minha cabeça bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite.” Eva Sebastiana Araújo

“Não fui ao enterro de nenhum dos meus filhos. Se pudesse, eu me enterrava.” Graça Mary Azevedo Carneiro

“O primeiro que morreu era pequenininho, desse tamanhinho assim. Setenta e oito facadas. Tinha 13 anos.” Helena Silva Cruz

“Meu filho gritava porque estava perdendo muito sangue. A polícia ouviu, arrombou a porta e ele morreu. O tráfico pagou o enterro.” Francisca Maria da Silva Porfirio

O que essas mães têm em comum é que todas elas partilham da mesma dor, mulheres que viam seus filhos sair pela porta de casa e ficavam na esperança de que eles retornassem. A morte poderia chegar a qualquer momento, e essa era a única certeza que elas carregavam. O que Eliane fez neste trabalho de apuração precisa, de entrevistas e de escuta sensível, foi mostrar um outro olhar, o das mães. Por trás destes meninos, sempre existiu alguém que acreditou mesmo desacreditando e nunca deixou de esperar por eles.

Segundo Pena (2006, p. 14), “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público.” O autor ressalta o compromisso que o jornalista precisa ter na sociedade, o cuidado, o respeito, incluindo todos que fazem parte dela. Reportagens sobre meninos que entram no mundo do tráfico e perdem suas vidas têm muitas, porém, Eliane seguiu um outro caminho e foi feliz na escolha do tema, contribuindo de uma forma positiva e transformadora.

Ela sugeriu a pauta das mães dos meninos do tráfico, sendo a voz e o olhar delas que dão vida ao texto. Para Brum (2008, p. 207), “No avesso dos garotos mortos estavam as mulheres que sobreviviam ao que na nossa cultura é a maior de todas as dores, a de enterrar um filho.” A repórter andou por vários lugares do Brasil e, ao ler a reportagem, o leitor corre o risco de viajar com ela. Salientou uma figura extremamente importante na vida de qualquer ser humano, a mãe, suas dores, desassossegos, lutas para salvar os filhos das mãos frias do tráfico. Mães que jamais abandonaram seus meninos e, mesmo quando eles estavam no fundo do poço, elas buscavam uma forma de esticar seus braços porque mãe é amor, e o amor não abandona, cuida.

Conforme Ijuim (2013, p. 12), “Seu trabalho – enquanto processo e enquanto consequência – pode constituir em contribuição ao processo de pessoalização – ser vasos comunicantes de solidariedade, compaixão e humanização.” Nesse pensamento, o autor fala sobre o trabalho do jornalista que escreve na linha humanizada, quando diz “ser vasos comunicantes”. Isso remete ao que Eliane faz, ou seja, uma ligação entre realidades desiguais, aproximando o leitor de uma outra visão de mundo. Segundo Brum (2008, p. 209), “Acredito que, num país tão desigual, é missão da imprensa aproximar mundos. Só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação. Sou repórter quando me torno ponte entre Brasis.”

Mães Vivas de uma Geração Morta é uma reportagem humanizada. Nela conhecemos as mães de meninos que foram mortos pelo tráfico. Conforme o poeta Carlos Omar Villela Gomes (2005), “Pior que a morte de um filho só mesmo a dor de seus pais...” Essa é a realidade que Eliane nos mostra, mães que sobreviveram a uma vida do avesso e perderam seus filhos, mas nunca os abandonaram, porque o amor de mãe não diminui e nem morre. A reportagem completa está no ANEXO C.

6.3 A MULHER QUE ALIMENTAVA

Esta reportagem é a que faz o fechamento do livro *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), onde Eliane conta a história de Ailce de Oliveira Souza. A jornalista havia decidido que queria acompanhar alguém com uma doença incurável. Em 26 de março de 2008, foi a primeira vez que elas se encontraram em uma “fronteira”. O final da vida da entrevistada seria o final da reportagem, porém a leitura do livro nos mostra que não, pois Ailce vive em forma de história e todos que

leram ou ouviram falar sobre “A mulher que alimentava”, certamente jamais esquecerão quem foi Ailce de Oliveira Souza.

O jornalista ao se relacionar com as fontes precisa usar os sentidos. A técnica é importante, mas trabalhar com a subjetividade é um recurso que pode ser fundamental no fazer jornalístico, conforme Ijuim (2008),

Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades - subjetividades (IJUIM, 2013, p. 8-9)

O autor ressalta exatamente o que Eliane faz nas reportagens, e isso será comprovado durante a análise. O respeito e a forma humana e poética como escreve fazem com que o leitor entre na cena, capaz de ser tomado por uma enxurrada de sentimentos. Quando Ijuim diz “recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana”, é como se ele estivesse descrevendo o trabalho da repórter, e é com esta profundidade que vamos conhecer *A Mulher que alimentava*.

A jornalista passou 115 dias com Ailce, entre visitas e ligações, o que criou um vínculo afetivo entre elas. A missão de Ailce estava acabando, mas a de Eliane não. Narrar a vida é muito bonito, embora, muitas vezes, ela seja dura. Entretanto, falar da morte é algo transformador. Nessa narrativa, Eliane relata o cotidiano de uma mulher que tem o coração tomado por esperança. Por outro lado, no meio das vias biliares, existe uma pedra, um tumor que decretou a sua sentença de morte.

“É tão estranho”, ela diz.” Eu passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado.”

Ela está intrigada com essa traição da vida. Quando fala, sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira escolar. Toda a sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. Toda a sua vida havia sido uma sequência de atos. E agora a morte chegava exigindo metáforas. (BRUM, 2008, p. 323)

Eliane apresenta Ailce e já coloca a frase dita pela entrevistada, que é a chave da reportagem, que leva o leitor a refletir sobre a brevidade da vida: “Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado.” Um tumor chegou e ditou as regras do jogo. A repórter traz a temática do câncer, uma doença presente em diversas famílias, sendo uma batalha vencida para uns e perdida para outros. “E agora a morte

chegava exigindo metáforas.” Nesse fragmento, a jornalista ressalta a figura desconhecida, e a única certeza que o ser humano tem, ou seja, a presença da morte e suas metáforas tanto para amenizar a situação, quanto para conviver com ela.

Ailce nunca deixou de se sentir traída por “essa doença”, como se expressa na maior parte das vezes, ou “o tumor”. Não pronuncia a palavra câncer. Quando nos conhecemos, em 26 de março, fazia quase um ano que sua pele amarelara e ela se enchera de náuseas. Ela atravessa um período de grande revolta contra Deus. É dele a traição. O câncer de Ailce é uma pedra no meio do caminho das vias biliares. O tumor obstrui a passagem e, sem ter por onde escoar, a bile é lançada no sangue e a amarela inteira. Quando ganha essa cor solar, Ailce ainda não tem 66 anos. E acredita viver o melhor tempo de sua vida. (BRUM, 2008, p. 324)

Voltando ao que Ijuim (2013) destacou sobre o fazer jornalístico, de que ele “recorre a um caráter humano nato”, esse é o caminho que torna uma reportagem humana. “Não pronuncia a palavra câncer”. Durante os 115 dias, Ailce não pronunciou a palavra câncer, nem Eliane. Nem mesmo quando se conheceram. Ailce nunca disse o nome da doença que a mataria, e a repórter respeitou isso, com a sensibilidade de perceber que essa palavra não estava no vocabulário da entrevistada. Tem poesia e generosidade na forma como Eliane escreve, como olha para o entrevistado. No trecho, “Quando ganha essa cor solar, Ailce ainda não tem 66 anos.” A cor amarela não tirou o colorido da vida de Ailce. Ela é sol, está viva, mesmo sabendo que a morte está ao seu lado. Durante toda a reportagem, Ailce e Eliane estão na “fronteira”, mas falam da existência, e a morte só chega no ponto final.

No fazer jornalístico, o repórter precisa ir além de dar a notícia, sendo um processo que envolve observação e o uso dos sentidos.

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 2)

De acordo com o Alves e Sebrian (2008), todo desenvolvimento que envolve a reportagem precisa ser de entrega. É um serviço que prestamos à sociedade, mostrando uma outra visão de mundo, um olhar com sensibilidade, empatia e livre de preconceitos.

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dava um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o pico do Everest, nem decifrou uma espiral do DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu. (BRUM, 2008, p. 327)

Eliane não entrevistou uma pessoa famosa, mas uma cidadã comum, sendo ponte e não parede entre mundos. Somos convidados a entrar na realidade de Ailce, sentir suas dores e também sua vontade de viver. O jornalismo humanizado é transformador. Ailce está eternizada nas páginas de *O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Não é ficção, é história real.

Ailce sempre desejou se “libertar” e, como muitos de nós, nunca conseguiu definir muito bem de quê. Descobre então que terá de enfrentar não a Medicina, mas a Poesia: “Temos, todos que vivemos/ Uma vida que é vivida/ E outra que é pensada/ E a única vida que temos é essa que é dividida/ Entre a verdadeira e a errada”. (BRUM, 2008, p. 327)

Nesse trecho citado acima, percebemos o que Eliane disse em relação à morte que chega trazendo metáforas. Compreendemos que, diante da morte, a vida insiste em falar mais alto, mas as duas têm algo em comum, a poesia. Conforme Pena (2006, p. 71), “O jornalista é um fingidor. Ele finge não sentir a dor de seu próprio fingimento.” É preciso ser forte para ser jornalista. Em várias passagens da reportagem, Ailce queria a opinião de Eliane que, muitas vezes, se calou, mas houve um momento em que se pronunciou.

“Acho que não tem mais nada dentro de mim”. Ailce deseja muito que eu confirme seu pensamento mágico. Nessas horas, eu sinto dor na garganta, pelas palavras que não posso pronunciar, mas que gostaria muito de dizer. Incapaz de enfrentar meu silêncio, ela contemporiza.” Ainda bem que eu não tenho dor. Eu não suportaria ter dor.” (BRUM, 2008, p. 335)

“Será que se eu engordasse um pouco não daria pra fazer cirurgia?” Pela primeira vez, me autorizo a falar.” Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Nunca importou. Não é culpa sua. O tumor é que está num lugar de onde não pode ser tirado”. Ela me olha com a esquina do olho e diz:” acho que já tinham me contado. Mas não dá pra lembrar de tudo”. (BRUM, 2008, p. 341)

“Acho que a história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim. O que você acha?”. Eu me acovardo. “Não sei.” Seus olhos amarelos me perfuram. “Não sabe?” Eu minto. “Acho que não falta mais nada.” Ambas sabemos que falta a morte. Eu preciso dizer:” E é uma vida bonita”. Ela pede uma confirmação: “Você acha, Eliane?”. Eu asseguro:” A senhora sempre brigou pelo que queria, criou seus filhos, construiu a casa que sonhava, matou a fome de tantas crianças. A senhora viveu”. Ela conclui, para que eu não esqueça: “E eu fiz tudo isso sem nunca pedir nada a ninguém”. (BRUM, 2008, p. 344)

Eliane foi mais do que repórter, foi companhia e exerceu mais do que a profissão. Também foi humanidade e não interferiu nas falas da entrevistada, afinal de contas não era sobre Eliane, mas sobre Ailce.

Segundo Belo (2006, p. 104), “Fazer silêncio, criando um clima de tensão, ou

mudar rapidamente de assunto para voltar a um tema delicado depois, quando a situação exige, são técnicas que, infelizmente, não se podem ensinar.” Para o autor, alguns métodos, só a prática pode nos doutrinar. Existe o momento de ser silêncio e também o de ser palavra, mas ambos requerem humanidade sempre.

Para Pena (2006, p. 14), “É preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração.” Nesse fragmento, o autor fala sobre a entrega que o jornalista precisa ter com a reportagem, com a história que foi confiada a ele.

Em junho já é difícil levar o copo à boca sem derrubar a água, botar uma perna na frente da outra para caminhar. Mas ela faz tudo isso. Tremendo, cheia de fúria. “Tira a mão do meu braço que eu ando sozinha”, diz. “Mas a senhora cai”, preocupa-se a filha. “Não caio”, retruca. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba o café, mas é ela quem segura a xícara com as duas mãos. Pergunto a Ailce porque é tão importante segurar aquela xícara. “Eu tenho de ser eu, entende?” Descubro ali que ela morrerá quando não puder mais segurar a xícara. Morrerá quando o último vestígio de autonomia escapar de suas mãos amarelas e se espatifar no chão. (BRUM, 2008, p. 339)

No trecho acima, a repórter mostra que Ailce é como uma vela e, aos poucos está apagando, mas, mesmo assim, ela luta para sobreviver. É através dessas particularidades que Ailce dá à Eliane pistas, como: “Descubro ali que ela morrerá quando não puder mais segurar a xícara.” É dessa forma, que a jornalista tece a narrativa, conforme Ailce vai entregando os fios.

No decorrer desta análise, percebe-se que Eliane confirma o que os autores ressaltaram, a questão de ser sentidos. O leitor só sente porque a maneira como a repórter usa as palavras toca o coração. Ela não busca sinônimos e, embora a morte estivesse presente o tempo todo, a reportagem fala de vida, de sentimentos. A escrita de Eliane Brum se caracteriza pelo uso dos sentidos, pela poesia real presente em cada vírgula, pela forma de olhar e escutar.

No momento em que Ailce deixa sua residência pela última vez, Eliane salienta outros personagens na cena. Brum (2008, p. 342), “A papagaia há dias já não come. E o cachorro Dunga, chorando, se esconde dentro da casinha quando a vê passar. Na despedida da mulher que a habitava, a casa parece agonizar.” A papagaia, o cachorro e a casa sabiam que Ailce não iria mais voltar. Essa forma de escrever, a delicadeza com as palavras, é o que torna, segundo Ijuim (2013, p. 08-09), “[...] a narração viva – humana.”

Ailce confiou à Eliane a história da sua vida, mas ela jamais leria. O que Ailce não sabia é que a repórter a traria de volta em forma de palavras.

Ailce ainda escuta. Abre os olhos sempre que alguém pronuncia o nome do neto. E, quando ficamos sozinhas, eu digo: “Muito obrigada por ter me contado sua história. Eu vou escrever uma reportagem linda sobre você. E nunca, nunca, vou me esquecer de você”. Percebo então que nenhuma outra pessoa confiaria tanto em mim. Em muitos momentos eu fora a única testemunha de sua vida. Eu escreveria, e ela estaria morta. Ailce confiou em mim para escrever uma história que ela jamais leria. (BRUM, 2008, p. 345)

Conforme Medina (1999, p. 28), “Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem.” *Em A Mulher que Alimentava*, Eliane, nos convida a mergulhar na narrativa da entrevistada. Ailce tinha dois filhos, Luciane e Marcos, e foram eles que cuidaram dela até o último suspiro.

Quando os filhos chegam, Ailce os reconhece. Ela esperava por eles. Então volta a dormir. Às 15h50 ela abre os olhos de repente. Está lúcida. Enquanto seus olhos erram pelo quarto, Luciane diz: “Vamos dançar, mãe. Vamos botar nossa roupa pra gente dançar. A senhora está vestida de cigana e está linda. Já curou, mãe. Não tem mais nada dentro de você. Não tenha medo, estou segurando a sua mão. Vou lhe ajudar a atravessar. Está todo mundo esperando pela senhora. Eu te amo tanto, mãe. Muito obrigada por tudo”. A filha desenha com pétalas brancas o contorno do corpo da mãe. O olhar de Ailce é de infinita tristeza. Seus olhos vagam pelo quarto e se cravam na câmera. E sua respiração apaga devagar. (BRUM, 2008, p. 346)

Nesse fragmento, percebemos a morte de uma forma bonita, poética e, durante todo o desfecho da história, a repórter teve o cuidado, o respeito e a sensibilidade de perceber, olhar e escutar, para escrever uma narrativa de vida. Eliane conta que, nos quatro meses que acompanhou a Ailce, teve três gripes, uma virose, uma sinusite, uma crise de bronquite alérgica e, durante dois dias, sentiu os sintomas dela. Nas primeiras semanas, sentiu raiva. Brum (2008, p. 349), “Eu sabia que era minha forma de expressar a impotência que sentia por estar presa aos fios da vida dela. Parecia que minha vida estava fora de controle, mas o que eu não controlava era a morte. A dela. E também a minha.” Eliane diz que elas conversavam mais sobre a vida do que sobre a morte.

Devagar, enquanto a escutava, eu comecei a amá-la. Com o tempo, ela começou a me chamar de filha. E nos últimos dias, horas, de sua vida, eu ajudava a dar banho no seu corpo já tão castigado, pingava gotas de água em sua boca ressecada com uma gaze molhada. (BRUM, 2008, p. 350)

No dia 18 de julho, às 15h50min, Ailce morreu com ânsia, desejando, e foi isso que fez Eliane acreditar que ela viveu intensamente até o fim. “Então é isso? Estou morrendo mesmo? Mas eu ainda queria dançar.” (BRUM, 2008, p. 351). Para Brum (2008, p. 352), “Nesses 115 dias que vivemos lado a lado, Ailce me mostrou que o que eu entendia como morte era vida, ela deu um recomeço para a minha. Agora, pela escrita, eu devolvo a ela a sua”.

É perceptível que, para fazer esta reportagem, Eliane usou todos os recursos possíveis, ou seja, os sentidos. Claro que envolve todo um trabalho de apuração detalhada e também de emoções. Ao entrar na vida de alguém, fazemos uma longa viagem. A repórter estava na cena, analisando tudo, vivendo aqueles 115 dias ao lado de Ailce.

Durante os meses que Eliane esteve com Ailce, evitou fazer perguntas, usou a escuta sensível e atenta para realizar o trabalho.

Ela jamais usou a palavra “câncer”, eu nunca pronunciei a palavra “câncer”. Se eu falasse em “câncer”, não poderia saber que Ailce não usava essa palavra e, assim, não compreenderia algo crucial da forma como ela lidava com a doença que a mataria. Nunca falei sobre “morte” antes dela. Se já sáísse perguntando, afobadamente, eu não saberia quanto tempo Ailce precisou para articular a palavra “morte”. Nem todas as implicações desse silêncio ruído. Não saberia também que ela só falava sobre a vida. (BRUM, 2008, p. 354)

Em uma entrevista para o *Jogo de Ideias - Jornalismo e Literatura* (2010), Eliane conta que Ailce estava sempre de salto alto. A repórter sabia que ela iria morrer quando estivesse andando de pés descalços. Fala que ela estava na rotina de Ailce, dentro do morrer dela.

Nesta reportagem, essas eram as intervenções que, se consumadas, condenariam a narrativa da vida de Ailce. Mas pingar gotas de água em sua boca quando ela já não tinha forças para segurar o copo, ou ajudar a lhe dar banho quando não havia ninguém que o fizesse, não. Pelo contrário. Estas nem sequer dizem respeito ao jornalismo. Só à humanidade. (BRUM 2008, p. 354)

Neste trecho, a repórter confirma que, mais do que jornalismo, ela exerceu a humanidade. Eliane se vestiu de empatia o tempo todo. *A Mulher que alimentava* é uma reportagem que se enquadra no jornalismo humanizado e nos faz refletir sobre a vida e a morte. Ressalta a temática do câncer e toda a luta que o paciente trava quando descobre que tem a doença. Nessa narrativa, Eliane mostrou que Ailce viveu intensamente até o fim e nunca perdeu a esperança. Tudo isso é sobre ser humano,

é fazer o leitor pensar e perceber que o tempo é precioso. A reportagem completa encontra-se no ANEXO D.

6.4 MÃES YANOMAMI IMPLORAM PELOS CORPOS DOS SEUS BEBÊS

Esta reportagem foi publicada pelo *Jornal El País*, no dia 24 de junho de 2020, onde Eliane nos leva para um lugar de sofrimento, o universo de três mães Sanöma, um grupo da etnia Yanomami, que tiveram seus filhos arrancados dos seus braços e nunca mais os viram.

Com a ajuda de várias pessoas, uma delas conseguiu me enviar uma mensagem, gravada, em Sanöma. Ela conta o que vive. E diz: “Sofri para ter essa criança. E estou sofrendo. Meu povo está sofrendo. Preciso levar o corpo do meu filho para a aldeia. Não posso voltar sem o corpo do meu filho”. Eu escuto a mensagem antes da tradução. Não entendo as palavras. Mas compreendo o horror. A linguagem universal daquela que está sendo arrancada do mundo dos humanos. (BRUM, 2020, [s./p.])

Consoante Leandro, (2003, p. 150), “Estabelecer um contato é agir como pontes, e não paredes.” As mães yanomami sabiam que Eliane era a voz que elas não tinham, e a forma de gritar a dor para o mundo foi contatar para a repórter. “Não posso voltar sem o corpo do meu filho.” Tal frase é de extrema importância na reportagem, pois a perda dos filhos causou dor no coração e na cultura delas.

Os bebês foram levados para um hospital em Boa Vista, capital de Roraima, com sintomas de pneumonia, e lá provavelmente foram contaminados. Segundo Brum (2020), “E lá morreram. E então seus pequenos corpos desapareceram, possivelmente enterrados no cemitério da cidade.” Seguindo o pensamento de Leandro (2003, p. 150), “a emoção é própria do ser humano e, como tal, faz parte da realidade que o jornalismo pretende garimpar.”

O que o autor ressalta é que a emoção está nas entranhas do jornalismo. O jornalista precisa passar esse sentimento para o leitor. Durante a reportagem, Eliane costura a saga dessas mães, relatando a falta de respeito e de informação, mas sem deixar de lado a melodia que nos faz fixar os olhos na narrativa.

Ser arrancada de uma aldeia no interior da floresta amazônica porque seu filho tem sintomas de uma doença, a pneumonia, transmitida pelos primeiros brancos que dizimaram parte da população Yanomami, no século passado, é uma violência. Passar deste mundo para o espaço de um hospital, e de um hospital superlotado por conta da covid-19, é outra violência. Ter seu bebê

contaminado por uma segunda doença, quando estava ali para ser curado da primeira, que ainda era uma hipótese, é mais uma violência. (BRUM, 2020,[s./p.]

No fragmento acima, a repórter relata dois tipos de violências. Ninguém diz nada a essas mães, então Eliane fala do descaso vivido por elas. O repórter tem o dever de informar, mas ele também denuncia, de uma maneira cuidadosa. É necessária muita pesquisa para ser voz.

A quantidade de violência contida nessa série de atos infligidos às mulheres Sanõma é enorme até mesmo para os padrões do Estado brasileiro, um histórico agente de agressões contra os povos indígenas. Mas a violência avança para muito mais, porque se, para um branco, a dor é a que tantas famílias estão vivendo, nesta pandemia, sem poderem se despedir daqueles que amam, sem poderem sepultá-los devidamente, devido ao protocolo de biossegurança, para uma mulher Yanomami, para um homem Yanomami, enterrar um dos seus é incompreensível — e inaceitável. (BRUM, 2020, [s./p.]

Para escrever esta reportagem, a repórter precisou fazer um estudo sobre a cultura yanomami, que é peculiar. E aí está o ponto que causa indignação no leitor que compreende a narrativa, ou seja, não se pode enterrar o corpo de um yanomami. Essa foi mais uma violência que essas mães sofreram e não é só sobre elas, mas envolve toda a aldeia. O ritual de morte do povo yanomami demora um tempo para ser concluído. Durante esta análise, percebe-se que o sofrimento dessas mães é muito maior do que podemos imaginar, já que perderam seus filhos, cujos corpos foram enterrados. Trata-se de uma dor em dose elevada.

O ritual faz o morto morrer também como memória, para que os vivos possam viver. Se o ritual não for realizado, o morto não poderá ser esquecido nem se deixará esquecer, o que provoca muito mal a seus parentes e a toda a comunidade. O ritual de morte dos Yanomami é de uma extrema complexidade e sabedoria em sua simbologia. O rito é coletivo e é também momento de estabelecer relações sociopolíticas e até amorosas. Ao final, há apenas um morto, o que morreu —e não vivos que seguem mortos por não terem sido capazes de fazer o luto, como acontece tantas vezes no mundo dos brancos, que já não têm tempo nem espaço para fazer a transmutação da falta em ausência de que falava Carlos Drummond de Andrade. (BRUM, 2020, [s./p.]

“O ritual faz o morto morrer também como memória, para que os vivos possam viver.” Essa frase nos faz entrar no cenário do desespero dessas mães que, mesmo vivas, serão corpos semiviventes, pois, sem o ritual, a memória do morto vive.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do cotidiano.

Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional (MEDINA, 1999, p. 28)

O que a autora destaca é o que Eliane fez, ou seja, deu voz às mães yanomami que tiveram o coração e sua cultura violados. Durante a narrativa, a jornalista fala sobre a pandemia, traz fontes, dados e ressalta o descaso com os yanomami. Esta reportagem fala de um tratamento indigno e violento diante da morte. Essas mães tiveram a dor silenciada pela falta de respostas, pela não presença dos corpos dos seus filhos. Os bebês foram enterrados sem autorização, e o que elas queriam era ajuda para recuperar os corpos e cumprir o ritual indígena.

Sepultar vítima Yanomami sem o consentimento de seus familiares demonstra uma grave falta de ética e uma total ausência de empatia das autoridades sanitárias com o desamparo deste povo face à pandemia de Covid-19. Além do mais, dispor de um defunto sem rituais funerários tradicionais constitui, para os Yanomami, como para qualquer outro povo, um ato inumano e, portanto, infame. (BRUCE, 2020, [s./p.])

Eliane ainda conta a história de uma quarta mulher yanomami, que estava com coronavírus, e que foi levada ao hospital para ganhar seu filho, porém, nunca mais viu seu bebê. Abaixo, dois fragmentos retirados da reportagem e relatados pelo pai da criança:

Eu não vi meu filho. A Zita Rosinete fez nascer o bebê, os médicos pegaram e disseram: 'Levem para o hospital, para a UTI'. Então, ele morreu. Eu fiquei muito triste. Eu estou triste ainda. O médico não disse por que ele morreu. Só me perguntou: 'Ei, você é papai?'. 'Sim, eu sou papai'. 'Desculpa aí, seu filho morreu. Ele estava com muita dificuldade de respirar e por isso morreu'. (BRUM, 2020, [s./p.])

Eu disse para o enfermeiro: 'Eu quero visitar meu filho!' Mas ele disse: 'Espera, só depois. Os médicos estão examinando ainda'. Aí eu esperei, esperei, esperei e depois chegou informação: 'Seu filho morreu de dia'. O corpo, acho que está lá ainda na UTI, eu não sei onde está. (BRUM, 2020, [s./p.])

Remo e Rosinete voltaram para a aldeia sem o corpo do bebê, sendo mais uma família vítima de violência. Conforme Medina (1999, p. 28), "descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança." Nessa reportagem Eliane foi voz ressaltando a apatia do governo que não dá assistência aos povos indígenas.

O caso dos bebês Sanõma expressa a abertura de um novo capítulo de violência de Estado contra os povos originários. O desrespeito e a indignidade

com que a morte é tratada pelas autoridades públicas são os mesmos da vida. Não basta matar pela contaminação por vírus, há ainda que torturar mulheres e também homens. Este capítulo está só começando, mas as vítimas já deram a ele um título: genocídio. (BRUM, 2020, [s./p.]

Para Medina (2006, p. 145), “O discurso persuasivo, baseado na razão, não basta para mudar comportamentos e atitudes. Corremos o risco de produzir materiais excelentes, perfeitos do ponto de vista da informação, mas não atingem nem o coração nem a mente do público.” A autora ressalta que, para haver transformação, é necessário fazer com que o leitor se sinta tocado pelo que leu. Esse é o papel do jornalista na sociedade. Através das reportagens, ele deve salientar a humanidade, mostrar realidades distintas que possam mudar a visão de mundo daqueles que estão acostumados a não olhar para o próximo. Neste trabalho realizado pela repórter, ela traz o sofrimento dessas mães, mas também informações sobre a cultura delas. O Brasil é um país muito diversificado em vários aspectos. Eliane informa, mas também leva ao leitor o conhecimento.

Depois de analisar os conceitos expostos pelos autores e os trechos da reportagem, podemos considerá-la humanizada, já que, além de informar, a repórter faz todo um estudo e envolve o leitor nas profundezas da narrativa. O descaso, muitas vezes, tem rosto e endereço. Aqui, Eliane nos faz refletir sobre o que é ser humano, sobre as ações do governo, ou falta delas na sociedade, sobre o tratamento desigual, sobre a realidade triste das mães que perderam seus bebês e não puderam fazer o ritual que está no cerne da cultura do povo yanomami. A matéria completa está nas referências da pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se confirmar a importância de o jornalismo ser exercido de uma forma mais profunda, envolvente, mas acima de tudo, humana. Para comprovar essa relevância foram analisadas três reportagens da jornalista Eliane Brum, são histórias em cenários e realidades diferentes, porém são narrativas que proporcionam despertar sensações transformadoras. Quem “entra” nelas passa pela experiência de habitar um mundo diferente do seu.

A pesquisa girou em torno da questão norteadora, ou seja, *Como se caracteriza a produção jornalística de Eliane Brum em suas reportagens?* Para a possibilidade de respostas foram elaboradas as hipóteses comprovadas no percurso do trabalho. A primeira, *caracteriza-se pela forma de como Eliane Brum conta as histórias nas reportagens*. A escrita da repórter é sensível, envolvente e prende o leitor, tem poesia e profundidade nas narrativas. O fato de Eliane fazer um processo de “esvaziamento”, possibilita com que ela consiga se vestir do entrevistado em cada linha que escreve. Nos textos há jornalismo, verdade e humanidade. Nenhum personagem é mais importante do que outro, cada um tem o seu papel na história e nenhum deles passa despercebido.

A segunda hipótese, *define-se pelo contato, pela relação que a repórter tem com as fontes*, também foi comprovada e apresentou-se como fundamental, já que Eliane se insere no local do acontecimento, enxerga o filme da vida real diante dos seus olhos e diz duas palavras: “Me conta.” Ela conquista a confiança das pessoas, não interfere na conversa, é olhos e ouvidos e, em alguns momentos, é companhia. Tem respeito pela história que está sendo confiada a ela. Não chega no entrevistado de forma invasiva, tentando arrancar as informações. Se entrega de corpo e alma ao trabalho.

A terceira hipótese é *destaca-se pela atenção que dá aos assuntos, não deixando os detalhes passarem despercebidos*. A jornalista usa os sentidos, afinal de contas, a boa reportagem pode surgir de algo aparentemente banal. Tudo depende da forma como olhamos. Eliane já comprovou que uma pauta não envelhece, e existem outras maneiras de abordar determinado assunto. Isso é o que vimos em *Mães vivas de uma geração morta*, em que todos os dias adolescentes tingem as manchetes

dos jornais de sangue, mortos pelo tráfico. A repórter deu voz às mães desses meninos e, para elas, eles não são números, são filhos. Dessa forma, aprendemos a enxergar além e a não limitar o olhar. Portanto, a terceira hipótese foi confirmada.

A quarta e última hipótese é *descreve-se pela simplicidade. A jornalista não espera por pautas que sejam como 'obras faraônicas', simplesmente transforma o invisível em visível.* Nas reportagens, ela fala de cidadãos comuns e os personagens principais não são celebridades. O mundo do jornalismo está recheado de pautas, só depende da sensibilidade do repórter. Eliane consegue fazer isso com maestria, arrancando as cortinas do olhar do leitor. Assim, igualmente a quarta hipótese foi confirmada.

Os objetivos que fomentaram esta pesquisa foram atingidos com base no estudo das reportagens da jornalista, são eles: *refletir sobre a importância do jornalismo humanizado na sociedade; analisar o trabalho da jornalista Eliane Brum nas perspectivas do jornalismo humanizado; e mostrar que as reportagens humanizadas são como uma ponte de aproximação com o leitor.*

Em *Mães vivas de uma geração morta, A mulher que alimentava e Mães yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês* existe a figura da mãe, mas em três momentos diferentes que chegam até parecer ficção. Entretanto, trata-se de história real, poesia vivida e sentida por mulheres que confiaram suas histórias à jornalista. As reportagens entram na linha do jornalismo humanizado, e a forma como Eliane coloca os personagens na cena consegue causar transformações no leitor que se permite habitar o mundo destas mulheres. Mundo esse de dores, mas também de lutas e aprendizados, que desperta uma série de sentimentos ressaltando o senso de humanidade, de enxergar com sensibilidade, sem julgamentos, buscando maneiras de se colocar no lugar do outro. Sacudir a sociedade é preciso, e escancarar realidades invisíveis aos olhos de quem não as percebe também faz parte do ofício de um jornalista.

Diante disso, percebe-se a relevância dessa forma de fazer jornalismo, de humanizar os textos e de colocar as pessoas em contato com a realidade, não de uma maneira rasa, mas aprofundada, para transformar e ajudar na construção de uma sociedade mais conscientizada, mais humana e sem preconceitos. Este é um dos caminhos que o jornalista tem a seguir, ou seja, se despir de si para se colocar no lugar do outro. Só sabemos que o fogo arde quando nos queimamos. Assim é no jornalismo, só conhecemos o mundo do outro quando nos permitimos habitá-lo.

Esta pesquisa ainda mostra que não existe uma forma de fazer jornalismo que seja melhor do que a outra, mas olhar para o entrevistado com empatia é um caminho imprescindível.

Não foi por acaso que o trabalho da jornalista Eliane Brum foi escolhido, mas por todo o processo que ela faz, pelo respeito que tem com a fonte e com a literatura de cada ser, pela maneira que dá vida às palavras, fazendo com que a história que ela está contando sensibilize o público não só no momento da leitura. O seu trabalho potencializa o poder transformador do jornalismo, o que a diferencia dos demais profissionais.

A presente pesquisa trouxe uma contribuição científica para a formação jornalística da acadêmica. Foi um longo trajeto de aprendizados desde a construção do projeto até a realização do TCC. A ideia inicial era a de conseguir uma entrevista com a repórter Eliane Brum, o que não foi possível. Mas, ao saber que ela iria participar de uma *live* da Editora Arquipélago, perseguiu-se, com sucesso, a resposta que o trabalho precisava, transformando-se em fio condutor para que o desempenho do mesmo saísse como o esperado.

Neste TCC conhecemos a realidade das mães que perderam seus filhos mortos pelo tráfico; de Ailce de Oliveira Souza, que lutou contra um câncer e, durante a batalha, não perdeu a esperança de vencê-lo; das mães yanomami que sofreram vários tipos de violências, que imploraram pelos corpos de seus filhos para poder fazer o ritual de morte. Essas mulheres não são celebridades, são cidadãos comuns e suas histórias não deixam de ser menos interessantes. São narrativas que nos fazem acordar para a vida e perceber que, além do nosso “mundinho”, existem outros. Eliane não contou a vida de quem está sempre rodeado por holofotes, mas de pessoas que passam longe deles e sobrevivem com a sua luz própria.

Em alguns momentos do percurso da pesquisa, lágrimas insistiram em cair, sendo dolorido entrar no mundo dessas mulheres. Ao mesmo tempo, a jornada causou uma sensação de entusiasmo, de querer falar mais sobre essas pautas. Brum (2008, p. 369-370), afirma que “Um repórter não pode contornar as contradições. Nem as da história que conta, nem as da história de contar histórias. É preciso mergulhar nelas sem nenhuma garantia de retorno. Em algum momento, voltamos para contar do lugar onde estivemos.” Se o profissional não se “lambuzar” daquilo que pretende contar, detalhes irão passar despercebidos. Entrar de corpo e alma na história dos entrevistados é indispensável. Se o leitor fizer uma viagem superficial, não haverá

mudanças na vida dele, mas se ele sair das margens até as profundezas, a transformação pode acontecer.

Depois de conhecer o trabalho da Eliane, é quase impossível continuar sendo a mesma pessoa. É como entrar em uma máquina do tempo e levar alguns choques, morrer, ressuscitar e ter em mente que tudo depende dos nossos sentidos, da maneira como agimos e como enxergamos as pessoas e o mundo. Eliane Brum é mais do que uma jornalista, é uma artista que, através das palavras, consegue tocar o coração das pessoas que, com a escuta sensível, consegue descrever as angústias, os sofrimentos e até mesmo as alegrias dos seus entrevistados.

Este trabalho também mostra que existe uma forma empática de olhar e de fazer jornalismo. Não é necessário seguir uma receita, e os ingredientes estão dentro do próprio ser, sendo possível detectar as emoções do outro, olhar e agir com humanidade respeitando os entrevistados e suas histórias. É enriquecedor conhecer o trabalho de Eliane Brum. Ela mostra que fazer jornalismo é muito mais do que um ofício, é praticar a humanidade. Para Brum (2006, p. 191), “olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, aprender as outras expressões do que somos.”

O ser humano evolui com os aprendizados e, nem sempre, as experiências pelas quais passamos são boas. É necessário se despir de si para entrar no mundo do outro. Dessa forma, pode-se escrever uma história livre de preconceitos. O jornalismo humanizado pode ser visto como a poesia da vida real e, através de reportagens alinhavadas de forma sensível, é possível mudar a visão do ser humano e penetrar no íntimo daqueles que, muitas vezes, insistem em fechar os olhos, criando uma bolha que limita abrir os horizontes.

Elaborar este trabalho foi como passar por um processo de transformação. O lado humano começou a falar mais alto, e o desejo de ser voz também. É uma metamorfose jornalística, mostrando que as palavras e os sentidos são parceiros inseparáveis, e que o jornalismo humanizado é um mar profundo de emoções no qual deve-se mergulhar de corpo e alma.

Não basta fazer jornalismo, é preciso vivê-lo. É necessário que o leitor conheça a realidade e as dificuldades que muitos enfrentam. Os louros e também os fracassos. Cidadãos com poucos recursos não precisam aparecer somente na página policial como se fossem o flagelo da sociedade, enquanto os mais abastados exibem o rosto na coluna social, mostrando os frutos colhidos. São realidades opostas, mas

nenhuma história pode ser considerada melhor do que a outra. A escrita humanizada ou literária nos mostra outra face e abre um leque de possibilidades para que possamos refletir. Essa forma de fazer jornalismo é uma ferramenta que faz com que o jornalista mergulhe no mar sensível da escrita, entregando ao leitor a poesia da vida real.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. **O Cortiço**. 38. ed. São Paulo: Editora Ática, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Industrial Gráfica Telles da Silva, 1979.
- BAHIA, Juarez. **História da imprensa brasileira**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Edusp/Com-arte, 1992.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BONA, Nivea Canalli. **Jornalismo na Sociedade**. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- BUENO, Wilson da Costa. **Caracterização de um objeto-modelo conceitual para a análise da dicotomia imprensa artesanal/imprensa industrial no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.
- Candido, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2011.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.
- CRUZ NETO, João Elias. **Reportagem de televisão, como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.
- FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de Reportagem e Entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. Pádua: UnisulVirtual, 2007.

HERNANDES, Nilton. Verdade, objetividade, realidade... revendo conceitos. *In*: HERNANDES, Nilton. **A mídia e seu truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. (Tese de Doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2002.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1998.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEANDRO, Paulo Roberto. Posfácio. *In*: MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2008.

Medina, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social. *In*: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.). **Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Compreensão e Reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009. (Vol. 2).

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROSSI, CLÓVIS. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SILVEIRA, Guaracy Carlos da. **Introdução ao Jornalismo**. Porto Alegre: Sagah

Educação S.A., 2018.

Sites

AMAZÔNIA REAL. **Sepultamento de yanomami vítima da Covid-19.** Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/sepultamento-de-yanomami-vitima-da-covid-19/>. Acesso em: 23 set. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Entrevista - Eliane Brum.** Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>. Acesso em: 11 set. 2021.

CÂNDIDO. **Entrevista: Eliane Brum.** Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Eliane-Brum>. Acesso em: 11 set. 2021.

CÂNDIDO. **Escrever com o corpo.** Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Entrevista-Eliane-Brum>. Acesso em: 11 set. 2021.

DOCPLAYER. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/4137721-Iniciacao-a-filosofia-do-jornalismo.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

ÉPOCA. **Pela ampliação da maioria moral.** Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/06/pela-ampliao-da-maioridade-moral.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

EL PAÍS. **Mães Yanomami imploram pelos corpos dos seus bebês.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ELIANE BRUM E A ARTE DA ESCUTA. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96653>. Acesso em: 10 set. 2021.

ELIANE BRUM. **Biografia.** Disponível em: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ELIANE BRUM DESACONTECIMENTOS. **Morte Sem Tabu – Entrevista com Eliane Brum.** Disponível em: <http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/morte-sem-tabu-entrevista-com-eliane-brum/>. Acesso em: 11 set. 2021.

ESCREVENDO O FUTURO. **Entrevista: Eliane Brum.** Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/209/entrevista-eliane-brum>. Acesso em: 11 set. 2021.

INTERCOM. **A arte de contar histórias:** jornalismo humanizado na revista Piauí. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0342-1.pdf>. Acesso em: 1º ago. 2021.

INTERCOM. **A estética textual da narrativa jornalística Ferramentas úteis à humanização do discurso jornalístico contemporâneo.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0291-1.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

INTERCOM. **Jornalismo humanizado:** o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/r10-0540-1.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2021.

INTERCOM. **Humanização e desumanização no jornalismo:** algumas saídas. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2440-1.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

JORNAL ESCOLAR. **Jornal escolar e vivências humanas:** um roteiro de viagem. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/securefiles/arq-IJUIM-J-jornal-escolar-e-vivencias-humanas.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2021.

INTERCOM. **Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística ... e a busca por um jornalismo humanizado.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1135-2.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

KUPDF. **O que é jornalismo.** Disponível em: https://kupdf.net/download/rossi-clovis-o-que-e-jornalismo-col-primeiros-passos_5b46a115e2b6f57d7c5d72b3_pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A humanização da notícia.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-humanizacao-da-noticia/>. Acesso em: 8 set. 2021.

MARIE CLAIRE. **“Quero salvar os filhos que ainda não merreram.”** Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1289930-1740-3,00.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NÚCLEO TEMÁTICO. **Jornalismo Literário:** a realidade de forma autoral e humanizada. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418> Acesso em: 22 set. 2021.

PANTHEON. **Razão e sensibilidade no jornalismo:** Eliane Brum e a vida que (quase) ninguém vê. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4381/1/MMauro.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

TIRO DE LETRA. **Fernando Pessoa.** Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/jornalismo/FernandoPessoa.htm>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SESMARIA. **Os Caveiras e o Engodo da Morte**. Disponível em: <http://www.sesmaria.org.br/Sesmaria/10quadra/poesias.htm>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Vídeos

ARQUIPÉLAGO EDITORIAL. Eliane Brum - Os livros e a vida, uma conversa com Eliane Brum e Tito Montenegro. Youtube, ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brrVyx6SYIY&t=3s>. Acesso em: 26 ago. 2021.

CONTEXTO. Eliane Brum. Youtube, jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hhCiVxAPeEU>. Acesso em: 12 set. 2021.

CÓRTEX. Vivendo o fim no centro do mundo. Um passeio com Eliane Brum em Altamira. Youtube, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ghIL7ExjaxQ&t=14s>. Acesso em: 6 maio 2021.

ENCONTROS DE INTERROGAÇÃO. Eliane Brum. Youtube, 14 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41vSPonIm0M>. Acesso em: 6 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rln0Wql6tl8>. Acesso em: 10 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26shR0oQ2ls>. Acesso em: 10 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBenfWmTTu8>. Acesso em: 10 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura -. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5Pi35pB0ds>. Acesso em: 10 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZISVP78Nol>. Acesso em: 10 abr. 2021.

JOGO DE IDEIAS. Eliane Brum - Jornalismo e Literatura. Youtube, agosto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dlf2X6oq8EM>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IMAGINANDO FUTUROS. Eliane Brum. Youtube, jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AMr8V6PjGm4>. Acesso em: 17 abr. 2021.

PROVOCAÇÕES. Eliane Brum. Youtube, 11 jun.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qUo3tej_dRo. Acesso em: 6 abr. 2021.

SEGREDO REVELADO. Eliane Brum. Youtube, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBUI2KXUEkA>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SEMPRE UM PAPO. Eliane Brum. Youtube, dez. 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=SeeojASScDo>. Acesso em: 12 set. 2021.

ANEXOS

ANEXO A - PÁGINAS DO LIVRO O OLHO DA RUA: UMA REPÓRTER EM BUSCA DA LITERATURA DA VIDA REAL

Na minha reportagem, eu contei a história de Cristina e de Maria, duas camponesas que fizeram pela primeira vez uma viagem à cidade grande em busca de marca-passos para salvar seus corações. E contei também da família Cotrina Veizaga. Como tantos naqueles povoados, todos os membros da família tinham Chagas. Testemunhei como eram mastigados dia após dia pela doença e também por uma fome que já nem era uma fome, mas uma vida. E me conectei muito profundamente com a filha mais nova, Sonia, de 11 anos. Porque ela falava espanhol, e então eu podia compreendê-la sem precisar da ajuda da tradutora de quéchua, e porque Sonia não havia se conformado em morrer. Ela esperneava, e suas palavras atravessavam o discurso resignado, de uma dor contínua, dos pais e dos irmãos mais velhos.

Logo que a vi percebi algo que já tinha identificado em tantos anos de reportagem, algo que era frequente demais num

mundo tão desigual: as crianças com olhos de velho. Quando um repórter encontra uma dessas crianças, sabe que ali aconteceu um crime. Porque crianças não podem ter olhos mais velhos que os nossos. E essas crianças têm. No caso de Sonia, porque convivia minuto após minuto com a certeza da morte. Não como qualquer humano, que sabe que vai morrer e vai perder aqueles que ama, mas pode viver sem pensar nisso a maior parte do tempo. Sonia sabia da morte tão logo abria os olhos pela manhã, porque ela estava lá, respirando dentro dela, ao redor dela. E dormia aterrorizada pelas vinchucas. Por isso era uma menina linda, mas com olhos de velho.

Quando fui até sua casa pela última vez, para me despedir e voltar ao Brasil, Sonia me agarrou pelos dois braços e disse:

— Não me deixe morrer.

Senti que meus olhos batiam pelas paredes esburacadas de sua casa, porque eu temia encarar os olhos dela. Eu disse à Sonia o que digo sempre, e digo porque acredito, que eu contaria sua história para o mundo. Mas eu e Sonia sabíamos que contar sua história para o mundo não seria suficiente para salvar a vida dela, nem para salvar a vida de todas as meninas e meninos que eram rasgados por vampiros de dois centímetros que só não tinham sido erradicados porque essas crianças habitam a porção do mundo dos que podem morrer. Contar sua história para o mundo não seria suficiente porque o mundo pouco se importa com a vida e com a morte de meninas e meninos com olhos de velho.

E Sonia sabia que eu sabia disso. Me soltou com relutância e me deu um sorriso que, esse pela primeira vez, era também o de uma velha. Sonia enxergava a máquina do mundo mesmo sem conhecer Drummond e enxergava também o meu tamanho. Pela primeira vez, eu vi a minha pequenez refletida no olhar de alguém cuja história eu contaria. Eu estava lá, um fantasma fraco em seus olhos de escuridão. Tão dolorosamente pequena. E tão impotente.

O olhar de Sonia me lançou numa vertigem da qual eu só sairia anos depois, em 2014, quando lancei *meus desacontecimentos*. Tive primeiro uma fase aguda, logo que voltei ao Brasil. Quase não conseguia comer, porque a fome que era a vida deles tinha fechado a minha boca, e, pela primeira vez, paralisei. Não conseguia mais escrever. Se escrever, contar histórias, não era suficiente para salvar a vida de Sonia, para que então escrever? Não é que eu construísse esse pensamento, era mais como se cada pedaço vivo de mim estivesse fixado nesse horror.

Perdi sete quilos em duas semanas. E seguia congelada na mesma cena. Para mim, escrever havia sido sempre o que me impediu de matar e de morrer. Desde criança era o que me fazia acordar pela manhã e ancorar no fim do dia. E então, de repente, eu havia descoberto que escrever era insuficiente. Com a ajuda dos mais próximos a mim e também de muitas sessões extras de psicanálise, comecei a compreender que, ainda que fosse insuficiente para salvar a vida de Sonia, contar sua história era o que eu podia fazer. Era, principalmente, o meu pacto com ela, mesmo que eu sentisse esse pacto como uma espécie de fraude naquele momento.

Me obriguei então a contar sua história e a cumprir o prazo dos editores. Mas o buraco seguia lá, transpirando. Antes de criar meu romance, eu havia escrito um ensaio sobre as pessoas que haviam sido essenciais para que eu me tornasse repórter, escritora. A pessoa que havia me encomendado o livro deixou a editora em que trabalhava, e o projeto se desfez. Resgatei então os originais e passei a reescrevê-los a partir de outra interrogação: por que caminhos eu havia sido salva pela palavra escrita.

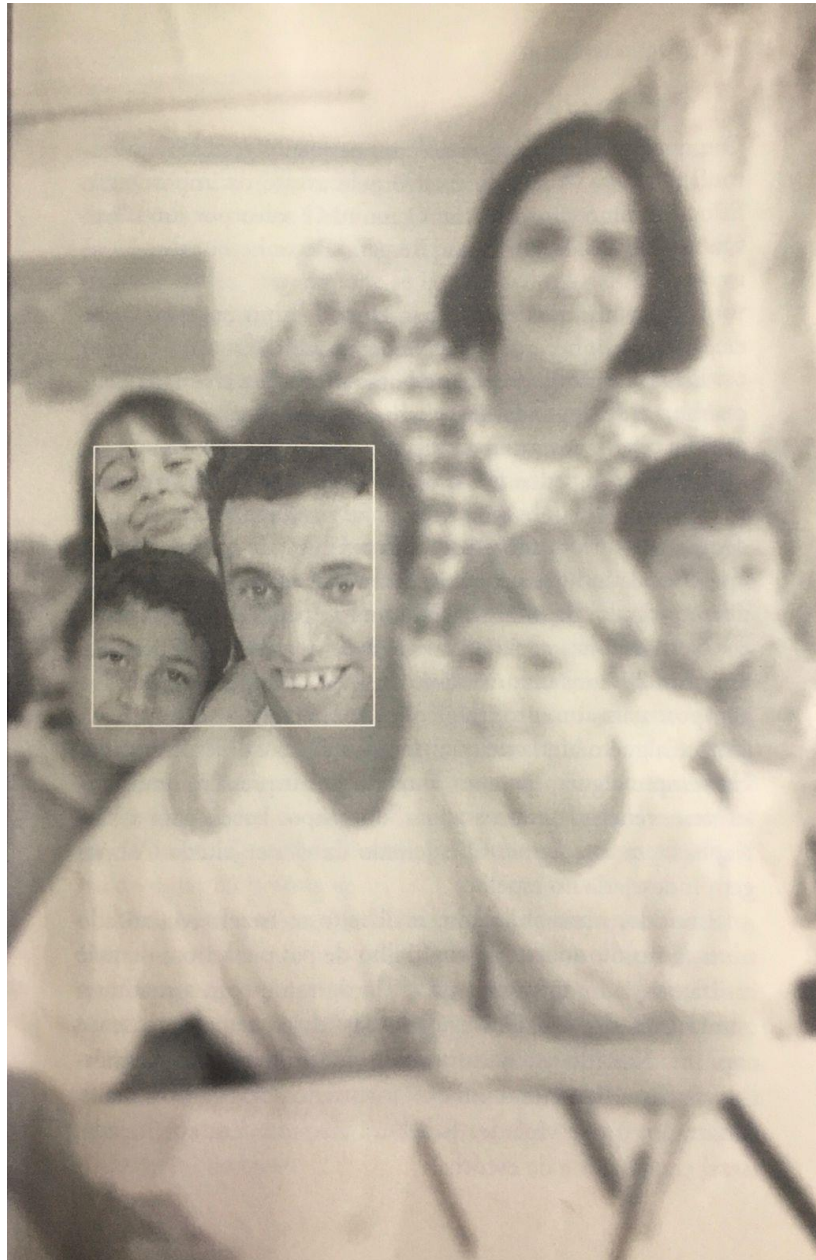
meus desacontecimentos, assim, em minúsculas, tornou-se um pequeno livro inclassificável, no qual uma mulher adulta percorre a infância para refazer, agora de forma consciente, seu parto de letras. Não é uma autobiografia, bem longe disso, mas o itinerário de uma criança constituída pelas palavras.

Ou a história de como as palavras a salvam, de como ela as perde (junto com as teclas do piano) ao gerar uma outra criança, e de como ela as recupera numa aula de reportagem ao descobrir que finalmente tinha crescido. Ela — eu.

Resgatei a força das palavras em mim da única forma possível: escrevendo. Desta vez, para elaborar e compreender o meu primeiro grande confronto com a impotência. Ou com meus limites, em mim misturados de forma indissociável dos limites da palavra. Hoje me parece dizer bastante de mim o fato de só ter vivido um grande confronto com a impotência depois dos 40 anos de idade. Não porque minha vida tenha sido fácil nem porque poucas foram as quedas. Ao contrário. Mas porque as palavras eram constitutivas, eram mais do que ossos, eram minha coluna vertebral, esta que na literalidade do meu corpo vem sendo corroída desde a reportagem que chamei de “O inimigo sou eu”, a penúltima deste livro. Minha crença nas palavras era proporcional ao meu medo de perdê-las e à convicção de que, sem elas, minha existência não é possível.

Confrontar-se com a impotência é uma enorme ferida narcísica. E assim como não me recupero do desgaste da coluna literal que me sustenta, tampouco vou me recuperar desta corrosão da coluna da alma. Mas estas rachaduras me parecem hoje essenciais à integridade do meu corpo de letras. Fui obrigada a compreender algo que parece bastante óbvio, mas não é: não poder tudo não é o mesmo que não poder nada. Tive de aceitar que, como repórter, contadora de histórias reais, posso muito pouco. Mas poder pouco é bem mais do que não poder nada. No sentido mais profundo de tudo aquilo que pertence ao humano, não posso salvar ninguém, ninguém pode. Assim como também as palavras não me salvaram por completo, porque sua insuficiência para dar conta da vida sempre me devolve ao único lugar permanente numa existência humana: o parapeito do abismo.

ANEXO B – HISTÓRIA DE UM OLHAR



Fonte: A Vida que Ninguém Vê (2006)

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Esta é a história de um olhar. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva.

Esta é a história do olhar de uma professora chamada Eliane Vanti e de um andarilho chamado Israel Pires.

Um olhar que nasceu na Vila Kephass. Dizem que, em grego, *kephas* significa pedra. Por isso um nome tão singular para uma vila de Novo Hamburgo. Kephass foi inventada mais de uma década atrás pedra sobre pedra. Em regime de mutirão. Eram operários da indústria naqueles tempos nada longínquos. Hoje, desempregados da indústria. Biscateiros, papeleiros. Excluídos.

Nesta Kephass cheia de presságios e de misérias vagava um rapaz de 29 anos com o nome de Israel. Porque em todo lugar, por mais cinzento, trágico e desesperançado que seja, há sempre alguém ainda mais cinzento, trágico e desesperançado. Há sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem-síntese, renegada e assustadora, do grupo. Israel, para a Vila Kephass, era esse ícone. O enjeitado da vila enjeitada. A imagem indesejada no espelho.

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutra da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidado. Era apedrejado. Israel era a escória da escória.

Um dia Israel se aproximou de um menino. De nove anos, chamado Lucas. Olhos de amêndoa, rosto de esconderijo. Bom de bola. Bom de rua. De tanto gostar do menino que lhe sorriu, Israel o seguiu até a escola. Até a porta onde Lucas desaparecia todas as tardes, trágado sabe-se lá por qual magia. Até a porta onde as crianças recebiam cucas e leite. Israel chegou até lá por fome. De comida, de afago, de lápis de cor. Fome de olhar.

Aconteceu neste inverno. Eliane, a professora, descobriu Israel. Desajeitado, envergonhado, quase desaparecido dentro dele mesmo. Um vulto, um espectro na porta da escola. Com um sorriso inocente e uns olhos de vira-lata pidão, dando a cara para bater porque nunca foi capaz de escondê-la.

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros.

Capturado por essa irresistível imagem de si mesmo, Israel perseguiu o olho de espelho da professora. A cada dia dava um passo para dentro do olhar. E, quando perceberam, Israel estava no interior da escola. E, quando viram, Israel estava na janela da sala de aula da 2ª série C. Com meio corpo para dentro do olhar da professora.

Uma cena e tanto. Israel na janela, espiando para dentro. Cantando no lado de fora, desenhando com os olhos. Quando o chamavam, fugia correndo. Escondia-se atrás dos prédios. Mas devagar, como bicho acuado, que de tanto apanhar ficou ressabiado, foi pegando primeiro um lápis, depois um afago. E, num dia de agosto, Israel completou a subversão. Cruzou a porta e pintou bonecos de papel. Israel estava todo dentro do olhar da professora.

E o olhar começou a se espalhar, se expandir, e engolfou toda a sala de aula. A imagem se multiplicou por 31 pares de olhos de crianças. Israel, o pária, tinha se transformado em Israel, o amigo. Ganhou roupas, ganhou pasta, ganhou lápis de cor. E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado no olho da professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de facho. E um sorriso também recém-inventado. Entrou na sala onde a professora pintava no chão e ela começou a chorar. E as lágrimas da professora, tal qual um vagalhão, terminaram de lavar a imagem acossada, ferida, flagelada de Israel.

Israel, capturado pelo olhar da professora, nunca mais o abandonou. Vive hoje nesse olhar em formato de sala de aula, cercado por 31 pares de olhos de infância que lhe contam histórias, puxam a mão e lhe ensinam palavras novas. Refletido por esses olhos, Israel passou a refletir todos eles. E a professora, que andava deprimida e de mal com a vida, descobriu-se bela, importante, nos olhos de Israel. E as crianças, que têm na escola um intervalo entre a violência e a fome, descobriram-se livres de todos os destinos traçados nos olhos de Israel.

Israel, não importa se alguém não gosta de você. O que importa é que você siga a vida, aconselha Jeferson, de oito anos. Israel, não faz mal que tu sejas grande e um pouco doente, tu podes fazer tudo o que tu imaginares, promete Greice, de nove. Israel, se alguém te atirar uma pedra eu vou chamar o Vandinho, porque todo mundo tem medo do Vandinho, tranquiliza Lucas, nove. Israel, tu me botas na garupa no recreio?

E foi assim que o olhar escorreu pela escola e amoleceu as ruas de pedra.

Israel, depois que se descobriu no olhar da professora, ganhou o respeito da vila, a admiração do pai. Vai ganhar uma

vaga oficial na escola. Já consegue escrever o “P” de professora. E ninguém mais lhe atira pedras. A professora, depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora.

Em 7 de Setembro, Israel desfilou. Pintado de verde-amarelo, aplaudido de pé pela Vila Pedra.

[18 de setembro de 1999]

31.7.2006

MÃES VIVAS DE UMA GERAÇÃO MORTA

“Quando morreu o terceiro, achei que eu fosse morrer também e comprei uma mortalha de tergal branco. Quem morreu foi minha filha. Vesti nela a mortalha que era pra mim.”

Selvina Francisca da Silva perdeu quatro filhos, um quinto sumiu.

Ela sobreviveu.

“Saber que meu filho acabaria assassinado era insuportável. Decidi então botar fogo em nós dois.”

Naquele dia, ninguém vendeu álcool a Maria Fátima da Silva Souza. Como temia, seu filho foi assassinado anos depois.

Ela sobreviveu.

“Quando meu filho apareceu em casa vivo, mas com um tiro no peito, comecei a pagar o caixão. Agora pago as prestações do caixão do meu segundo filho. Ele ainda está vivo, mas sei que vai morrer.”

O primeiro filho de Enilda Rodrigues da Silva foi executado pouco antes do Natal.

Ela sobreviveu.

“Meu filho levou um tiro na barriga que atravessou. A polícia disse que o único trabalho da família seria enterrar.”

O filho de Josefa Inacio Farias foi executado, ensacado e jogado pela escada.

Ela sobreviveu.

“Meu terceiro filho foi assassinado na boca de fumo com um tiro no peito. Tinha 22 anos. Eu já tinha perdido os outros dois. Minha cabeça bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite.”

Eva Sebastiana Araújo perdeu três filhos.

Ela sobreviveu.

“Não fui ao enterro de nenhum dos meus filhos. Se pudesse, eu me enterrava.”

Graça Mary Azevedo Carneiro teve três filhos assassinados.

Ela sobreviveu.

“O primeiro que morreu era pequenininho, desse tamanho assim. Setenta e oito facadas. Tinha 13 anos.”

Helena Silva Cruz perdeu dois filhos. O terceiro virou assassino ao vingar os irmãos.

Ela sobreviveu.

“Meu filho gritava porque estava perdendo muito sangue. A polícia ouviu, arrombou a porta e ele morreu. O tráfico pagou o enterro.”

O filho de Francisca Maria da Silva Porfirio durou um ano no tráfico antes de ser executado.

Ela sobreviveu.

Uma geração de brasileiros tem sido apagada do futuro à bala. As cenas do extermínio foram exibidas no documentário *Falcão*, do rapper MV Bill e do produtor Celso Athayde, da

Central Única das Favelas (Cufa). Não chocou o país pela novidade, mas pela crueza. Dos 17 garotos do filme, só um está vivo. *Falcão* provou que nas favelas brasileiras — e não apenas no Rio de Janeiro — a expectativa de vida dos meninos do tráfico é de 20 anos. São executados antes de se tornar adultos. Selvina, Maria, Enilda, Josefa, Eva, Graça, Helena e Francisca são as pietás das periferias. As mães vivas da geração morta.

Um estudo da Unesco, coordenado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, mostrou que no Brasil a principal causa de morte entre jovens é tiro. Em 24 anos, de 1979 a 2003, a população brasileira cresceu 52% — e os homicídios por armas de fogo 543%. O aumento foi causado pelo assassinato de adolescentes: das 550 mil mortes, quase a metade atingiu brasileiros entre 15 e 24 anos. A violência matou mais no país que a Guerra do Golfo e os conflitos entre Israel e Palestina.

Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico. São dessas mulheres os úteros que geram soldados — jamais comandantes — para a narcopátria. Seus meninos tombam por tiro, faca, granada. Não como exceção, mas como fato corriqueiro. Ao enterrar um filho e descobrir outro em seu lugar, estas mulheres são lançadas um passo além da insanidade.

A morte não tem apenas idade, mas cor e classe social. No estudo *Cor e vitimização por homicídios no Brasil*, os pesquisadores Ignacio Cano, Doriam Borges e Eduardo Ribeiro, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mostraram que a probabilidade de ser assassinado é quase o dobro para os pardos e perto de três vezes maior para os negros. As estatísticas são mais altas onde a renda é menor e os serviços urbanos mais deficientes.

O tráfico de drogas está entre os três comércios mais lucrativos do mundo. Mas o dinheiro não está com as mães, nem esteve com seus filhos. A maioria pegou em armas antes de acabar o ensino fundamental. Não deu tempo nem de

aprender para que lado fica a Colômbia. Sem poder sair da favela pela ameaça da polícia e de facções rivais, gastam a vida nos becos sujos do único mundo que conhecerão. Encurralados, à espera do próximo tiro. São, nas palavras do historiador Marcelo Freixo, da ONG Justiça Global, “garotos pobres atirando em meninos esfarrapados”.

Esta é a história de suas mães.

A MÃE MUTILADA

Nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua. Aos 74 anos, Selvina respira no cômodo sem janelas onde dormem sete. Dá tosse, ânsia de vômito. Seria um ar impossível não fossem os pulmões de Selvina adaptados ao impossível. Ao longo da vida a que tanto se agarra, ela foi perdendo primeiro as unhas, depois os dedos das mãos e dos pés. Queimaduras, acidentes, doenças. Só restam tocos a Selvina. É com eles que ela resiste. Selvina olha para os membros mutilados e diz: “Eu não queria que a vida tivesse me aleijado. Estou acabada. Foi-se tudo”.

Não há hipérboles na gramática das mães vivas. As palavras são exatas. As frases, sem gordura. Selvina pariu 12 filhos. Perdeu quatro de tiro. Sobre o quinto não tem certeza, porque sumiu. Outros cinco morreram de doença. Restaram dois. Nesta matemática de perdas, ela não sente saudade dos filhos que partiram por sarampo ou “quebranto”. A dor que a devasta é deixada pelos que se foram de “morte matada”. Essa, segundo Selvina, é a morte sem esquecimento.

“Entrei no Distrito Federal em 25 de julho de 1959, quando Juscelino Kubitschek era presidente. Vim do Piauí, onde andei de garimpo em garimpo. Vendi um diamante em Copacabana, no Rio de Janeiro, e entrei no Distrito Federal pra progredir na vida. Meu nome é Selvina Francisca da Silva.”

Chegou antes da inauguração de Brasília, mas nunca encontrou lugar. Selvina teve acesso ao Plano Piloto apenas como empregada doméstica. Só entrava na arquitetura de Oscar Niemeyer para servir. Andou de invasão em invasão até fincar os pés incompletos na Ceilândia. Na cidade-satélite, benze o povo sem saúde. Em troca, não a deixam morrer de fome. Conseguiu enterrar três dos quatro filhos assassinados “no cemitério do Plano, o mesmo de Juscelino”. A última sepultou na cidade-satélite, brigando porque não podia pagar o preço exigido. “Sou brasileira e vou enterrar minha filha no Brasil nem que tenha de cavar uma cova fora do cemitério”, disse ao encarregado.

Selvina é interrompida pela neta mais velha, órfã da filha assassinada em 25 de março num tiroteio entre traficantes. Tem 17 anos. Está grávida. “Vó, minha bolsa estourou. Preciso ir pro hospital. Tou perdendo sangue.”

A menina geme apertando a barriga espichada. O pai da criança está preso por assalto. Pela manhã, não havia o que comer. Selvina é dura no seu desespero: “Se aquietta, menina, que eu não tenho dinheiro. Vai ter de esperar”. Ergue as mãos mutiladas para o céu: “Meu comandante me disse que eu não temesse a ninguém...”

UMA FACA NO ÚTERO

Eva acordou com as facadas que o marido desferia contra o corpo dela. O homem enfiou a faca na vagina, queria alcançar o útero. “Você é uma cobra, que bota os filhos no mundo pra matá-los”, berrava. Eva mostra o corpo em que o mapa de sua vida tem dolorosa geografia. Marcas de cigarro, cicatrizes de facadas, socos.

Mais dois meninos foram assassinados, e o pai acreditou com mais força no pecado original de Eva. “Agora que o último morreu, quero ver quem vai te defender”, ameaçou. Desde

a gravidez do primogênito, ela já levava chutes na barriga, era espancada com cabo de aço. O homem cortou-lhe a perna, pisava em cima do pé. A carne de Eva abria. Aos 13 anos, o garoto andava com dois revólveres na cintura. “Pai, amo muito o senhor, mas se tocar na mãe de novo eu te mato.” E o pai não tocou. “Às vezes penso que foi por isso que morreram. Pra não matar o pai e ficar sem salvação com Deus”, diz essa Eva da Brasilândia, na zona norte de São Paulo. “Mas ele era um bom pai. Não batia neles. Só em mim.”

Noite e dia ela ouve um tambor dentro da cabeça. “Eu todo dia olho pro céu e não acredito que tou aqui e não no hospício. Não acredito, não acredito, não acredito”, diz. Eva repete pelo menos três vezes o final das frases. Como se precisasse repetir para acreditar. Avisa que esqueceu tudo. “Depois que perdi esses meninos meus, minha cabeça tá tão ruim que não lembro mais de nada, nada, nada”, ressoa. “Pedi muito a Deus que me tirasse a memória.” E então lembra de tudo, cada detalhe. Aos 55 anos, o que Eva perde não é a memória, mas os dentes. Desde que o terceiro filho morreu, eles amolecem e caem. “Pronto. Perdi tudo. Morreu tudo. Tudo, tudo, tudo.”

Ao iniciar sua narrativa de morte, Eva avisa: “Fiquei fria, não choro mais, não sinto mais nada. Nada, nada, nada”. Então começa a chorar e não para mais até o ponto final. A história de sua vida sai encharcada. Zeus, na mitologia grega, compadeceu-se do pranto de Níobe, cujos sete filhos e sete filhas foram mortos. Na lenda ele transformou aquela mãe numa rocha que verte água. Foi a forma encontrada pelos antigos para representar a dor sem nome. Mães que perdem filhos assassinados são pedras que choram.

SANGUE NA TORNEIRA

Para alcançar Graça há uma escada em caracol, escura. Ela habita o último andar de um prédio ocupado, na zona

norte do Rio. São dois cômodos e uma cozinha minúscula, onde se amontoam oito pessoas. As paredes externas têm marcas de bala. Dentro, Graça ouve uma bombinha, dessas de festa junina, e se atira no chão. Os netos a seguem. Acham que é tiro.

As crianças perderam os pais. Ela, três filhos. O último em janeiro. Quando o menino de cinco anos dorme, seu olho fica entreaberto, o corpo treme sobre a cama. Ao acordar, tem um olhar vago. Ele todo é um pedido de socorro, precocemente derrotado. Um pedido de socorro sem esperança.

A polícia é acusada de ter matado em março três garotos do tráfico no prédio. Os corpos foram ensacados em plástico preto e jogados pela escada em caracol. Desceram batendo nos degraus. Um deles caiu na caixa-d'água. Os moradores contam que por um tempo a água saiu das torneiras ensanguentada.

Graça lembra que as balas começaram a abrir buracos nas paredes às oito horas da manhã. Uma criança, filho da vizinha, espiou pela janela e quase foi atingida. Os tiros cravaram-se no concreto. “A polícia entrou no meu apartamento, a gente já tava no chão. Botou o fuzil na cabeça do meu marido, disseram que iam matar porque a voz dele irritava”, conta. “Engatinhei até meu marido, tapei a boca dele e vim arrastando. As crianças, no chão, se agarravam na minha perna.”

Ela descreve o país em que vive como dois pedaços partidos. Não há barreira física, concreta, entre a favela e o asfalto. Só uma avenida chamada Brasil. Aparentemente, Graça poderia atravessá-la. Mas os muros mais intransponíveis são justamente os invisíveis. “A gente não tem dinheiro pra sair da favela. Tamos presos”, diz. “Quem tá lá fora não sabe que a gente vive em guerra. Pra eles não somos mais seres humanos. Eu sinto tanto medo, o tempo todo. Queria me esconder embaixo da terra. Embaixo da terra eu me sentiria segura.”

Graça também perde os dentes.

O FUZIL NO PORTÃO

Um dos corpos ensacados que desceram a escada em caracol era o filho de Josefa. O outro, de Francisca. Era de um deles o sangue nas torneiras do prédio. Francisca trabalhou dez aos 48 anos em “casa de família”, no Rio. Nunca alcançou um salário mínimo nem lhe assinaram a carteira. Quando infartou e não pôde mais trabalhar, não teve direito a pensão nem aposentadoria. O marido cata papel no lixão. O filho que morreu foi gari, açougueiro, entregador de verduras na Ceasa. Fez até curso de segurança. Depois de um ano desempregado, virou traficante. Durou um ano vivo. “Ele ganhava 1.500 reais por semana. Pagava meus remédios, passagem, prestação do guarda-roupa, gás, tudo”, conta Francisca. “Não era o que eu desejava pra ele. Sonhava que fosse mecânico. Mas eu aceitava o dinheiro porque não tinha opção.”

Ao chegar do trabalho, o filho deixava o fuzil no portão. Como se fosse a caixa de ferramentas. “Meu filho, não quero esses brinquedos perigosos dentro de casa”, Francisca dizia. Como bom filho, ele obedecia. Enquanto ela tirava o almoço, ele tomava banho. Francisca lavava e consertava suas roupas, velava o sono. Só quando os fogos pipocavam na favela, avisando da entrada da polícia, a mãe era obrigada a lembrar que a empresa em que o filho trabalhava não era comum. Nem legal.

Em março, ele não voltou. “Desde que morreu, estou sem dinheiro pra comprar todos os remédios, a prestação dos óculos venceu. Ficou tudo difícil.” Francisca começa a contar como o filho morreu e passa mal. Diz que é o coração. A filha corre, lhe dá remédio. “Quem mora no asfalto tem medo de nós, acha que gente da favela é bicho”, desabafa. Falta o ar a Francisca.

Nos becos da favela em que ela e Josefa vivem há muitos meninos, magrelas ainda, desengonçados, crescendo. Meninos sem pelos. Bermudas, bonés, pose. Têm fuzis de última geração na mão. Têm mães que num dia próximo vão

enterrá-los. Têm filhos que vão substituí-los. Toda a linha de produção do tráfico é visível em apenas 50 metros do beco abarrotado de lixo, de água podre. Os garotos que morreram, os garotos que ainda não morreram, os garotos que ainda vão pegar em fuzis e morrer depois. E as mães que choram. Todos no lado da cidade que abastece o outro lado. Todos no lado da cidade em que se morre de morte matada.

Na saída, na fronteira invisível entre os mundos, a polícia barra a equipe de reportagem. Tem fuzis AR-15 nas mãos. Apontados para quem sai do carro. Suspeitos por estar do lado de lá — na favela.

POR UM REAL

“Meu bebê, a mãe quer sonhar com você”, repete a cada noite Maria, uma ex-operária de 48 anos. Mas não sonha. O filho estreou no tráfico aos 12 anos como “avião”, garoto que presta favores, leva e traz encomendas em troca de droga ou dinheiro. Aos 16 anos, era tão dependente que havia se tornado imprestável para o negócio. Não era mais confiável, consumiria a mercadoria. Morreu aos 25 anos, em 15 de abril. Desentenderam-se, ele e o traficante, pelo valor de uma pedra de crack. Executado por um real.

“Fiz tudo o que pude pra salvar meu filho. Quando ele começou a quebrar coisas dentro de casa, todo mundo foi embora, e eu fiquei. Quando tomou uma overdose, eu arrastei ele sozinho do trilho do trem e botei na cama. Quando tava muito doido e enterrou a pistola na frente dos outros meninos, eu fui lá, desenterrei e joguei no quintal do traficante pro meu filho não ter problemas depois”, conta a mãe. “Deixava comida e suco pra hora que ele tivesse fome e conseguisse comer. Lavei as cuecas que ele sujava quando tava com diarreia por causa da droga. Dei mãozada nele, gritei, internei em clínica. Quando vi que não tinha jeito, arrumei um lugar em casa só

pra ele usar a pedra sem que ninguém visse, porque não tinha dinheiro pra tirar ele da cadeia.”

Maria juntou o filho do chão porque ninguém mais teve coragem de desafiar o matador. “Levei pro hospital porque achei que ia ressuscitar. Fiquei massageando ele. Vi seu derradeiro suspiro. Lembrei então que o sonho dele era doar os órgãos. Só prestaram os rins e as córneas. O resto a pólvora estragou. Era daquelas balas que explodem por dentro”, conta. “Se você perde o pai e a mãe, é uma dor muito grande, mas você supera. Se perde um filho, a ferida não sara nunca. Meu filho saiu das minhas entranhas, eu carreguei nove meses, eu amamenteei. Eu enterrei.”

O SEGUNDO CAIXÃO

A mãe pagou o caixão do filho por quase cinco anos. O menino estava vivo. Mês após mês, ela acertava uma cartela do carnê: 15 reais. O valor é mais da metade do que ela ganha para lavar, engomar e passar uma trouxa de roupas. O garoto tinha 15 anos quando ela começou a quitar sua morte — e 20 quando o enterrou, duas semanas antes do Natal. No dia seguinte, a mãe começou a comprar o caixão do próximo filho. Ele tem 19 anos e — ainda — está vivo.

Essa saga de morte parece emergir de um conto de horror. A narrativa de uma mãe que compra o caixão de filhos com saúde e menos de 20 anos de idade, à espera de sepultar um após o outro. A história de uma mãe empenhada em velar o corpo vivo dos filhos. Essa saga é vivida por uma mulher miúda, de 44 anos, metro e meio de altura, na periferia de Fortaleza, no Ceará. Ela é a prova de que a realidade pode infligir uma dor que a ficção desconhece.

Enilda tem certeza de que seu segundo filho vai morrer em breve. Como o anterior. “Aos 12 anos, o primeiro já usava toda a droga que há no mundo. O pai dele bateu, eu bati, a gente deu conselho, não adiantou nada. Nunca aceitei nada

dele, cheguei a entregar meu filho pra polícia. Com 20 anos enterrei, com um tiro no pescoço”, afirma. “Agora, tenho outro no mesmo caminho. Chega mordendo os beiços de tanto pó. É horrível comprar caixão pra filho vivo, mas meus meninos vão morrer honestamente.”

A comunidade se mobiliza para receber a equipe de reportagem no cortiço horizontal em que Enilda vive, parede grudada contra parede. Uma vizinha corre a emprestar uma cadeira, a melhor cadeira, para a repórter. Tem um prego nela. Nas casas das mães dos meninos mortos no tráfico, a dor da morte e a dor da vida se misturam, tecem uma narrativa contida no mesmo fio.

Enilda desfia sua história debaixo de um teto bordado por gaiolas de passarinhos. Às vezes fica difícil escutá-la por causa da gritaria de canários e sabiás. Bem mais jovens, ela e o marido espiam de um retrato pendurado na parede. Do tipo em que o artista bate na porta, pega uma fotografia 3x4 de cada um e depois aparece com o quadro pintado. O marido de Enilda parece o Tony Ramos quando era jovem. O comentário faz ela rir muito. Enquanto ri, não chora.

Essa luta de mãe para dar na morte a dignidade que não alcançou na vida de seus meninos é sua única esperança de paz. Não encontrasse um sentido, Enilda não suportaria a insanidade contida no ato de pagar adiantado os sete palmos de chão de um filho após o outro. São perguntas simples que cruzam a cabeça nessa hora. Como ela esfrega, engoma e passa mais de 70 peças de roupa, na mão, e ao final ganha 25 reais? Como o seu marido acorda às três horas da madrugada para fazer pão até a noite para receber 80 reais por mês? Não seria essa a notícia? Que eles ignorem a exploração explícita do trabalho, a indignidade de suas condições de vida, e decidam que seu ato de resistência é ser honesto?

O bairro da periferia de Fortaleza é dividido em regiões pelo crime. Quem mora de um lado não pode passar para o

outro. Se for homem, morre. Se for mulher, leva pedrada, apanha. Um dos últimos a ousar romper a lei não escrita atravessou a ponte porque foi socorrer um amigo. Primeiro o executaram, depois urinaram sobre seu rosto. “Tive de parar de estudar porque a escola fica no outro lado, e eu não podia atravessar”, diz a viúva do filho de Enilda. “Agora que ele morreu, voltei.” Já passou um ano levando comida para o marido preso, já esteve grávida e abortou quando ele foi assassinado. Tem só 17 anos. Sua vida não é contada em tempo. Por isso seu olhar é morto. “Sonho, não tenho isso, não”, diz. É difícil olhar para ela.

No final da tarde, as mães botam os filhos pequenos para dentro de casa. Só voltam a abrir a porta no dia seguinte. Não é fácil ficar trancado dentro de dois cômodos sem janelas num calor tropical. Na casa de Enilda oito pessoas, entre adultos e meninos, e mais de uma dezena de passarinhos dividem o único quarto de dormir. Na proporção, os sabiás têm mais espaço que os humanos. Dá muita vontade de sair, nenhuma de entrar.

Nesse cenário, comum às periferias do Brasil em qualquer latitude, impedir que os filhos vão à rua é um ato de resistência. Quando chegam à adolescência, de impotência. “A gente controla até os dez, 11 anos. Depois, de um dia pro outro, não consegue mais”, diz Enilda. “E o que encontram na rua? Não tem lazer, não tem nada. Tem o tráfico. A pedra tá acabando com os meninos tudinho.”

Para Enilda, mais insuportável que a morte era a vida do filho. “Eu não queria que meu filho morresse desse jeito horrível, mas eu pedi muito a Deus que ele dormisse e não acordasse mais. Não aguentava mais assistir meu filho apanhando da polícia. Pedia pra não baterem, mas batiam. Ele já tinha uma hérnia nos testículos de tanto levar chute”, conta. “Em 20 anos de vida, ficou mais tempo preso que solto.”

Depois de lavar, engomar e passar, Enilda se tranca em casa com os filhos pequenos. Assiste a todas as novelas, em todos os canais, da primeira à última. Só então dorme. No meio da noite ela acorda. Ouve alguém lá fora chamando: “Mãe”. Enilda levanta, abre a porta. “Nunca tem ninguém. Meu marido fica bravo porque eu abro a porta. Eu volto pra cama e choro até de manhã.”

A VIÚVA-CRIANÇA: E A PRÓXIMA GERAÇÃO

Ela tem 14 anos. É viúva. Seu bebê é o que restou do filho mais velho de uma quitandeira chamada Helena. Quando a menina engravidou, tinha 13. No enterro do marido, carregava uma barriga de dois meses. Como o bebê era desejado, seguiu com a gestação.

O pai da criança tinha passado anos na cadeia, era viciado em crack e fazia assaltos. Mesmo assim, ela decidiu engravidar. “Eu tinha comprimido, camisinha, injeção. Mas sabia que se pegasse filho ele não ia me deixar. Ter um filho era o sonho dele”, conta. “Achei que ele ia mudar de vida, que seria um bom pai.”

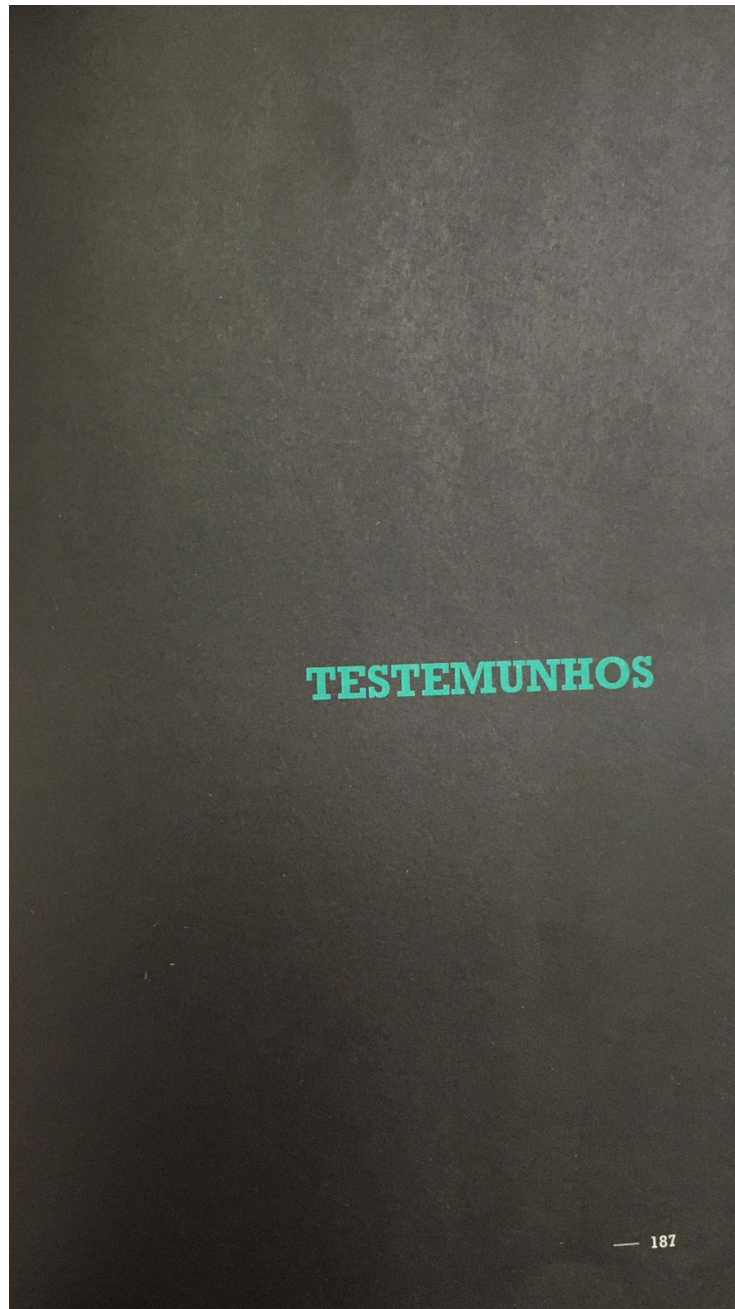
A menina faz parte da geração de viúvas-crianças produzida pela guerra do tráfico. Engravida não porque desconheçam como evitar, mas por desejo. Um marido bandido garante proteção e sustento, um lugar melhor para morar que a casa dos pais, muitas vezes campo minado. Ter filho é também um ritual de passagem que legitima sua posição de mulher na comunidade. “Fiquei com ele porque era bom pra mim. Com ele eu vivia sossegada. Na casa da minha mãe era um fuá medonho”, ela diz. Depois do enterro, a pequena viúva teve de voltar para a casa da mãe. Agora, amamenta seu órfão com ternura.

Sobre a laje da Brasilândia, em São Paulo, Eva espera outro órfão em seu posto de vigia. “Um dia meu neto pode não voltar pra casa. Ele tem dez anos, e já não gosta da escola. O pai

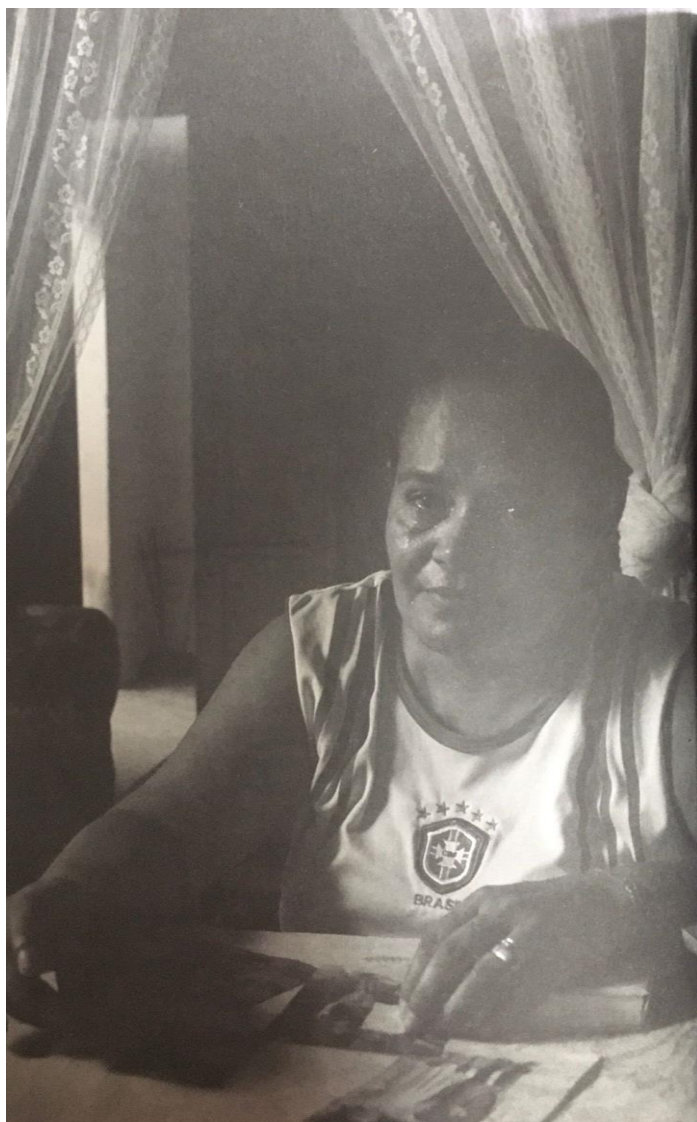
foi assassinado.” Eva já esteve encarapitada sobre a boca da favela antes, à espera dos três filhos. E — uma, duas, três vezes — ela esperou em vão. Quando a cabeça do neto aponta no fim da rua, Eva se alegra por ter ganho um dia. E chora pela cena vazia de amanhã.

Em outra periferia do Brasil, outro neto, criado por outra avó, mãe de outro filho assassinado, também espera. “Tô ficando grande, tô ficando grandinho”, diz o menino ao voltar da escola. “Meu pai morreu por covardia, o cara que matou ele tem hoje 16 anos. Sinto falta do meu pai. Eu queria ele vivo.” O menino tem sete anos. E quer crescer não para ser bombeiro, médico ou jogador de futebol. Quer crescer para matar outro garoto.

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“Um dia eu não suportei. Só tinha eu e meu filho dentro de casa. Ele tinha 14 anos. E eu não sabia mais o que fazer. Decidi botar fogo em nós dois. Saí de casa pra comprar álcool. A dona da mercearia viu como eu tava e não quis me vender. Então fui bater na outra mercearia, mas tava fechada. Voltei pra casa, me deitei na cama e não lembro de mais nada. Os vizinhos disseram que eu comecei a gritar. Eu sabia que meu filho ia acabar morrendo. Era insuportável. Aconteceu anos depois. Foi assassinado pelo traficante. Eu juntei o corpo do meu filho do chão. Lembrei que o sonho dele era doar os órgãos. Só prestaram os rins e as córneas. O resto a pólvora estragou. Era daquelas balas que explodem por dentro.”

Maria Fátima da Silva Souza

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

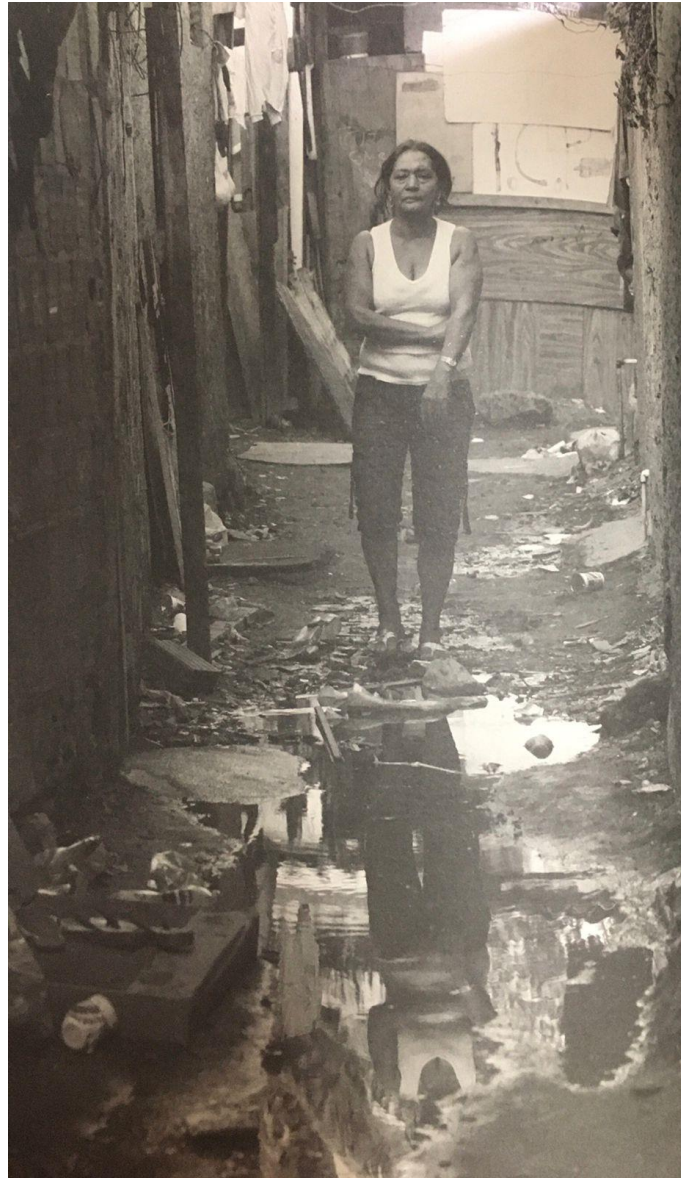


Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“O primeiro que morreu era pequenininho, desse tamanho assim. Setenta e oito facadas. Uma criança. Tinha 13 anos. Vieram me avisar que tava todo furado embaixo do viaduto. O segundo também se envolveu com a droga, eu não tou nem sabendo direito como foi. Dizem que foi assalto. O segurança da farmácia matou ele. Um tiro só. Quando meu primeiro foi morto, meu caçula tinha dez anos. Desde essa idade jurou vingar o irmão. Aos 17 matou o assassino. Tava jurado por ele. Ou matava ou morria. Eu penso que uma pessoa que mata não é mais normal. Não sei se vai continuar vivo. É o último. Só tive esses três filhos. A gente sonha uma coisa e acontece outra.”

Helena Silva Cruz

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

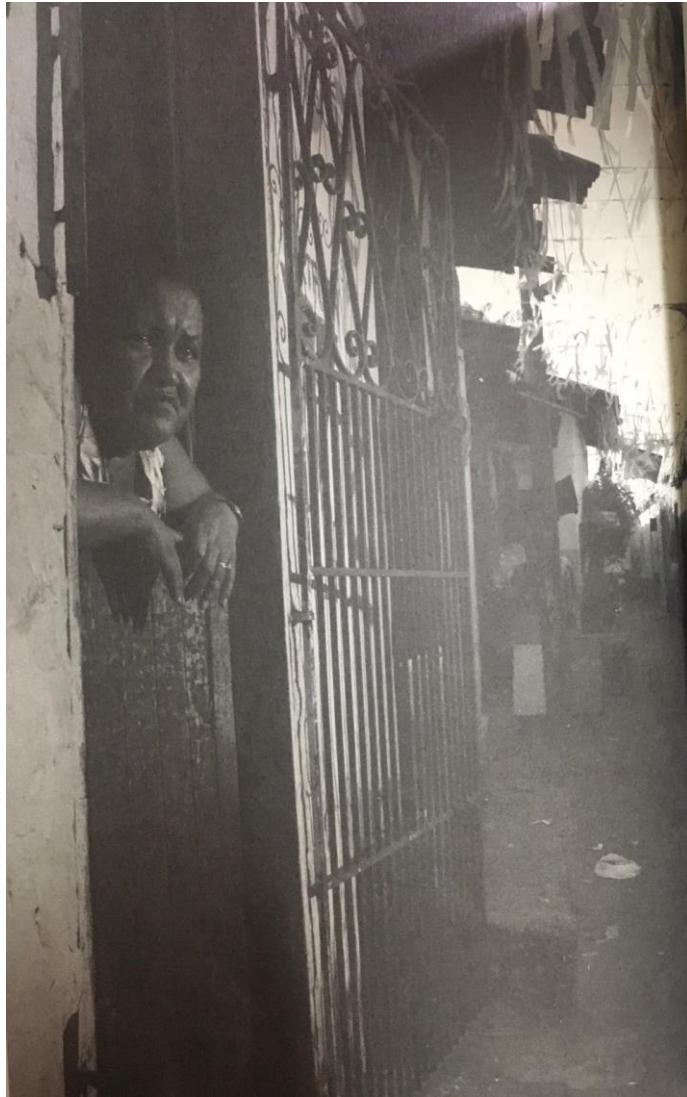


Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

*“Os tiros começaram desse lado da favela logo cedo. Mande
dei minha filha procurar saber. Ela encontrou o irmão morto.
Encurralaram ele. Levou um tiro na barriga que atravessou.
Disseram: o único trabalho que vão ter com esse aqui agora é
enterrar. Guardei a roupa encharcada de sangue do meu filho.
Era um menino bom. Bateram nele. Tava todo roxo, o braço
quebrado. Quando vi o rosto dele assim, no caixão, perdi a co-
ragem. Era eu que tinha de ir primeiro.”*

Josefa Inacio Farias

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

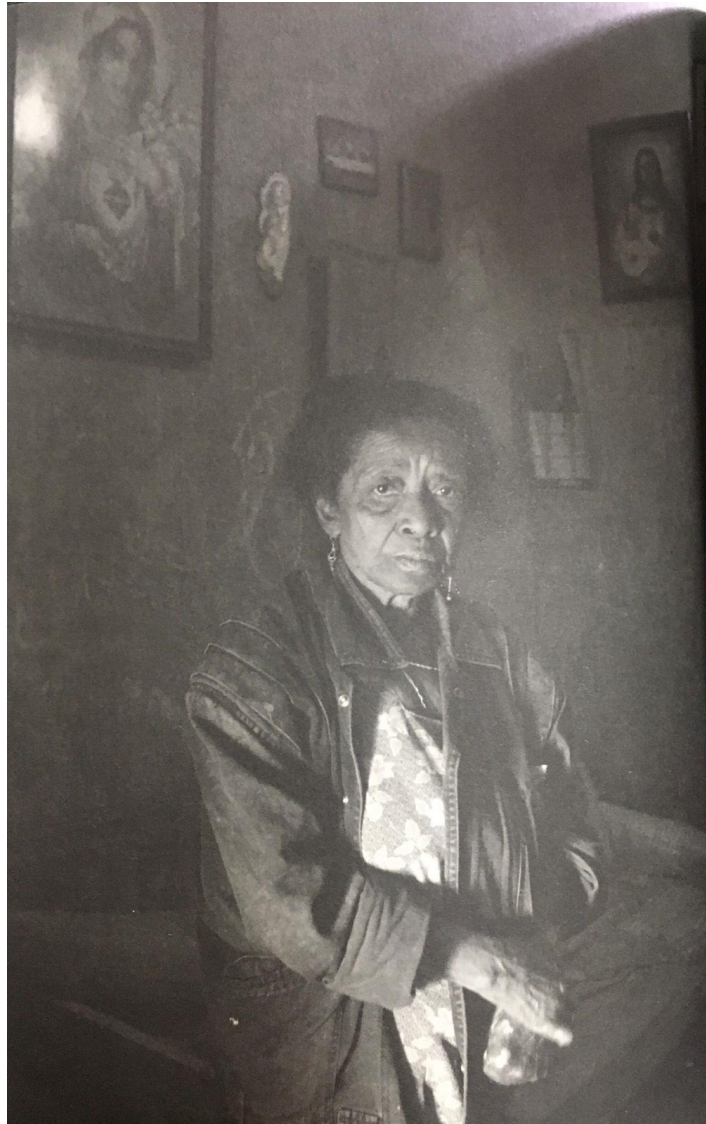


Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“Quando meu filho apareceu em casa com o primeiro tiro no peito, eu comecei a pagar o caixão. Não queria ter de pedir esmola pra enterrar meu menino como vejo tantas mães por aí. No dia em que ele foi morto pela polícia, eu tava com duas prestações atrasadas. O pai dele tinha ganhado um dinheirinho fazendo pão e eu mandei o irmão dele pagar o carnê de manhã bem cedo. Meu filho pôde morrer honestamente. Agora, pago o caixão do meu segundo filho.”

Enilda Rodrigues da Silva

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“Tenho muita lágrima. Choro de dia, choro de noite quando alembro que não tenho mais meta. Quatro filhos matados, um sumido. Quando morreu o terceiro, eu achei que fosse morrer também. Encomendei uma mortalha de tergal branco, muito bem costurada. Quem morreu, numa rixa de traficantes, foi minha filha. Botei nela a minha mortalha. Agora mandei costurar outra, mas azul. Agora eu quero ir de azul. Mortalha azul, caixa azul. Sou apaixonada pelo tempo. Esse mundão que Deus tem pra cima. Azul. Acabou tudo. Esse mundo foi ilusão.”

Selvina Francisca da Silva

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

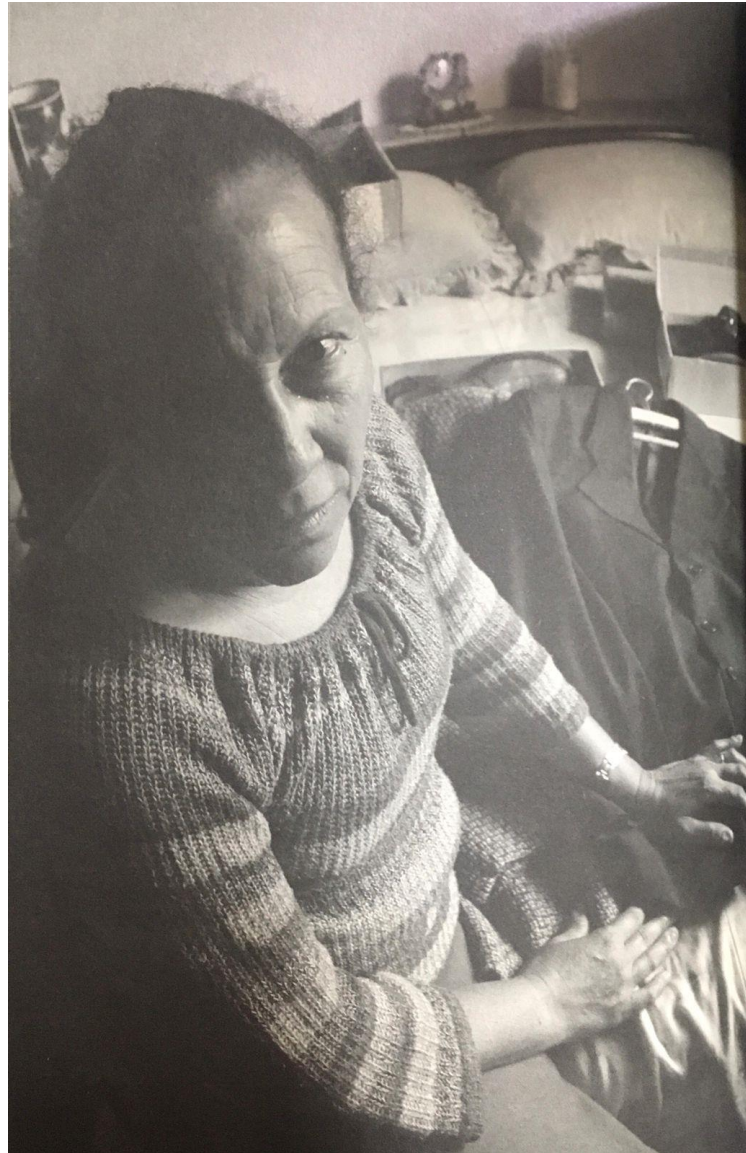


Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“Meu filho vinha em casa almoçar, deixava o fuzil encostado no portão. Começou no tráfico escondido de mim. Um dia eu tava indo na padaria e vi ele com uma pistola na mão. Eu disse pra ele: é assim que você quer viver? Se todo desempregado virar bandido, como vai ficar a humanidade? Você quer me matar? Você sabe que eu vou morrer se acontecer alguma coisa com você, não sabe? Em março, a polícia atirou nele. Ele conseguiu entrar na casa de um morador. Mas gritava porque tava perdendo muito sangue. Pedia que não deixassem ele morrer. A polícia ouviu, arrombou e ele morreu. O tráfico pagou o enterro.”

Francisca Maria da Silva Porfirio

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

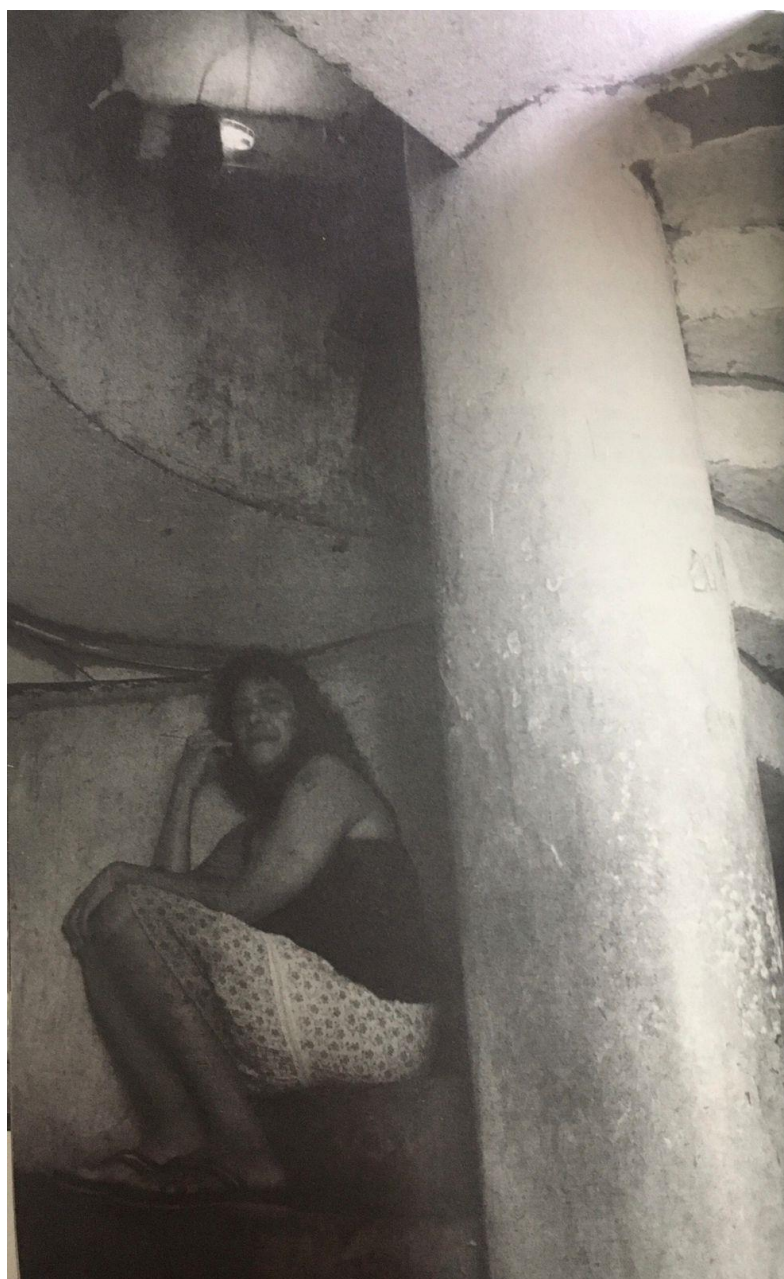


Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

“Até hoje não consigo limpar a cozinha. Eu tinha acabado de arrumar quando bateram na porta. Abri a janelinha. Levaram seu filho, disse o rapaz. Levaram pra onde?, eu perguntei. Quando dizem levaram é porque mataram. Tava no chão, não sei quantos tiros. Tinha 16 anos. O segundo morreu no dia do aniversário do primeiro. Eu procurava ele desde sexta-feira. Ouvi ele me chamando: Mãeeee. Levantei da cama, abri a porta, mas não era ninguém. Continuei procurando no sábado. Nada. No jornal de domingo tava escrito que tinha sido encontrado morto um homem com tênis branco e camisa lilás. Meu filho tava de tênis branco e camisa lilás. Mas não me preocupei porque meu filho não era homem, era menino. Tinha 18 anos. Então descobri que era o homem de que falavam. Foi faca. O terceiro morreu na boca de fumo. Um tiro no peito. Acho que foi a polícia. Tinha 22 anos. Era viciado no mesclado, dizem que é crack com maconha. Minha cabeça bate, bate, bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite.”

Eva Sebastiana Araújo

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

*“O primeiro eu nem sei direito por que mataram. Era ma-
drugada. Tava todo mundo dormindo dentro de casa. Chega-
ram cinco encapuzados. Primeiro torturaram. Depois mata-
ram. Eu só ouvi os tiros. Ele tinha 16 anos. Eu tive um infarto.
O segundo era meu enteado, criei ele. Sumiu aos 18 anos. Sa-
bemos que é falecido. Quando o terceiro foi preso, eu tive um
derrame. Depois recuperei os movimentos. No dia em que ele foi
morto, acordei com uma dor no peito. Me levaram pro hospital.
Eu disse pro médico que ia acontecer uma coisa ruim, por isso
meu coração tava doendo. O médico disse que eu tava imagi-
nando coisas. Eu comecei a gritar no hospital. Me levaram pra
casa a tempo de escutar os tiros. Esse terceiro foi morto pela po-
lícia. Tinha 25 anos. Eu não fui ao enterro de nenhum deles.
Ninguém me conta que morreram. Sabem que eu não quero sa-
ber. Pra mim não morreram. Eu não sei que morreram. Se eu
pudesse, me enterrava.”*

Graça Mary Azevedo Carneiro

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

ANEXO D – A MULHER QUE ALIMENTAVA

18-8-2008

A MULHER QUE ALIMENTAVA

“É tão estranho”, ela diz. “Eu passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado.”

Ela está intrigada com essa traição da vida. Quando fala, sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda a sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. Toda a sua vida havia sido uma sequência de atos. E agora a morte chegava exigindo metáforas.

Lá fora faz sol e os vizinhos vivem na primeira parte do poema de Manuel Bandeira. “Quando o enterro passou/
Os homens que se achavam no café/
Tiraram o chapéu maquinalmente/
Saudavam o morto distraídos/
Estavam todos voltados para a vida/
Absortos na vida/
Confiantes na vida.” Lá dentro, sentadas na sala de sua casa, cada uma em um sofá e uma diante da outra, eu e ela vivemos o segundo ato. “Um no entanto se descobriu num gesto largo e

— 323

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

demorado/ Olhando o esquife longamente/ Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade/ Que a vida é traição.”

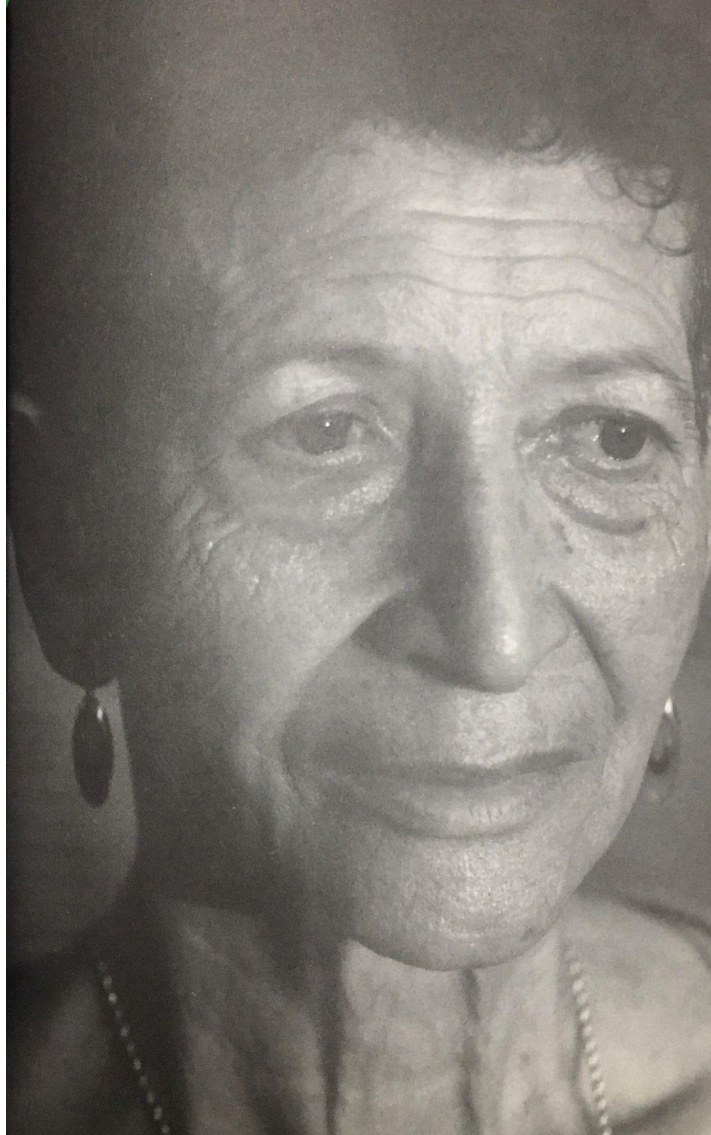
Ailce nunca deixou de se sentir traída por “essa doença”, como se expressa na maior parte das vezes, ou “o tumor”. Não pronuncia a palavra câncer. Quando nos conhecemos, em 26 de março, fazia quase um ano que sua pele amarelara e ela se enchera de náuseas. Ela atravessa um período de grande revolta contra Deus. É dele a traição.

O câncer de Ailce é uma pedra no meio do caminho das vias biliares. O tumor obstrui a passagem e, sem ter por onde escoar, a bile é lançada no sangue e a amarela inteira. Quando ganha essa cor solar, Ailce ainda não tem 66 anos. E acredita viver o melhor tempo de sua vida. “Sem filhos, sem marido, sem compromissos, aposentada, livre”, resume. Ela planeja conhecer as obras de Aleijadinho, nas cidades históricas de Minas Gerais, e a Espanha dos filmes de Sarita Montiel. Descobre que quando viaja esquece de tudo. E, quando a paisagem passa veloz pela janela do ônibus, sente que está indo para onde sempre quis, não importa o destino. “Você já reparou como a gente muda quando viaja?”

Ailce anda de ônibus por todo lado, dança em bailes da terceira idade, tem um romance com um homem mais jovem. “Me sinto leve quando eu danço, solta, solta, livre”, diz. “Você acredita que quanto mais eu danço mais tenho vontade de dançar?” Ela prefere dançar sozinha pela liberdade de rodopiar pelo salão sem que ninguém a conduza. Sempre quis dirigir ela mesma a sua vida. Escolhe seus passos no salão de baile enquanto no interior do corpo que rodopia suas células a traem em silêncio.

Se câncer é a palavra que ela não diz, liberdade é a palavra que repete. De novo a concretude da vida de Ailce. Ela está presa, literalmente.

Ailce de Oliveira Souza



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

Sua vida depende de duas mangueiras fincadas dentro dela. Elas drenam a bile para fora do seu corpo. E deságuam em dois recipientes de plástico que ela carrega numa sacola de supermercado nas andanças pela casa, numa bolsa decorada com as princesas da Disney quando passeia. Um dia um segurança de supermercado olha feio para sua bolsa de bile. Acha que ela está furtando coisas da prateleira. Com vergonha de carregar os líquidos do corpo numa sacola, devagar Ailce vai deixando de sair. Desliga a música dentro de casa. E não dança mais.

Estar presa a horroriza. Passou a vida esperneando para escapar de uma prisão metafórica. E agora está amarrada não aos fios invisíveis que sempre a ligaram às convenções do mundo, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o rio poluído do seu interior. “Acho que a gente não vale nada. Olha o que sai de mim.”

Ailce não sabia que aconteceria. Quando entrou na sala de cirurgia, achava que faria apenas um exame complicado. “O médico cantava para me acalmar. Não lembro a música. Dormi com a anestesia e quando voltei já estava numa maca no corredor. Eu tremia muito. Senti um calafrio, um frio muito grande. Já tinha um cobertor dobrado em cima de mim, e a enfermeira jogou outro. Mas eu não me aquecia. Então o médico mandou aplicar uma injeção, e eu fui me acalmando. Aí vi os drenos e descobri que estava presa.”

Ela logo descobre que sou um terceiro fio na vida dela. Nunca tivera a oportunidade de falar muito de si mesma. Desse dreno de palavras ela gosta. “A gente fica guardando coisas por toda a vida. Quando eu falo, parece que elas vão se soltando dentro de mim. Me liberto.” Na outra ponta desse fio, eu também me sinto presa a ela.

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dava um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o pico do Everest, nem decifrou uma espiral do

DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu.

Ao narrar sua história, ela começa a decifrar pequenas singularidades até então despercebidas numa existência em que o tempo foi devorado por turnos de trabalho. Ailce percebe que não há como dar sentido à morte, mas ela pode dar sentido à vida. Só assim poderá suportar a superfície fria de um fim que já toca com as mãos. Para viver tão perto da morte, ela precisa adivinhar a tessitura da vida. Do contrário, só lhe restam aquelas mangueiras sintéticas.

Ailce sempre desejou se “libertar” e, como muitos de nós, nunca conseguiu definir muito bem de quê. Descobre então que terá de enfrentar não a Medicina, mas a Poesia: “Temos, todos que vivemos/ Uma vida que é vivida/ E outra vida que é pensada/ E a única vida que temos é essa que é dividida/ Entre a verdadeira e a errada”.

Intuitivamente ela sabe que sua sanidade depende de enfrentar o caos da vida, mais do que o da morte, que é só um ponto final, em geral improvisado. E então, com esforço e não sem sofrimento, ela poderá se apaziguar com os pontos soltos, os padrões interrompidos, as costuras tortas da trama do vivido. Para ela, o mais difícil é aceitar que alguns bordados ficarão por fazer. Ou, pior, serão tecidos sem ela.

Quarta filha entre nove, ela é a penúltima com o nome iniciando por “a”. Ailton, Amilton, Adailton, Ailce. E depois Adilson, Deusdete, Osvaldo, José Adnnann e Berenice. “Era muita gente”, ela diz. “Eu sentia falta de espaço, de um lugar só meu.” No fim de sua vida ela tem não apenas um canto, mas uma casa só sua. Ampla, dois andares, ela é a encarnação em concreto de seus esforços. Pela casa ela sacrificou muito. Quando adoeceu, descobriu que a casa se transformara numa prisão. Tudo o que quer agora é se libertar da casa. Mas a cada semana, a cada mês, seu espaço encolhe. Primeiro, o portão da rua marca a fronteira de seu

mundo. Depois, a porta da frente. Em seguida, seu território é circunscrito ao segundo andar. E, por fim, tudo o que tem é o quarto.

Ailce então fecha a janela na cara do sol e não sai mais da cama. Nessa época, ela descobre que é possível viver na memória. E refaz o itinerário de sua vida. Ela nasceu em São Romão, uma cidadezinha mineira forjada em histórias de sangue. E sua infância cabia num vão entre a largueza do São Francisco e um riacho de nome Escuro, que banhava a fazenda da família. Crescera cercada de água por todos os lados, mas tinha medo de nadar. Seu pai havia sido capitão de porto, delegado de polícia, juiz de paz. Sua mãe era uma mulher forte, e este era seu segundo casamento. Do primeiro, aos 13 anos, ela fugira com uma filha de nome Maria pela mão. Mantinha a casa e os filhos asseados, sempre calçados, as toalhas alvas, costuradas e bordadas por ela, a cozinha mergulhada numa névoa de vapores perfumados.

Essa memória olfativa feita de temperos, toicinho e doçura misturada nas panelas de ferro da mãe acompanharam Ailce por toda a vida. Perto da morte tornam-se mais vivas. Quando as toxinas liberadas pelo tumor envenenam o corpo, e ela enjoa de tudo, Ailce lembra do feijão com carne de porco, do pão de queijo, dos biscoitos de polvilho. E sua boca castigada é afagada por uma saliva de infância. Ailce, que já não consegue comer, delicia-se em banquetes de lembranças, lambuzava-se com a comida da mãe, morta anos atrás. Dezoito quilos mais magra, e já sem forças para andar até o banheiro, ela ainda suspira por uma broa de dona Santa.

Ailce deixou a casa dos pais aos 18 anos. Devagar, São Romão foi encolhendo diante de suas ânsias de mulher jovem. Parecia até que a cidade, antes tão larga, tinha criado paredes. “Me criei num mundo em que preto era preto, pobre era pobre, fazendeiro era fazendeiro, doméstica era

doméstica”, conta. “Eu queria ir pra frente, sempre quis conhecer coisas novas.”

Escorregou no mapa e desembarcou em Guarulhos, no estado de São Paulo, na casa de um irmão mais velho. E de novo se sentiu confinada. Mudara de geografia, mas não de sina, e para ela os 60 não foram anos loucos. Ailce foi operária, costureira, moça de fábrica. E foi entre linhas, agulhas e bobinas que teve as primeiras revelações sobre sexo, quando uma colega contou ao voltar da noite de núpcias que não só doía, como ao final jorrava um líquido branco e pegajoso do membro do homem. Ailce arquivou a informação para não fazer cara de surpresa quando sua hora chegasse.

Nessa época Ailce se apaixonou por um rapaz claro, de olhos verdes, e ela, que sempre foi muito prática, deu para devaneios. Espremida na cama de armar que dividia com outra inquilina na cozinha, Ailce, que não era de mostrar os dentes, falava de amor e ria à toa. No sábado, anunciava: “Hoje vamos pro baile de vestido novo”. Ailce costurava então uma saia bem rodada para cada uma, orgulhosa de sua cintura de 54 centímetros. Muito mais tarde, ela vai esquecer os fios sintéticos fincados no seu fígado ao lembrar de seu vestido de organza azul. Mas o moço bonito não queria saber de casamento, e Ailce chaveou o coração.

Desde aqueles dias, ela jamais deixou de sair de casa bem vestida, de salto alto, batom na boca e um par de brincos nas orelhas. “Ailce vem à consulta muito bonita, cabelos pintados, brincos, salto alto, bem arrumada”, escreveu a médica Maria Goretti Maciel no prontuário da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, em 2 de abril. Mais de uma vez Ailce entrou no hospital com as pernas bambas, mas sobre saltos. “Eu sou muito chata”, ela diz, para explicar sua teoria de que uma mulher só pode aparecer em público impecável. Ailce vai morrer quando perder os saltos sobre os quais

se equilibrou mesmo nos declives da vida. Talvez por isso, quando ainda não consegue pronunciar a palavra morte, ela usa a metáfora “cair”. “Eu não vou cair”, ela diz. “Eu não aceito cair.”

Aos 23 anos, ela tomou uma decisão pragmática. Casou-se com um operário chamado Jaime, irmão de um vizinho, dez anos mais velho. Ele era um rapaz alinhado, que não botava a cabeça fora de casa sem brilhantina, sem um lustro nos sapatos. “Eu não queria mais morar na casa dos outros, queria ter um lugar meu”, diz Ailce. “Ele era honesto, trabalhador, andava de terno e gravata, tinha uma família boa. Casei.”

Ailce não poderia saber que um moço assim tão distinto teria ganas de beber além da conta. Nem que uma parte considerável do seu futuro seria gasta no destino sempre triste — e sempre tão lugar-comum — de mulher de alcoólatra. No caso de Ailce ainda mais triste porque nada tinha da originalidade que ela planejara para si. Assinou o livro do cartório convicta de que o amor romântico era uma ilusão que não cabia mais no mundo adulto que a esperava. E talvez tenha sido essa a primeira capitulação de Ailce diante dos seus sonhos. Quando adoeceu, há muito a aliança tinha sumido de seu dedo. “Não serve mais”, diz. “Está apertada.”

O marido “era da raça de espanhol, tinha sangue quente”. E esse fogo todo acabou incinerando Ailce, que já casou com o primeiro filho aconchegado numa curva da barriga. Só muito mais tarde ela soube que havia um nome para o que sentiu quando Marcos nasceu de cesariana. Primeiro foi um amor imenso, quando contou cada dedinho da mão e do pé, e repetiu muitas vezes a soma de dez, só para ter certeza. Depois ela chorou sozinha, com vergonha de seus pensamentos. “Eu não queria aquela vida, queria uma vida diferente”, ela diz. “Então rejeitei.”

Muitos anos depois, quando os programas de domingo passaram a falar de assuntos de mulher, ela ficou aliviada ao descobrir que tivera uma depressão pós-parto, comum a muitas mulheres, e não uma crise existencial na qual indagou o que fora feito de suas grandes esperanças. Quando aquelas primeiras semanas de maternidade viraram meses, ela voltou a sentir por aquele filho um amor tão imenso que perto do fim ainda acredita que nenhuma mulher cuida tão bem dele quanto ela.

Quando a segunda vida pediu passagem dentro dela, Ailce chorou de novo. Mais uma vez o marido bebera demais e escalara a cama para deitar-se com ela. Ailce agarrou um cobertor e enroscou-se no chão. Sentia-se presa numa teia que não planejara tecer. Será que era por isso que tinha tanto medo de aranha? “Chorei, chorei, chorei. Não era essa vida que eu queria pra mim”, diz. “Aí fui me acalmando. Talvez meu bebê fosse uma menina, e eu queria muito uma menina.” Luciane nasceu miúda, alérgica a leite e com o gênio forte das mulheres da família. Era uma menina estranha, que desde os sete anos escondia-se na cama da mãe para não ser assaltada por coisas do outro mundo.

Esses filhos tão diferentes dão a Ailce as duas pontas com as quais ela amarra o fim de sua vida. Marcos, que se formou em Pedagogia e, como Ailce, fez concurso para funcionário de escola, cuida das feridas do corpo da mãe. Aos 42 anos, ele é um homem quieto, que tranca as emoções em algum lugar entre o coração e o estômago e raramente perde a calma. Ao entrar numa sala ocupa um canto. Quando a mãe adoece, ele aprende a fazer os curativos, a esvaziar os frascos e a limpar os drenos, administra seus remédios e prepara seu café da manhã.

Quando ela se torna mais fraca, Marcos passa a lhe dar banho. “Não fica com vergonha da mãe, meu filho”, diz Ailce. “A mãe também deu muito banho em você.” É esse filho



Ailce, com o filho
Marcos e o neto Ramom

Luciane dança para a mãe



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

silencioso, com a coragem de enfrentar a carne da mãe, que transforma o horror da doença num carinho cotidiano. Pelo toque ele torna possível para Ailce suportar um corpo em que a bile escorre no lado externo.

Ao igualar-se a um corpo infantil para vencer a interdição entre mãe e filho, Ailce assinala a perda do feminino nela. “A doença me tirou tudo. Eu perdi peito, bunda, cintura, tudo”, diz. “Não sobrou nada.” Ailce então se preocupa cada vez menos com a nudez de um corpo que a trai de todas as maneiras. E que parece pertencer somente à doença.

A figura miúda de Luciane está sempre no centro. Ela preenche o silêncio com palavras e, como a mãe, encontra sentido na ação. Depois de crescida, apaziguou-se com o sobrenatural virando mãe de santo na tradição do candomblé. Luciane vasculhou a história da família e descobriu que a avó materna era cigana. No Rio de Janeiro, onde vive com o marido, faz uma festa anual em homenagem a uma ancestral chamada Carmen que fala em espanhol pela sua boca. Ailce aceita o mistério. E ela, que nunca aprendeu o idioma, conversa com Carmen como uma velha amiga.

Luciane dá à mãe uma dimensão mística da vida. Pelas mãos dessa filha, Ailce encontra significados para um estar no mundo que para ela foi sempre tão concreto. Luciane lhe dá uma história que avança além da sua, e lhe dá um lugar nessa história. Perto do fim, sua pequena vida passa a fazer sentido numa trama maior. A cada novembro é ela que acende a fogueira da ancestralidade, vestindo saias coloridas, e sua figura se reveste de uma solenidade que resiste ao comezinho de uma vida de cartão de ponto. Depois ela rodopia ao som do violino cigano e ali, finalmente, sem tocar o chão, apalpa com os pés no ar uma liberdade que até então ela só pressentira. E por ter um passado antes do nascimento, terá um futuro depois da morte.

Do meu lugar às vezes incômodo de observadora de um quadro familiar, ora na cena, ora fora dela, me pergunto se esses filhos, cada um ao seu modo, compreendem o tamanho do que dão à mãe. Eles não são irreconciliáveis, como às vezes acreditam, mas complementares. Ailce precisa do que cada um deles pode dar, até o fim.

Ailce só descobriu o tumor quando foi enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, depois de sete meses de tratamento em outro setor do hospital. Ela suspeitava do diagnóstico, mas preferia não ter certeza. Na Enfermaria, a verdade a encurrala. “Antes, os médicos falavam lá na língua deles, palavras científicas, e eu não entendia. De vez em quando eu escutava a palavra tumor. Mas nunca perguntei”, afirma. “No Paliativos me contaram. Eu fui perguntando: Escuta, doutor, o que eu tenho é grave? Os médicos disseram que era um tumor. Eu perguntei se era maligno, disseram que sim. Mas não pode fazer cirurgia? Aí fizeram um desenho. Me mostraram que era um tumor que estava num lugar onde não podia ser mexido. Eu pensei, bom, não dá pra tirar, mas vou fazer quimioterapia e ficar boa. Só que o oncologista disse que eu não podia fazer quimioterapia. Então comecei a cair em mim. Me revoltei. Achei que Deus não existia. Eu, que sempre quis ir mais além, não podia mais ir a lugar algum.”

Ailce conta — e imediatamente “esquece” o diagnóstico. Nas visitas seguintes, ela me testa: “Acho que não tem mais nada dentro de mim”. Ailce deseja muito que eu confirme seu pensamento mágico. Nessas horas, eu sinto dor na garganta, pelas palavras que não posso pronunciar, mas que gostaria muito de dizer.

Incapaz de enfrentar meu silêncio, ela contemporiza. “Ainda bem que eu não tenho dor. Eu não suportaria ter dor.” Lourdes, contratada para limpar a casa, cozinhar e cuidar dela, a socorre: “Você não tem câncer. Eu tinha uma

tia com câncer e ela gritava de dor. E cheirava mal, era um cheiro tão horrível que ninguém chegava perto dela. Você não tem cheiro nenhum. Eu tiro seus lençóis e suas roupas e não tem cheiro nenhum. Pra mim você não tem nada". São duas mulheres sozinhas naquela casa, e uma delas tem uma sentença de morte. Elas me observam com o canto do olho, temerosas de que eu desmanche com palavras o frágil equilíbrio de seu milagre.

É início de abril, e Ailce está feliz porque o apetite voltou. É resultado do tratamento paliativo, que ameniza as náuseas, o conjunto dos sintomas. "Repeti o prato na hora do almoço", anuncia. Ailce mima suas orquídeas, conversa com suas plantas, suja-se de terra, comparece às festas de família, quer comprar roupas novas, pegar um ônibus para atravessar a cidade. Suspira por atos banais, mas que agora se enchem de raridades: um banho de chuveiro, a água caindo sobre ela sem medo de ferir os buracos por onde passam os drenos; dormir de bruços, que não pode mais. Ailce vive dias ensolarados. Está comendo, está curada.

E eu também preciso comer. Ela não permite que eu deixe a sua casa sem antes repetir o bolo, o pão de queijo, o biscoito. Criada no interior, esse é um ritual que compreendo. Só mais tarde percebo que, para Ailce, oferecer comida é a chave de uma vida. Ela tornou-se merendeira de escola depois de passar num concurso público com nota 9,5. Por 27 anos alimentou crianças pobres. Na segunda-feira pela manhã acolhia-os com uma caneca de leite para que tivessem forças de entrar na sala de aula. Era dela a missão de mantê-las vivas, era ela que operava o milagre de fazer crianças quase desmaiadas correrem pelo pátio.

Ailce adorava esse poder. Seu pai queria pagar seus estudos de professora, ela não quis. Desejava ser enfermeira, não conseguiu. Encher a barriga de crianças famintas emprestava grandeza à sua vida. "Nunca cheguei atrasada, trabalhava

doente porque sabia que elas precisavam de mim. Eram crianças muito carentes, sabe? Nossa, aquelas crianças comiam com tanto gosto. Eu fazia sopa, fazia leite com cacau, fazia sagu. Era muito gostoso. Às vezes fazia seis caldeirões de 40 litros. E elas comiam tudo. Tudo, tudo. Na segunda-feira era um tal de criança desmaiar, passar mal. Porque ficavam sábado e domingo sem se alimentar. Na segunda chegavam pálidas, com os lábios brancos, sabe? Era assim. Elas tomavam aquilo com tanto gosto, coitadinhas. Eu acho que era só aquilo que tinham pra comer. Eu não podia fazer nada fora da escola, mas dentro delas comiam à vontade.”

Antes de ser enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, um médico, sem coragem de contar a ela a verdade, lhe disse: “Você precisa comer bastante para ganhar peso. Então, quando você estiver mais forte, com mais energia, poderemos operá-la”. Ele não sabe o que fez. Comer, ficar forte e melhorar é o mantra da vida de Ailce. É tudo o que faz sentido para ela.

Semanas antes de morrer ela ainda tem as unhas cravadas nessa esperança. As médicas da enfermaria lhe asseguram que o tumor não pode ser retirado, mas ela se mantém presa à única chance de continuar viva que lhe deram. Entre um médico que lhe acenou com uma possibilidade de cura e todos os outros que só têm a verdade para dar, é óbvio que ela prefere acreditar no primeiro. Melhorar, portanto, agora é responsabilidade dela. E ela, que sempre encheu a barriga de todos, não consegue encher a sua porque tem náuseas. E porque não consegue comer não tem forças para a cirurgia. Sem cirurgia não há cura. Seu réquiem alcança então as notas mais dramáticas: Ailce não só morrerá, como morrerá por sua culpa.

Em meados de maio, Ailce piora. Os enjoos retornam com mais força, a comida não passa na garganta. A equipe da visita domiciliar, do Serviço de Cuidados Paliativos, é



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)

cada vez mais assídua. Desentope os drenos, faz curativos, resolve o que é possível para que Ailce não gaste seus dias numa cama de hospital. Os medicamentos são substituídos em consultas ambulatoriais, mas ela está numa fase crítica da doença. O desespero por não conseguir se alimentar a consome. Ela pede às médicas que lhe deem remédio “pra abrir o apetite”. Mas nenhuma comida é preparada do jeito que ela instruiu, todo tempero se torna amargo em sua boca. Ailce culpa a mulher que ocupa seu lugar na cozinha por não fazer por ela o que passou a vida fazendo pelas crianças desmaiadas. Na intimidade da casa é um tempo de grandes dramas para as duas mulheres. Ailce alcança o insuportável: ela, que sempre alimentou a todos, morrerá porque não consegue comer.

Ailce mede 1,40 metro, mas briga como se tivesse tamanho de jogadora de vôlei. Em junho já é difícil levar o copo à boca sem derrubar a água, botar uma perna na frente da outra para caminhar. Mas ela faz tudo isso. Tremendo, cheia de fúria. “Tira a mão do meu braço que eu ando sozinha”, diz. “Mas a senhora cai”, preocupa-se a filha. “Não caio”, retruca. A filha tenta lhe dar café com leite. Ela cerra os dentes. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba o café, mas é ela quem segura a xícara com as duas mãos. Pergunto a Ailce por que é tão importante segurar aquela xícara. “Eu tenho de ser eu, entende?” Descubro ali que ela morrerá quando não puder mais segurar a xícara. Morrerá quando o último vestígio de autonomia escapar de suas mãos amareladas e se espatifar no chão.

Nessa época, Ailce beira o impossível: tinha “esquecido” da doença, mas a doença não esquecerá dela. Culpa os médicos porque não observa “progresso”. Pelo menos duas vezes a família cogita consultar outros profissionais, hospitais diferentes. Em seguida desiste. Teme o que ouvirá no

final da consulta. Prefere não dinamitar esse último espaço de dúvida.

Então a tempestade chegou. Na manhã de 19 de junho, depois de uma noite de sonhos descontraídos, Ailce anuncia que quer morrer. Não me parece que queira. O que está dizendo, pelo avesso, é que quer viver. Do jeito esperneante dela, pede ajuda. Uma hora mais tarde a encontro na lanchonete do hospital, com os olhos boiando em lágrimas, as mãos tremendo, sentada com duas desconhecidas que lhe falam do “deus do impossível”.

À espera da consulta no ambulatório, Ailce revolta-se: “Quero uma definição. Não vejo melhora. Naquelas cirurgias de coração, que tem de ligar nervo por nervo, eles conseguem resolver. Por que não amarram isso dentro de mim?”. Ailce não só esqueceu do que os médicos lhe explicaram muito tempo antes, como esqueceu também do que havia contado a mim menos de dois meses atrás. Pela primeira vez, interfiro: “Fale tudo o que está sentindo nessa consulta. Tire todas as suas dúvidas”.

A médica abraça Ailce com carinho. O sol atravessa a janela e parece ligar as duas mulheres sentadas uma diante da outra, iluminadas como num palco. Ailce diz: “Eu não sei o que eu tenho”. Maria Goretti responde: “Será que você não lembra da nossa primeira conversa?”. Ailce não lembra. “Eu lhe contei que tinha uma pedra no meio do caminho.” Ailce ouve a explicação de novo — e de novo seus olhos acompanham a mão da médica riscando num pedaço de papel a arquitetura da morte dentro dela. “Mas não dá pra pular aqui por cima e juntar aqui?” Maria Goretti diz: “Não, infelizmente não dá para fazer um viaduto”. Desta vez, Ailce avança: “Então não tem cura? Então isso vai até quando...” E interrompe a frase.

Toca o celular da médica. A música é a trilha do filme *Missão: impossível*. Ela desliga.

“A vida de todo mundo vai chegar ao fim um dia. A sua, a minha”, diz a médica. “Paliativo vem de *pallium*, que quer dizer manto. É o que a gente faz aqui. A gente joga um manto sobre a doença. O tumor vai lançando toxinas pelo corpo e isso provoca sintomas. Os medicamentos abrem o apetite, amenizam a náusea, melhoram a ansiedade. Mas um dia não vamos mais conseguir abrandar os sintomas. Quando esse dia chegar, meu compromisso com você é o de nunca abandoná-la. Vamos cuidar de você até o fim.”

Ailce deixa o consultório ereta, os olhos secos. Está de salto alto. O pé falha, não encontra o chão. Pela primeira vez, ela se apoia no meu braço. Mas ainda é ela: “Será que se eu engordasse um pouco não daria pra fazer cirurgia?”. Pela primeira vez, me autorizo a falar: “Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Nunca importou. Não é culpa sua. O tumor é que está num lugar de onde não pode ser tirado”. Ela me olha com a esquina do olho e diz: “Acho que já tinham me contado. Mas não dá pra lembrar de tudo”.

Em julho, Ailce não sai mais da cama, nem mesmo abre a janela. Mergulhada numa escuridão que não depende da rotação do planeta, ela prefere deixar o sol do lado de fora. Usa fraldas porque não alcança o banheiro, sente frio mesmo quando faz calor. Mas ainda conta histórias e não me deixa sair de sua casa sem repetir o bolo. “O passado faz a gente viver, não sabe?”

Na segunda-feira, 14 de julho, seu quarto tem cheiro de morte. E seu corpo parece menor sobre a cama. “Meu tempo está acabando”, ela diz. E eu sei que é verdade porque ela parou de brigar. A revolta se extingue dentro dela, e a voz se suaviza. Quando Ailce toma água, ainda segurando o copo com as próprias mãos, reclama que o gosto é amargo. Ela sempre temera a dor, e a dor havia chegado. “Estou amarrada por dentro. Sinto cheiro de podre.”

Ailce descreve todas as mortes da família. Do pai, que morreu em casa, da mãe, no hospital, do marido, de doença de Chagas, do irmão, num acidente. Depois desse inventário do fim, ela conclui: “Agora sou eu que estou no finzinho”.

À noite, a dor aumenta. Ailce pede à filha que chame o Preto Velho. Quando a entidade que assume muitos nomes nas religiões afro-brasileiras se manifesta, pela boca de Luciane, Ailce pede: “Me leva. Nada mais me prende nesse mundo”. O Preto Velho brinca com ela. “Não é tão fácil assim, minha filha. No céu tem fila. Vou ver se consigo uma vaguinha pra você cuidar das crianças.” Nesse contrato místico, Preto Velho promete à Ailce que a levará ainda naquela semana. Em conversa reservada, explica à família: “Está tudo tomado. Ela sente como se tivesse espinhos dentro dela”.

Pensei muito sobre como descrever essa noite. E cheguei à conclusão de que a morte é dela. Ailce tem fé. E uma fé bem ecumênica. Desde que adoecera, nunca recusou ajuda espiritual. Toda semana recebia a hóstia de voluntárias católicas e nunca deixou de abrir a porta para padre ou pastor. Mas é quem ela chama de Preto Velho que a conforta na madrugada mais longa de sua vida. “Eu vou, mas eu volto”, ele diz. “Eu vou estar com você, vou segurar a sua mão. E vou preparar um caminho de lírios para você passar. Nós dois estamos velhinhos. Eu empresto minha bengala e meu banquinho. Quando eu cansar, você levanta e eu sento. Quando você cansar, eu levanto e você senta. Você não está doente, seu corpo está. Sua alma está limpa. E você é uma flor.”

Na manhã seguinte, Ailce deixa a sua casa pela última vez. E pela derradeira vez desce a escadaria. Desce carregada porque não tem forças, seus pés estão descalços e não mais encostam no chão. Lourdes soluça. E promete fechar bem a porta. A papagaia há dias já não come. E o cachorro Dunga, chorando, se esconde dentro da casinha quando a

vê passar. Na despedida da mulher que a habitava, a casa parece agonizar.

Na cama do hospital, na Enfermaria de Cuidados Paliativos, Ailce me pede que arranque as meias do seu pé. “Não gosto de me sentir presa”, explica. Está morrendo e suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa. Ela então pergunta: “Acho que a história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim. O que você acha?”. Eu me acovardo. “Não sei.” Seus olhos amarelos me perfuram. “Não sabe?” Eu minto. “Acho que não falta mais nada.” Ambas sabemos que falta a morte.

Eu preciso dizer: “E é uma vida bonita”. Ela pede uma confirmação: “Você acha, Eliane?”. Eu asseguro: “A senhora sempre brigou pelo que queria, criou seus filhos, construiu a casa que sonhava, matou a fome de tantas crianças. A senhora viveu”. Ela conclui, para que eu não esqueça: “E eu fiz tudo isso sem nunca pedir nada a ninguém”.

Os remédios fazem efeito e ela escorrega para um sono tranquilo. A médica Veruska Hatanaka esforça-se para que ela não sinta dor, mas consiga se despedir da família. É uma arquitetura química delicada. Luciane tem 40 graus de febre e sente todas as dores da mãe. Marcos traz a mulher para se reconciliar com a sogra. Ailce tenta sorrir e pergunta pelo único neto, Ramom, de seis anos. Às vezes acorda para pedir água, e faz questão de segurar o copo. “A água está mais doce agora”, diz. Ailce já não tem fome. E isso não mais a machuca. Mas, ao abrir os olhos, tarde da noite, ela pergunta se eu comi.

Na quarta e na quinta-feira, Ailce só dorme. Ao redor da cama se alternam os irmãos, os vizinhos, os amigos. Eles contam histórias da vida dela. Seu irmão caçula coloca uma mão grande sobre o seu rosto, uma mão de trabalhador, e chora: “Eu te amo muito. O que você quer que eu faça por você? Você quer um café, quer que eu traga um café pra

você?”. Ela abre os olhos, reconhece e balbucia: “Eu também te amo”. E volta a dormir. “A gente dormia na mesma cama de armar, na cozinha”, conta uma amiga. “Eu namorava um rapaz que era a cara do Elvis Presley, e ela namorava o Maurício, um loiro de olhos claros.” Ri e chora. “Meu pai era muito apaixonado por ela”, diz Luciane.

Uma fotografia desse momento mostra Ailce na cama e a família ao redor. Parece um teatro da realidade. Há um movimento em cada um deles, nela nenhum. Eles falam dela, mas ela não está lá. Ailce se retira do palco, e a vida de todos ali seguirá sem ela. Fragmentos de existência esvoaçam ao seu redor em forma de lembranças enquanto ela morre. Mas Ailce ainda escuta. Abre os olhos sempre que alguém pronuncia o nome do neto. E, quando ficamos sozinhas, eu digo: “Muito obrigada por ter me contado sua história. Eu vou escrever uma reportagem linda sobre você. E nunca, nunca, vou me esquecer de você”. Percebo então que nenhuma outra pessoa confiara tanto em mim. Em muitos momentos eu fora a única testemunha da sua vida. Eu escreveria, e ela estaria morta. Ailce confiou em mim para escrever uma história que ela jamais leria.

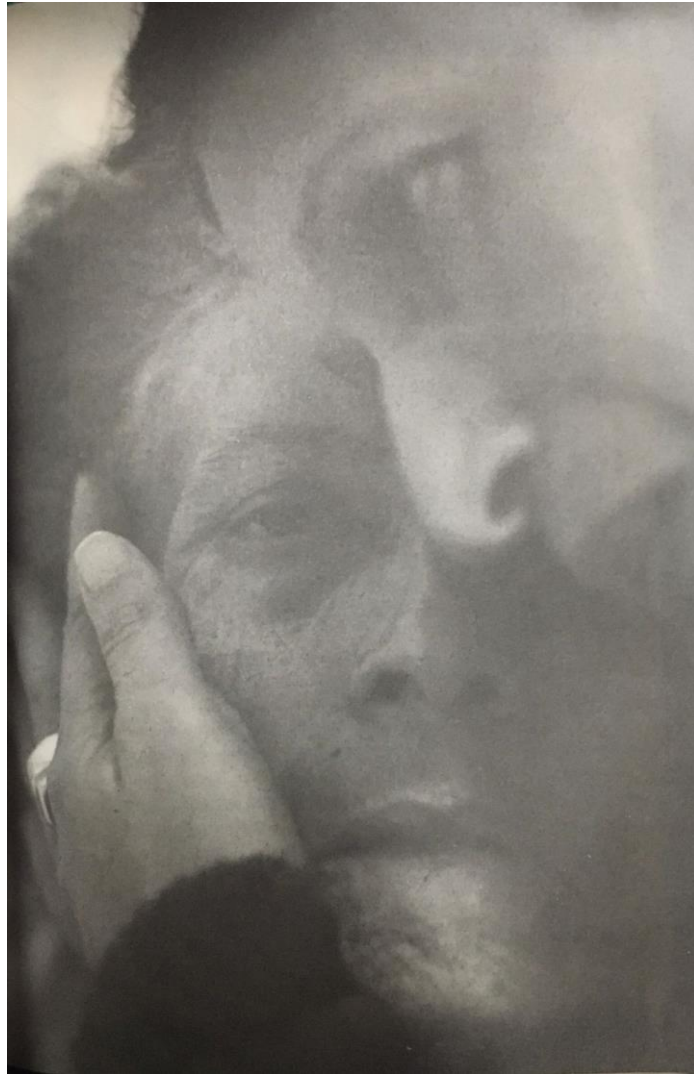
Na sexta-feira, 18 de julho, Ailce desperta depois do banho. Está inquieta. É difícil entender o que ela diz. Pede água, mas agora é preciso umedecer um pedaço de gaze e colocar entre seus lábios. Ela sofre, se mexe, e ninguém sabe de onde tira forças para contorcer o corpo devastado. Já não há movimento nos drenos. Ailce começa a arrancar a roupa. Fica nua. No final da manhã, a médica Juliana Monteiro de Barros a liberta dos fios sintéticos de sua vida. Ailce finalmente está livre.

Quando os filhos chegam, Ailce os reconhece. Ela esperava por eles. Então volta a dormir. Às 15h50 ela abre os olhos de repente. Está lúcida. Enquanto seus olhos erram pelo quarto, Luciane diz: “Vamos dançar, mãe. Vamos botar

nossa roupa pra gente dançar. A senhora está vestida de cigana e está linda. Já curou, mãe. Não tem mais nada dentro de você. Não tenha medo, estou segurando a sua mão. Vou lhe ajudar a atravessar. Está todo mundo esperando pela senhora. Eu te amo tanto, mãe. Muito obrigada por tudo”.

A filha desenha com pétalas brancas o contorno do corpo da mãe. O olhar de Ailce é de infinita tristeza. Seus olhos vagam pelo quarto e se cravam na câmera. E sua respiração apaga devagar.

Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)



Fonte: O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real (2008)